UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO

Luciana de Queiroz Telles Maffra

PARAISÓPOLIS:

Impressões visuais e sonoras

SÃO PAULO
2012

Luciana de Queiroz Telles Maffra

PARAISÓPOLIS:

Impressões visuais e sonoras

Dissertação apresentada e revisada como requisito para a obtenção do título de Mestre, pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação do Departamento de Comunicação e Educação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

Orientador(a): Profa. Dra. Lucilene Cury

São Paulo

2012

Luciana de Queiroz Telles Maffra

PARAISÓPOLIS:

Impressões visuais e sonoras

Dissertação apresentada e revisada
como requisito para a obtenção do título
de Mestre, pelo Programa de Pós-
Graduação em Ciências da Comunicação
do Departamento de Comunicação e
Educação da Escola de Comunicações e
Artes da Universidade de São Paulo.

Aprovado em ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Componente da Banca Examinadora – Instituição a que pertence

Componente da Banca Examinadora – Instituição a que pertence

Componente da Banca Examinadora – Instituição a que pertence

AGRADECIMENTOS

Aos moradores da Comunidade de Paraisópolis, pelo acolhimento,

À Profa. Dra. Lucilene Cury pela visão ampla de mundo,

Aos colegas de trabalho, professores, amigos e familiares que compartilharam de minhas experiências,

À Profa. Dra. Liana Gottlieb pelas valiosas contribuições ao redirecionamento deste estudo,

Às professoras: Profa Dra. Maria Conceição Parahyba Campos e Profa. Ana Carolina Camin Fernandes que me auxiliaram na revisão do texto e na diagramação desta pesquisa.

MAFFRA, Luciana de Queiroz Telles. Paraisópolis: impressões visuais e sonoras. Dissertação apresentada como requisito para a obtenção do título de Mestre, pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, do Departamento de Comunicação e Educação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

RESUMO

No ano de 2009 visitei, pela primeira vez, a Comunidade de Paraisópolis, situada na Zona Sul da cidade de São Paulo, com o intuito de propor às lideranças locais uma pesquisa que unisse os temas: mulher, rádio e comunidade. Esta experiência resultou na monografia de especialização *lato sensu* "Ideias radiofônicas pelas mulheres da comunidade de Paraisópolis", entregue à Faculdade Cásper Líbero, em São Paulo, orientada pelo Prof. Dr. Irineu Guerrini Junior. No ano de 2010, ao ingressar no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, pretendia dar continuidade à primeira pesquisa, no entanto, circunstâncias diversas redirecionaram o estudo para outras indagações, que partiam também das visitas à comunidade de Paraisópolis: Como a globalização influencia lugares como Paraisópolis? O que dizem os moradores dessa comunidade sobre seu cotidiano? Como a comunidade se mostra em seus espaços públicos?

Durante a busca de respostas a essas indagações, realizei uma vasta pesquisa bibliográfica sobre a comunidade de Paraisópolis. Posteriormente, realizei uma pesquisa de campo, entre 21 de fevereiro a 6 de março de 2011. Neste período, os acontecimentos diários, nas diversas regiões da comunidade, foram registrados, em 120 imagens fotográficas. Dessas 120 imagens, 15 foram analisadas, acompanhadas de 12 registros de relatos orais de moradores da comunidade.

A história de Paraisópolis e seus dados atuais, associados às observações, fotografias e relatos orais dos moradores, esboçam um perfil dessa população. Os resultados desta pesquisa mostram que a comunidade se comunica por meio de seus espaços públicos e pela fala de seus moradores. Ao contrário do que se imagina, a Comunidade de Paraisópolis se mostra como um microcosmo, um espelho da cidade de São Paulo em miniatura, rico em possibilidades e significações.

Palavras-chave: Globalização. Cotidiano. Comunidade. Urbanismo. Cidade.

MAFFRA, Luciana de Queiroz Telles. Paraisópolis: impressões visuais e sonoras. Dissertação apresentada como requisito para a obtenção do título de Mestre, pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, do Departamento de Comunicação e Educação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

ABSTRACT

In 2009 I visited for the first time, the Paraisópolis Community, located in the South Zone of São Paulo City. The intention of my visit was propose a research to local leaders that would discuss some themes, like: woman, radio and community. This experience resulted in the lato sensu specialization monograph, called "Ideias radiofônicas pelas mulheres da comunidade de Paraisópolis", delivered to Faculdade Cásper Libero, São Paulo, directed by Prof. Dr. Irenaeus Guerrini Junior. In 2010, when I join the Graduate Program in Ciências da Comunicação, by Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, I wanted to continue the first study, however, several circumstances redirected the study to other questions, which also departed from visits to Paraisópolis Community, like: How globalization affects places like Paraisópolis? What the Paraisópolis residents say about their daily lives? How the community enjoy your public spaces?

During the studies, I conducted an extensive literature search about Paraisópolis community. Later, I conducted a survey, from 21th February to 6th March 2011. During this period, the happenings in the various regions of the community, were recorded in 120 images. Of these 120 images, 15 were analyzed. 12 oral histories of community residents were recorded too.

The story of Paraisópolis and its current data, added to the observations, photographs and oral histories of residents, outline a profile of this population. The results of this research show that the community communicates through its public spaces and through residents' speech. The Paraisópolis Community shown itself as a microcosm, like a mirror of São Paulo city, like a São Paulo city's miniature, rich in possibilities and meanings. Although no one see like this.

Keywords: Globalization. Everyday. Community. Urbanism. City.

SUMÁRIO

PARTE A. INTRODUÇÃO.....	8
1.1. Justificativa do trabalho	8
1.2. Problemática e Hipóteses.....	11
1.3. Objetivos do estudo.....	12
1.4. Metodologia da pesquisa.....	12
PARTE B. DESENVOLVIMENTO	17
2.1. Iniciando o trabalho.....	17
2.2. A cidade de São Paulo.....	18
2.3 A globalização e o lugar.....	24
2.4. Comunidade Paraisópolis: Passado e Presente.....	38
PARTE C. ESTUDO DE CAMPO	63
3.1. Um pouco sobre imagens	63
3.2. As imagens de Paraisópolis.....	65
3.3. Um pouco sobre linguagem.....	95
3.4. As falas de Paraisópolis.....	99
PARTE D. CONSIDERAÇÕES FINAIS	114
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	117

PARTE A. INTRODUÇÃO

1.1. Justificativa do trabalho

Figura 1: Sem título. Por: Luciana Maffra

O interesse em conhecer Paraisópolis iniciou-se durante o curso de pós-graduação lato sensu, da Faculdade Cásper Líbero, ao estudar a história das rádios comunitárias no Brasil, quando participei como colaboradora na Rádio Universitária desta instituição. Como fonoaudióloga, apaixonada pela voz humana, eu já havia realizado pesquisas com radialistas na rádio USP em 1996, num programa de aprimoramento, promovido pela FUNDAP (Fundação do Desenvolvimento Administrativo), em conjunto com o Curso de Fonoaudiologia da Universidade de São Paulo. O tema do rádio sempre esteve presente em minhas pesquisas e estudos e, em busca pela fusão dos temas: rádio, comunidades e mulheres, deparei-me com o projeto “CEMINA”, desenvolvido no Rio de Janeiro, em 1988, pela comunicadora Taís Corral. (Este projeto reuniu, por vinte anos, informações sobre gênero, educação e comunicação, iniciou com o programa "Fala Mulher" , em 1988 , integrou a “Rede de Mulheres no Rádio”, de 1995, e prosseguiu em 2002, com o projeto Cyberela¹). Outra influência em minha pesquisa foi o filme "Uma onda no ar", de Helvécio Ratton, lançado em 2002, inspirado na história da “Rádio Favela de Belo Horizonte”.

Em agosto de 2009 procurei a “União de Moradores de Heliópolis (UNAS)”, que já tinha experiência com rádios comunitárias. Mas, devido a fatores externos (em especial à distância), fui ao encontro da “Comunidade de Paraisópolis”, localizada na zona Sul de São Paulo que, por uma década, lutava para ter sua rádio comunitária.

Bastou um simples telefonema para as portas se abrirem! Entrei em contato pessoalmente com as lideranças locais, em especial com a presidente da “Associação de Mulheres de Paraisópolis”, Sra. Juliana Rodrigues. Agendamos diversos encontros e, graças à sua mediação, foi possível realizar uma pesquisa para unir duas de minhas paixões: as mulheres e o rádio. Realizei visitas à comunidade e entrevistas na sede da “União de Moradores e do Comércio de Paraisópolis”. Posteriormente, visitei o “Centro de Educação Infantil de

¹ Projeto que integra Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) numa rede de comunicadoras populares.

Paraisópolis”, também auxiliada por sua diretora, Sra. Tânia Schaundert. A pesquisa envolveu quatorze mulheres da comunidade e constitui-se de entrevistas fechadas, cujo objetivo principal era conhecer os possíveis conteúdos para uma programação da rádio local, voltados exclusivamente para mulheres. Este estudo resultou na monografia: "Idéias Radiofônicas pelas mulheres da Comunidade de Paraisópolis", orientada pelo Prof. Dr. Irineu Guerrini Júnior, da Faculdade Cásper Líbero. Após a conclusão dos dados, agendou-se uma reunião final com a Sra. Juliana Rodrigues para a apresentação dos resultados e das propostas para a continuidade do trabalho. Pretendia-se realizar, nos meses subsequentes, algumas palestras sobre a voz e os cuidados vocais, com o intuito de estimular a participação feminina na rádio comunitária. Por indicação da Sra. Juliana Rodrigues, entrei em contato com a Sra. Cristina Sales, do CEU Paraisópolis e propus uma palestra inicial de esclarecimento sobre voz e higiene vocal. Houve retorno e quinze dias mais tarde uma reunião foi agendada, mas devido a motivos externos, este encontro foi cancelado no dia anterior e, infelizmente, não houve mais contato por parte da instituição para retomar o projeto.

Assim, outro projeto começou a esboçar-se: reunir grupos de mulheres para construírem, juntas, uma programação local para elas, com base nos dados da pesquisa realizada em 2009. Neste caminhar, encontrou-se na comunidade outro elemento fundamental para a continuidade do estudo: a história, que está no centro da vida cotidiana dos indivíduos.

Em se tratando desse elemento fundamental, a história, vale resgatar que Paraisópolis, como o próprio nome se refere, tem uma origem enigmática. Seu surgimento se entrelaça com o crescimento da cidade de São Paulo, partindo de um pequeno loteamento, no bairro do Morumbi, local que já havia sido uma plantação de chá e local de criação de rebanhos. Nos tempos atuais é difícil imaginar a seguinte cena: o chá, os animais, a vegetação e uma população humilde de trabalhadores recém-chegados à metrópole que, ao poucos, se agregou ao local. A favela, nascida na década de 1920, é uma das mais antigas do Brasil e é composta, majoritariamente, por uma população nordestina. É a segunda maior favela da cidade de São Paulo e a quinta maior do Brasil, perdendo apenas para a favela de Heliópolis, em termos de extensão e número de habitantes. Ocupa um terreno encravado na Zona Sul de São Paulo, próximo ao elegante bairro do Morumbi. De loteamento à favela, de favela à comunidade, Paraisópolis hoje se tornou um bairro.

Paraisópolis, no início de sua formação, era um aglomerado de barracos de madeira. Na segunda metade do século vinte contava com menos de dois mil moradores e, hoje, depara-se

com uma realidade que se impõe: mais de noventa mil habitantes. Ao chegar a Paraisópolis descobre-se um ambiente denso, de casas amparadas umas nas outras. Não há árvores... Mas, olhos vagueiam pelas moradas de alvenaria. O desmatamento e a ocupação desordenada do local contrastam com os condomínios de luxo do Morumbi, reino de Narciso, situados em vias bem planejadas e arborizadas... Tão longe, tão perto.

Paraisópolis sugere a comunicação em todos os sentidos. Ao contrário de muitos bairros da cidade, as pessoas estão na rua: circulam e conversam, sentam-se, observam e acolhem os recém-chegados, há sorrisos e boas vindas. No espaço físico-geográfico estritamente delineado de Paraisópolis, o outro se manifesta nas sonoridades, falas e gestos. O espaço público tem sentido nas ruas, vielas, muros e paredes.

Na teoria, esse espaço vital se define por todo lugar de uso comum e posse coletiva que pertence ao poder público. No cotidiano de Paraisópolis, ele se sucede além do espaço doméstico e da economia de mercado. Aos poucos, a espontaneidade e a fluidez se contraem. Ao andar dentro da comunidade, nota-se que Paraisópolis é cercada por um muro, ao lado da Rua Herbert Spencer, pelo Cemitério do Morumbi e pela Avenida Giovanni Gronchi. A topografia acidentada da região torna o caminhar difícil. Além disso, o transporte público é insuficiente: um obstáculo à circulação de pessoas e suas trocas com outras regiões da cidade.

Indaga-se o tempo todo: quais seriam os motivos para Paraisópolis permanecer um local desfavorecido ao lado de outro cheio de privilégios? E por que, num ambiente tão espontâneo, os outros estão ausentes, desconhecidos?

O que se admira é que a cidade de São Paulo cresceu e se expandiu junto com a comunidade. Os caminhos trilhados por ambas foram, de certa forma, semelhantes e paralelos. A comunidade surgiu como um espaço que, mesmo sem querer, está presente em todos os cantos da cidade. Seus habitantes são trabalhadores que, há décadas, contribuem para o crescimento da cidade, seja na construção civil, nos serviços domésticos e no cuidado de pessoas. Mas, o que a cidade tem retribuído a essa comunidade?

No período em que estive realizando minha pesquisa inicial fui, conquistada pelos moradores de Paraisópolis. Qualidades como hospitalidade, perseverança e luta estão presentes em todas as partes. Aos poucos, muitas situações que pareciam invisíveis revelaram-se, como por exemplo: a importância de suas mulheres. Elas estão em toda parte e, sem nada a dizer, elas deixam seus rastros em cada casa, comércio ou escola onde passam.

Essas indagações, associadas aos meus interesses pessoais, conduziram-me novamente a um estudo sobre a comunidade de Paraisópolis, por uma trajetória tortuosa, porém muito gratificante e desafiadora. Uma das inquietações presentes o tempo todo se referia às contradições que cercam a vivência de uma comunidade como Paraisópolis, com tantos elementos locais, em meio a um mundo globalizado.

1.2. Problemática e Hipóteses

Glocalização é um termo que une os sentidos, a globalização e o local. Em termos gerais, seria a presença do local ou de seus elementos na cultura globalizada. Nesse percurso, algumas hipóteses surgiram: a comunicação não verbal, encontrada nos espaços públicos da comunidade, é glocalizada? Existem formas cotidianas de comunicação social presentes no ambiente físico dos espaços públicos de Paraisópolis, que não são conhecidas? Os relatos orais dos moradores da Comunidade são compatíveis com a comunicação não verbal encontrada?

Figura 2: Sem título. Por: Luciana Maffra

Hipótese 1: A comunicação verbal e não verbal encontrada na comunidade de Paraisópolis (nos espaços públicos e nos relatos orais de moradores) é glocalizada. Tenho a impressão que existem elementos da cultura local associados a outros elementos da cultura global. Penso que muitos moradores da comunidade utilizam a fala para expressar suas dificuldades e anseios cotidianos.

Hipótese 2: A comunidade se mostra na comunicação não verbal (em seus espaços públicos) e verbal (nos relatos de moradores).

Paraisópolis mostra-se como um conjunto de enunciados. Imagino que para se conhecer um lugar é preciso observar e perceber os sentidos imprecisos que se apresentam, ir ao encontro do imaginário presente nos saberes e fazeres de uma cultura.

1.3. Objetivos do estudo

1.3.1. Objetivos gerais

O foco deste estudo é conhecer as formas pelas quais a comunidade de Paraisópolis se mostra via comunicação verbal(relatos orais de moradores) e não verbal(nos espaços públicos). A comunicação social desenvolvida na comunidade é glocalizada?

1.3.2. Objetivos específicos

Figura 3: Sem título. Por: Luciana Maffra

Nos capítulos subsequentes, pretende-se apresentar os conceitos teóricos que permitam compreender a realidade de Paraisópolis: cidade, cidadania, espaço público, globalização, lugar, pobreza, favela, comunidade.

Pretende-se situar a comunidade na história da cidade de São Paulo, integrando sua origem aos dados atuais da região e adicionando observações do trabalho de campo.

Finalmente, quinze imagens intendem registrar o cotidiano da comunidade, com base em idéias de análise da imagem, além de doze relatos orais de seus moradores, que foram coletados na pesquisa de campo.

1.4. Metodologia da pesquisa

Diante das muitas possibilidades, a pesquisa etnográfica surgiu espontaneamente. O contexto, as características encontradas, do local e da população, possibilitaram este tipo de abordagem. Cabe lembrar que a pesquisa etnográfica insere-se nas pesquisas de cunho qualitativo. Trata-se de uma modalidade de estudo muito estimulante e enriquecedora, tanto para

Figura 4: Sem título. Por: Luciana Maffra

o pesquisador, como para seu objeto de estudo, pois utiliza o trabalho de campo e a observação como ferramentas principais. Essa forma de conhecimento teve seu início oficial no início do século vinte, por meio de estudos antropológicos em tribos indígenas. É um ramo da Antropologia Social.

Na atualidade, a cidade e os espaços urbanos são ambientes privilegiados e convidativos para os estudos etnográficos pois, além de permitirem a observação acurada, a coleta de dados no "aqui e agora", as pesquisas agregam dados visuais, por meio da realização de imagens (fotografias, desenhos, filmes) e dados sonoros, por meio da captação de sons (falas, ruídos ambientais e músicas).

Como dito anteriormente, o interesse pela Comunidade de Paraisópolis surgiu a partir de uma pesquisa realizada em 2009, sobre uma rádio comunitária e uma associação de mulheres.

A pesquisa iniciou-se, precisamente, em setembro de 2009 e incluíram diversas visitas à comunidade e o registro gravado dos relatos orais de quatorze moradoras em diversos espaços comunitários. As entrevistas versaram sobre temas para a programação da rádio local. Essa experiência resultou em monografia do curso de pós-graduação lato sensu em Comunicação Social, pela Faculdade Cásper Líbero, São Paulo – SP.

O pré-projeto de pesquisa apresentado para o Programa de Mestrado em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, de início, pretendeu dar continuidade ao trabalho realizado junto às mulheres da comunidade de Paraisópolis e da rádio local, por meio da elaboração de uma série radiofônica sobre o tratamento de resíduos sólidos. A escolha do tema não foi aleatória, pois foi um dos assuntos citados pelas mulheres nas entrevistas da pesquisa anterior, realizada em 2009. Pretendia-se reunir grupo mulheres da comunidade em reuniões quinzenais, para que, juntas, criassem os programas, elaborando os conteúdos, o roteiro e a veiculação no rádio, sob a observação participante da pesquisadora.

Na pesquisa inicial, poesias, contos e músicas surgiram para ilustrar o tema:

"Aquele boneca velha, toda rota, quase nua. Por uma menina rica foi atirada na rua/ uma pobre lavadeira que passava nessa hora, pensando em sua filhinha apanhou-a sem demora//. Ao vê-la a menina pobre bateu palmas de contente, Como é linda foi dizendo, ó que bonito presente/, Assim a boneca velha pela rica desprezada, Achou na menina pobre sua mãezinha adorada". (FREITAS, Walter, *A boneca*).

Aos poucos, realizou-se um levantamento bibliográfico inicial sobre os três temas principais: a radiodifusão, as mulheres e os resíduos sólidos. No mês de abril de 2010, contatou-se o Prof. Dr. Luciano Martins Maluly, da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, que atua na área de radiodifusão e, por sua indicação, contatou-se o Prof. Dr. Paulo Rogério Gallo, da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo, que, em 28 de abril de 2010, destinou duas horas de sua agenda para uma orientação abrangente sobre o tema. Ambos os professores citados ministram, juntos, uma disciplina de pós-graduação na Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo, voltada para a radiodifusão comunitária na área de saúde coletiva. Cada qual em suas respectivas áreas de conhecimento apontou possíveis dificuldades da pesquisa, sendo que algumas delas se sobressaíram: o público alvo, a forma de veiculação dos programas e a problematização muito ampla (o estudo dos resíduos sólidos envolveria, não apenas a educação ambiental, mas considerações sobre a sociedade de consumo e a comunicação de massa).

Entre 30 de junho e 5 de julho de 2010 contatou-se o Instituto Pólis – Instituto de Estudos, Formação e Assessoria em Políticas Culturais², por meio da Sra. Tania Maria Masselli, responsável pelo Centro de Documentação Informação do Pólis. Uma extensa bibliografia sobre gênero e resíduos sólidos, com ênfase em estudos latino-americanos, foi por ela disponibilizada.

A partir do mês de agosto, segundo semestre de 2010, a pesquisa foi redirecionada, devido a algumas dificuldades que não permitiram o seu andamento. Uma das dificuldades encontradas foi a impossibilidade de espaço na agenda da rádio comunitária de Paraisópolis, inaugurada em setembro de 2010. As lideranças locais da comunidade já possuíam uma grade extensa de programação radiofônica e a faixa de programação destinada às mulheres já estava definida, assim como os conteúdos a serem veiculados. Outra dificuldade concerne ao espaço de atuação: onde realizar as reuniões quinzenais e como proceder à sua divulgação? Mesmo que ao final da pesquisa fosse produzido um dispositivo, (por exemplo, um Cd ou Mp3) teria ele a possibilidade de ser veiculado na rádio da comunidade?

A partir desta constatação, foi proposto realizar um levantamento bibliográfico extenso sobre a comunidade e pensou-se em, posteriormente, realizar um trabalho focado, em formato de estudo de caso.

² <http://www.polis.org.br/>

A revisão bibliográfica sobre a Comunidade de Paraisópolis abrangeu o período de 1980 a 2011, quando foi possível encontrar um vasto material de pesquisa (duas teses de doutorado, dezesseis dissertações de mestrado, sete trabalhos de conclusão de curso, dezoito artigos científicos, três livros realizados por instituições de ensino superior - públicas e privadas - do Estado de São Paulo), o que ressalta a importância dessa região da cidade.

Dentre as instituições de ensino superior que realizaram estudos sobre o assunto, destacam-se: Universidade de São Paulo, Universidade Estadual Paulista, Universidade Federal de São Paulo, Universidade Estadual de Campinas, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Universidade Presbiteriana Mackenzie e Universidade de Santos. O mapeamento destes materiais apresentou contribuições em diversas áreas: Administração Pública, Arquitetura e Urbanismo, Artes Visuais, Ciências da Informação, Comunicação Social, Psicologia Social e Saúde. As pesquisas específicas destas contribuições figuram nas referências ao final deste estudo.

Outros dados de Paraisópolis foram encontrados na Biblioteca BECEI de Paraisópolis, como duas monografias de conclusão de curso e diversos recortes de jornais. Nos arquivos públicos foram encontrados: um livro, dez recortes de jornais, um recorte de revista e nove fichas catalográficas dos logradouros de Paraisópolis. Uma pesquisa em dois veículos de informação privados foi realizada: “Folha de S. Paulo”, versão impressa e “O Estado de S. Paulo”, versão on line, de 2009 a 2011. No período entre 2009 e 2011, no veículo “Folha de S. Paulo”, versão impressa, houve quarenta e quatro artigos sobre a Comunidade de Paraisópolis, sendo que quarenta e oito por cento destes apresentam situações de violência na comunidade. No mesmo período “O Estado de S. Paulo”, versão eletrônica, apresenta cinquenta e cinco artigos, oitenta e cinco por cento dos quais referem-se à violência naquela região. Os dados referentes aos meios de comunicação compuseram uma tabela comparativa.

O material de pesquisa foi consultado e algumas informações compuseram parte deste estudo. Dando continuidade à pesquisa, uma visita à Estação do Conhecimento do Programa Einstein para a Comunidade de Paraisópolis (PECP)³ foi realizada como parte da disciplina Infoeducação: acesso e apropriação de informação na contemporaneidade, ministrada pelo Prof. Dr. Edmir Perrotti e pela Profa. Dra. Ivete Pieruccini, da Escola de Comunicações e

³ <http://estacaodoconhecimentoeinstein.blogspot.com/>

Artes da Universidade de São Paulo. A partir dessa visita, deu-se início ao processo de trabalho e estudo de campo.

O trabalho de campo não foi estruturado. Não houve planejamento algum. Não se utilizou formulário e nenhum equipamento de registro sonoro foi usado. É importante ressaltar que, na pesquisa anterior de 2009, muitos moradores mostraram-se incomodados pela presença do gravador e alguns se negaram a dar entrevistas. Sendo assim, o trabalho de campo se deu dentro do período de férias da pesquisadora, equivalendo a quinze dias. Foram realizadas observações no local e as anotações foram feitas no final de cada dia. O fato da pesquisa não ter sido planejada, antes de sua realização, tornou-se uma vantagem, visto que muitos dados foram observados e registrados e, ao final do estudo, possibilitaram uma visão abrangente do cotidiano da comunidade. Devido ao grande volume de anotações, cerca de 30 laudas, apenas algumas destas descrições estão relatadas na parte B desse estudo.

Entre 21 de fevereiro e 6 de março de 2011, o trabalho de campo foi concluído. Neste estudo, empregou-se a observação dos participantes, em situações cotidianas: relações com o transporte público, com as escolas, com o comércio, com os serviços de saúde, com suas habitações e seus momentos de lazer. As falas de moradores foram registradas após as situações conversacionais. Observou-se que as informações sobre Paraisópolis encontram-se distribuídas em ambientes convencionais (bibliotecas, arquivos, meios de comunicação) e não convencionais (a rua, os muros, a escola, relatos orais).

A definição de informação é complexa. Em linhas gerais, informar é transmitir algo a alguém, trata-se de codificar e transmitir um conteúdo por meio de um canal. Desta maneira o “arquivo”, tão procurado numa pesquisa, pode ser compreendido como um sistema de enunciados, discursos em suas múltiplas existências e durações. A etapa final desta pesquisa de pós-graduação abrangeu a produção de cento e vinte imagens da comunidade, sendo que quinze delas são analisadas neste estudo e outras surgem ao longo do texto. Todas as imagens foram produzidas pela pesquisadora. Pelo fato de a pesquisadora não ser fotógrafa profissional foi consultado o Prof. Dr. Atílio Avancini que, além de auxiliar na seleção das imagens, indicou leituras valiosas. Os critérios de escolha das imagens envolveram: os locais públicos de Paraisópolis, as imagens onde transeuntes apareciam espontaneamente e o cotidiano da comunidade. Nenhum adulto ou criança foi fotografado de forma direta, por questões de privacidade. A descrição de campo, as imagens e os relatos orais utilizaram-se da escrita como fio condutor.

PARTE B. DESENVOLVIMENTO

2.1. Iniciando o trabalho

Figura 5: Sem título. Por: Luciana Maffra

Como dito anteriormente, o pré-projeto de pesquisa tinha outro direcionamento. Pretendia-se continuar um trabalho já desenvolvido na comunidade, envolvendo o rádio e as mulheres. O objetivo principal era elaborar, em conjunto, uma série radiofônica que enfatizasse o tratamento de resíduos sólidos. Além de o tema “educação” ter sido o mais citado nas entrevistas da pesquisa anterior de 2009, o tema “tratamento dos resíduos sólidos” foi o terceiro tema mencionado. Como era de se esperar, assuntos ligados à saúde da mulher já estavam incluídos na programação da rádio comunitária local. O pré-projeto previa a realização de reuniões em grupo quinzenais, mediadas pela pesquisadora, que auxiliaria com conhecimentos técnicos. Nestas reuniões, as mulheres elaborariam conteúdos, escreveriam o roteiro e definiriam a forma de veiculação dos programas no rádio. Todos os passos estariam sob a observação da pesquisadora.

A pesquisa seguiu outro rumo e a nova orientação foi à busca de autores ligados ao estudo do cotidiano. Posteriormente, algumas delimitações foram estabelecidas: a história da cidade de São Paulo e a história da comunidade de Paraisópolis.

Dando continuidade à pesquisa, o trabalho de campo trouxe importantes contribuições, pois graças a essa experiência, o tema “Comunicação Social em espaços públicos” emergiu e foi investigado. As imagens trouxeram esse fato e a pesquisa confirmou seu caráter empírico. Mas, como falar de uma comunidade sem considerar seu entorno?

2.2. A cidade de São Paulo

Quem anda por São Paulo não crê que ela tenha surgido ao redor do primeiro colégio erguido por jesuítas, no atual Pátio do Colégio. Três séculos mais tarde, a antiga vila transformou-se numa cidade de trinta mil moradores. Aos poucos, a cidade da garoa engrenou num fluxo de crescimento, favorecido pela localização geográfica, por levadas de imigrantes, pela exportação cafeeira e pela industrialização.

Figura 6: Sem título. Por: Luciana Maffra

A partir da década de 1930, surge um novo modo de ocupação do solo, caracterizado pela expansão territorial, pelo uso de veículos de transporte e pela autoconstrução de moradias populares. Nos anos subsequentes, a cidade apresentou um crescimento populacional descontrolado e uma periferia extensa, com correntes migratórias de todo o país, sobretudo das regiões Norte e Nordeste.

O êxodo rural e a explosão demográfica trouxeram o subemprego. As indústrias modernas foram incapazes de acompanhar a urbanização. Tal qual um espelho, o que acontece no campo aparece na cidade e o que havia de estrutura urbana tornou-se um todo confuso. Na década de 1980, com a abertura política, os diálogos sobre a retomada do planejamento urbano intensificaram-se, incentivados pela participação coletiva, nem sempre eficaz. De acordo com ROMERO e BRUNA (2010), as multinacionais e a sua constante necessidade de informatização eliminaram a mão-de-obra, predominando o trabalho feito por máquinas. Essa foi a chamada Terceira Revolução Industrial, processo que incorpora ciência e produção: revolução tecnocientífica. A modernização, uma consequência do modelo tecnológico, foi impulsionada pelas multinacionais e pelas formas modernas de difusão da informação. Modificaram-se as localizações das funções urbanas, as indústrias mudaram-se da cidade para espaços economicamente mais viáveis e as atividades de alta tecnologia lideram o desenvolvimento. Este caminho, que alia inovação, tecnologia e trabalho à

distância, modificou as relações dos moradores com o território e a cidade de São Paulo. Uma das chamadas cidades globais, continua sendo uma aglomeração de padrão internacional, que possui espaços de miséria, vizinhos a outros densamente povoados e com boa estrutura de serviços. Como conciliar essas diferenças?

É na vida cotidiana que as distâncias sociais tomam forma. Para HELLER (1985), a vida cotidiana é experimentada por todos, não importa sua situação na divisão do trabalho intelectual e físico: Cada pessoa participa com suas possibilidades, sentidos, ideologias e paixões. Na heterogeneidade de sua significação, ela congrega partes orgânicas: a organização do trabalho e da vida privada, o ócio e o descanso, e a atividade social. O ser humano nasce em uma cotidianidade e em seu crescimento adquire as habilidades necessárias para a vida em sociedade. O amadurecimento começa em pequenos grupos que realizam a mediação entre o indivíduo, os costumes, as normas e a ética de outras integrações maiores. Assim, o indivíduo absorve os elementos da cotidianidade e realiza-se como ser particular e geral. Todas as questões acerca do mundo têm uma única fonte: o eu único. Este eu, na vida diária, fragmenta-se em papéis, dispostos a alcançar a espontaneidade como num caleidoscópio. O ritmo, a repetição e a regularidade não contradizem as ações espontâneas, mas as complementam. Adiciona-se a essas ações o pensamento construído no dia a dia. A condução da vida supõe uma existência própria, que se verifica na cotidianidade em conjunto com as marcas do ser único.

Nessa perspectiva, ao falar da cidade, outra palavra surge similar na grafia e diferente na ação: cidadania. Cidadania é o termo da moda: tudo é cidadania, é para a cidadania. Mas o que é ser cidadão/cidadã?

2.2.1. Cidadania e cidade

A cidadania está ligada ao surgimento da polis grega: nela circulavam os homens livres, os mesmos que, em debates, decidiam o rumo das cidades. A origem da vida pública era composta de ação e discurso. Ela se realizava na reunião dos cidadãos livres, por meio de suas palavras e da persuasão.

Na Grécia antiga, a mulher, a criança e os escravos não eram considerados cidadãos, ou seja, a tal igualdade já não existia. O cidadão se apoiava em uma economia escravagista e no total domínio doméstico, que se opunha à vida na polis, ao discurso livre, sem força ou violência. A ideia de cidadania permaneceu como um “fio de Ariadne”, termo empregado para descrever a resolução de um problema por meio da busca de pistas, do assimilar gradativo de verdades. Ela sobreviveu ao feudalismo, foi resgatada nas revoltas burguesas do século dezoito e voltou com toda força nas discussões políticas na segunda metade do século vinte, especificamente após a Segunda Guerra Mundial.

Uma longa trajetória na espiral do tempo...

O modelo inicial da cidadania foi o da cidadania social, descrito por MARSHALL (s.d.), quando ele afirma que a cidadania se dá como modo de viver que surge de dentro de cada ser e não como uma condição imposta do ambiente externo. A cidadania se caracteriza por um conjunto de direitos: civil, político e social. Quanto ao aspecto civil, entende-se que são os direitos inerentes à liberdade individual, de deslocamento, de expressão, de pensamento, de justiça e de propriedade. O aspecto político inclui o direito à participação política como eleitor e membro de conselhos. O elemento social se caracteriza por garantir o bem estar, a segurança e a partilha de condições de vida.

É cidadão aquele que, em uma comunidade política, usufrui de direitos civis, das famosas liberdades individuais e dos direitos sociais garantidos pelo Estado Nacional, compreendido como Estado de Direito.

De acordo com BOBBIO (1995), em termos gerais, a estrutura do Estado de Direito compreende: uma estrutura formal do sistema jurídico, que garante as liberdades fundamentais e a aplicação da lei geral por juízes independentes; a estrutura material do sistema jurídico; a estrutura social do sistema jurídico, que compreende a integração social da classe trabalhadora; a estrutura política do sistema jurídico, que garante a separação e distribuição do poder; e a união da atividade do Estado a um sistema de normas, legitimado pela opinião pública. O “Estado do Bem Estar” (*Welfare State*) propicia a renda mínima, alimentação, saúde, habitação e educação a todo cidadão, como direito político.

Mas o cidadão, de fato, usufrui e participa da cidade e com ela desenvolve uma forte concepção de pertencimento. O ideal de cidadão é o de ser envolvido nos assuntos do mundo,

na coisa pública. Ser cidadão é uma disposição, um estado de ser parte do mundo e não à parte dele. Ninguém nasce cidadão, torna-se...

A democracia participativa é a criação de direitos que abrem novos espaços de participação política. Cidadão rima com mediação e mediação significa encontrar o caminho do meio para todos. E nas cidades onde ele /ela se encontra?

De acordo com CORTINA (2005), foi a partir da década de 1990 que o conceito de cidadania surgiu nos debates públicos, por ser mediador e integrar exigências de justiça e o calor do pertencimento. O conceito atual de cidadania remonta a duas vertentes: à grega (política) e à romana (jurídica).

O ambiente mais propício ao desenvolvimento da cidadania é a sociedade civil. A cidadania se aprende na família, na escola, no bairro e ao experimentar os desafios da vida pública.

O cidadão se define em uma prática que exige tempo, interesses e opiniões. Ele debate, exige, escolhe seus representantes com discernimento. Inventa caminhos não trilhados. Uma andorinha só não faz verão...

Para Milton SANTOS (2010), nos trinta anos que se seguiram à Segunda Guerra Mundial, houve um apelo para o indivíduo e para a coletividade criarem caminhos para a democracia, com intermédio do Estado Nacional, do Estado de Direito e do Estado Social. Para este autor, a cidadania, mesmo não tendo ocorrido em estado pleno, possibilitou reflexões sobre um tema urgente, num país de dimensões continentais. Na época em que os debates surgiram, tinha-se a impressão de que o surgimento de uma cidadania autêntica pudesse funcionar como uma barreira, às investidas agressivas do capital, fato que não se observou.

Em suas reflexões, Milton Santos sugere que a busca de uma cidadania brasileira exige uma revalorização dos lugares e uma ampliação de seu status político. Isto só pode ocorrer por meio de soluções locais, com a reestruturação territorial de base geográfica e a redistribuição dos recursos e dos direitos a seus habitantes. Para este autor, a realização material e imaterial dos indivíduos envolve a economia e a cultura, questões profundamente ligadas ao território. Desta forma, as mudanças no uso de sua gestão podem criar outro tipo de cidadania, com mais respeito e liberdade. O território é uma identidade somatória, do chão à

população, ele é o elo que diz se pertencer a algum lugar, não é apenas o acréscimo de coisas, pessoas e sistemas, é a base da vida material e espiritual.

O território e o lugar são ambíguos. Eles compactuam com os vetores da globalização ao mesmo tempo em que a resistência dos insubordinados possibilita expressões distintas. Desta forma, cria-se uma contraface ao pragmatismo, associada à emoção que vem das pessoas e dos lugares.

O território não é apenas o lugar de uma ação pragmática e seu exercício comporta também um aporte da vida uma parcela de emoção que permite aos valores representar um papel, o território se metamorfoseia de um recurso em abrigo. A mesma fração do território pode ser recurso e abrigo pode condicionar as ações mais pragmáticas e permitir vocações generosas. (SANTOS, 2010, p. 112).

Como conhecer as singularidades? O caminho mais simples é entrar em contato com as sensibilidades, pois é nelas que estão as diferenças, é a maneira de perceber o mundo e suas variáveis que enternecem o cotidiano. Para haver uma nova significação da vida diária é preciso uma inversão de sensibilidades, atentar os cinco sentidos, aceitar as rupturas internas e enxergadas, desistir de um mundo idealizado. A chamada cultura contemporânea parece alimentar-se de formas de vida pré-determinadas, bloqueadas, sem vida, sem cor...

No domínio da indução e da dedução, onde foi parar o acaso? Em LALANDE (1999), o acaso é definido como um acontecimento que não apresenta determinação, que seria normal dada a sua natureza.

O mundo não existe por si, ele existe como história e experiência, através do espaço e dos lugares.

Para CERTEAU (2008), a cidade mostra-se como um labirinto de imagens, que organizam a realidade dos indivíduos. São escritas, desenhos, fotografias, uma vida do dia e outra da noite. Os muros forrados de dizeres e anúncios vendem de necessidades a alegrias efêmeras e escondem os locais de trabalho e os pequenos universos do cotidiano. A cultura, em seus múltiplos aspectos, está vaporizada em todos os cantos da cidade, e como tal ela não pode ser discutida sem se reconhecer o lugar que ocupa.

É impossível ignorar as experiências e observações de outros lugares. Nesse caminho, compreende-se por lugar não apenas o geográfico, mas um conjunto de determinações que delimitam quem e como se aborda a cultura.

O espaço público envolve locais para convívio urbano, pode ser a calçada e a paisagem. Nas favelas, ele se mostra fragmentado, degradado ou ocupado ilegalmente, fazendo duplê de local público e privado.

É na grande cidade que a solidariedade se dilui. A cultura local vai sendo substituída, aos poucos, pela cultura de massas e o espaço natural-selvagem cede lugar a outro espaço limitador das expressões de grupos e de indivíduos. O consumo exacerbado conduz a uma anestesia e, em decorrência, uma diminuição de sensibilidades e da noção de individualidade, um dos pilares da cidadania. Não é possível ser cidadão sem empatia.

É na cidade e nos seus espaços limitados que, quanto mais diferentes forem os atores que convivem, mais ideias do mundo existem para serem debatidas. A cidade gera uma cultura a partir de seu espaço e do seu tempo ou, essa mesma criação opõe resistências aos donos do espaço-tempo.

Essa cultura valoriza duas experiências que dialogam: a falta e a troca.

2.2.2. Qual a importância do espaço público?

O espaço público é todo espaço de uso comum e posse coletiva, pode ser uma rua, uma praça. Para HABERMAS (2003), a esfera pública burguesa foi acontecendo aos poucos. Ela não se confunde nem com o Estado nem com a Economia. Foi essa separação que possibilitou à esfera pública assumir o papel de mediadora entre o setor privado e o poder público. A sociedade exige a esfera pública regulamentada pela autoridade e, ao mesmo tempo, contra a própria autoridade. Numa esfera fundamentalmente privada, mas publicamente importante, discute-se sobre as leis gerais de troca de mercadorias e do trabalho social com o intuito de uma legitimação.

ABRAHÃO (2008) comenta que, no início do século dezenove, a esfera pública passou a ter uma função central, ou seja, o princípio organizatório do Estado de direito burguês. A partir de então, a esfera pública, com atuação política, passou a desempenhar o papel de um órgão da sociedade burguesa, com o poder estatal que correspondia às suas necessidades. No transcorrer do século vinte, ocorreu uma intensa atuação do Estado nos países do Hemisfério Norte. Essa mudança possibilitou um contraste do setor público com o privado, destruindo a

separação entre o Estado e a Sociedade. Apareceu, então, uma esfera social que nem era considerada pública e nem privada. Nesse ambiente social se interpenetram setores estatizados da sociedade e setores socializados do Estado. Há traços históricos nesta constelação: a expansão do mercado, a consolidação da família nuclear, a urbanização, a divulgação do hábito da leitura e o auge da imprensa. Há uma intensa veiculação das opiniões e interesses, mas a esfera pública não para aí. Por ser constituída de modo distinto da esfera privada, tudo o que aporta nela é visível. Essa visibilidade reforça-se pelo afloramento da crítica independente e pelas trocas entre indivíduos. Foi a partir da década de 1990 que o conceito de esfera pública redimensionou-se.

LUBENOW (2007) comenta que, nessa época, houve a ampliação das possibilidades de participação democrática, além dos mecanismos formais institucionais. Houve uma valorização das esferas informais e das diversas organizações da sociedade civil, ou seja, os holofotes voltaram-se para a participação de atores que, até então, eram desconhecidos, abrindo espaço para novas dinâmicas em processos decisórios. Essa nova perspectiva de inclusão de indivíduos reverberou diretamente sobre grupos pouco representados, permitindo um aprofundamento da democracia, que conjugou a sociedade civil, esfera pública e sistema político.

Para SANTOS (2010), os encontros, debates, consensos e o exercício da ação política, que emergem nos espaços considerados banais é que reformulam novas formas de existência.

Os espaços públicos podem se tornar ambientes seguros pela ação da comunidade, através da sua defensabilidade. A proteção desses ambientes abrange a marcação de objetos pessoais que, por sua vez, produzem identificações: a criação de locais para que indivíduos estejam seguros mesmo sozinhos e a presença de outros espaços com amplas liberdades.

2.3 A globalização e o lugar

No início da década de 1960, a globalização surgiu no horizonte. Ela cindiu o processo de evolução, que vinha se desenrolando nos séculos precedentes. O progresso técnico, tão almejado, não melhorou a vida dos seres humanos e não humanos. Em contrapartida,

observou-se a valorização do mercado e da tecnociência que, de maneira circular, produz ciência para esse mesmo o mercado e não para sanar as mazelas do planeta.

Como fenômeno imprevisível, a globalização apresenta características jamais imaginadas, que se traduzem pelo mito da contração do espaço-tempo, do predomínio da velocidade, da descentralização do capital e dos mercados, da desterritorialização, do papel dos estados nacionais, presentes para as empresas e ausentes para os cidadãos.

O espaço geográfico sempre foi compartimentado, ou seja, qualquer pedaço da Terra torna-se útil a estados e empresas.

Para Milton SANTOS (2010), as empresas utilizam o território exclusivamente para seus fins, agindo sobre ele, impondo condições.

Até o surgimento da globalização e sua consolidação, a vida acontecia em outro ritmo e as singularidades de cada região eram muito marcadas. Veio, então, a competitividade, a demanda do mercado, a megalópole.

Para SASSEN (2007), a ideia de global é compreendida como superior, ou seja, um conceito que minimiza o lugar. Muitas das formações globais encontradas na atualidade são ordens institucionais ou novos sistemas de relações novas com lógicas de poder distintas. No caso da globalização econômica, enfatiza-se a hipermobilidade, as comunicações globais, a neutralização do lugar e da distância. O poder, a falta de moradia, a violência, o que já existia antes da fase atual de globalização, não impediram o surgimento das novas formas sociais atuais:

As cidades globais são locais onde a economia global, em grande parte, é organizada, mantida e financiada. Os processos globais não precisam atravessar as hierarquias de Estados nacionais; eles podem se articular diretamente com certos tipos de localidades e atores locais. (SASSEN, 2007, p. 30).

A cidade se apresenta como uma lente em que é possível analisar processos importantes que finalizam os anteriores. Observa-se uma nova ordem socio espacial em que a cidade atua como local estratégico, embora nem sempre ela tenha sido um ambiente gerador de conhecimentos sobre transformações sociais. Nos tempos atuais, ela é o espelho de tendências que reorganizam a ordem social: a globalização, o impacto das novas tecnologias de informação, as diversidades culturais, o desmembramento do espaço nacional e das hierarquias tradicionais. Sobre a questão das cidades, SANTOS (2010) observa:

A cidade ganha uma nova dimensão e um novo papel mediante uma vida de relações também renovada cuja densidade inclui tarefas ligadas à produção globalizada. Por isso a cidade se torna o lugar onde melhor se esclarecem as relações das pessoas, das empresas das atividades e dos fragmentos do território com o país e com o mundo. (SANTOS, Milton, 2010, p. 95).

SASSEN (2007) afirma que as cidades se assemelham a nós, que juntamos variados processos e criamos novas geografias inconstantes com locais de dispersão e centralização. Nas cidades globais ocorrem concentrações de poder econômico: as áreas centrais recebem grande volume de investimentos na área imobiliária e de comunicações, trabalhadores com maior formação, que possuem melhor renda. Simultaneamente, nas regiões periféricas, ocorre o inverso: o declínio e a perda econômica. Para essa autora, a malha mundial de cidades globais, quarenta ao redor do mundo, utiliza o lugar como ponto estratégico. Ocorre uma modificação na forma como as pessoas se relacionam com o território. Não há uma presença da intermediação do estado nacional ou da cultura regional. Nas grandes cidades, observa-se um enfraquecimento das identidades tradicionais o que, positivamente, pode resultar em novas comunidades de pertencimento e de reivindicações sobre o espaço.

As grandes cidades emergiram como locais estratégicos tanto para a transnacionalização do trabalho quanto para a formação de identidades transnacionais. Nesse sentido, elas formam um local para novos tipos de políticas, incluindo políticas transnacionais. (SASSEN, 2007, p. 103).

O surgimento das novas tecnologias de comunicação e de informação possibilitou o estabelecimento de novos atores locais, politicamente ativos. A internet de acesso público favorece as redes estratégicas de cidades globais que, muitas vezes, incluem lugares periféricos e uma gama de atores da sociedade civil. Os atores locais, mesmo que imóveis e sem recursos, podem contribuir e formar domínios eletrônicos, pois contam com a internet de acesso público, que permite a fácil comunicação e de baixo custo, como o que ocorre nos telecentros públicos de São Paulo.

O acesso simultâneo descentralizado pode dar aos atores locais um sentido de participação em lutas que não são necessariamente globais, mas que se distribuem globalmente, no sentido de que se repetem em cada localidade. Desse modo, a tecnologia também pode ajudar na formação de esferas públicas transfronteiriças para esses tipos de atores, e pode fazê-lo sem envolver as instituições globais e usando formas de reconhecimento que não dependem de muita interação direta ou ação conjunta na prática. (SASSEN, 2007, p. 164).

Neste conjunto de circunstâncias, imagina-se a aldeia global. MILLER (1973) descreve o fato de que, na década de 1960, Marshall McLuhan apontou, de maneira utópica, algumas das transformações tecnológicas que acabariam por transformar o planeta nas décadas subsequentes. Uma das ideias mais pungentes era o conceito de aldeia global, que

possibilitaria ao planeta comunicar-se como se este fosse realmente uma aldeia. Este autor idealizou os possíveis impactos que as mudanças tecnológicas, sem precedentes, provocariam na sociedade. Ele metaforizou tais mudanças, comparando-as com a Revolução Neolítica. Ou seja, os instrumentos utilizados pelo homem e suas técnicas correspondiam à era mecânica e esses foram substituídos rapidamente pelos da era eletrônica. Da mesma forma que as tecnologias são extensões dos seres humanos, criadas por eles e para eles, qualquer aumento de força ou velocidade, em processos já estabelecidos, gera rupturas e mudanças de organização.

Nesta perspectiva, ocorreria a difusão da tecnologia, a contração do espaço-tempo, a predominância de alguns gostos, as trocas monetárias e culturais, a extinção de culturas e religiões. Seria isto possível? Teria o mercado global essa força? A tecnologia em si não é nefasta, o que teria sido a humanidade sem o seu uso?

As dificuldades aparecem à medida que os governos e as empresas utilizam os sistemas técnicos contemporâneos para produzir relações desiguais. Na atualidade, as tecnologias de informação são indispensáveis e estão submetidas aos mercados, mas nem todos têm acesso a elas. Isto se observa na falta de investimento numa educação de qualidade, que dialogue com outras formas de aprendizagem que as novas tecnologias oferecem. Neste raciocínio, a globalização precisa ser considerada por suas bases: o dinheiro e a informação.

O dinheiro produz as condições materiais, econômicas e de transporte e a informação gera novas relações sociais entre países e pessoas, propiciando novas formas de pensar, sentir, trabalhar e viver. Uma das marcas da globalização é o incentivo ao consumismo e à competitividade e a sua contrapartida é a disseminação e dispersão da informação.

No momento atual da humanidade, a adoção desses termos traz consequências nefastas, como o enfraquecimento moral e intelectual dos indivíduos e a redução de suas distintas experiências de mundo. A acumulação de bens figura como único objetivo e justifica as necessidades imaginadas de se vencer.

Ao se pensar no convívio social em uma comunidade como Paraisópolis, a comunicação e a troca de conhecimentos são urgentes, não importando onde aconteça: em casa, na rua, em uma *lan house*, na escola. No cotidiano dessa comunidade ocorre uma violência estrutural que gera outras violências traduzidas pela construção desordenada de moradias, pela ocupação de locais de risco (sujeitos à restrição ambiental), pelo tratamento inadequado dos resíduos

sólidos, pela arborização e insolação insuficientes e pelas escolas e creches insuficientes. Diariamente, os moradores dessa comunidade enfrentam dificuldades de acesso às suas casas. O sistema das vias, vielas e becos tortuosos e inacessíveis são fatos. Pensa-se que, neste contexto, o conhecimento técnico e científico torna-se um recurso tão importante quanto o solo, por propiciar trocas com os saberes locais. Sabe-se que a adoção de modelos e práticas econômicas inapropriadas trouxe danos materiais e culturais a essa região e impediu alternativas sociais de organização mais equilibradas.

E as violências que não se veem?

Na globalização, a desordem não possui nenhuma finalidade, a desagregação é desejada e induz à alienação, a autonomia dos indivíduos se esvai. Para a humanidade, esse processo influencia todos os aspectos da vida: cultural, econômico e a própria subjetividade. Outro dado perverso da experiência é a velocidade. Ela parece irreversível e conduz a tensões cotidianas desnecessárias.

A fluidez potencial aparece no imaginário e na ideologia como se fosse um bem comum, uma fluidez para todos, quando na verdade apenas alguns têm a possibilidade de utilizá-la. Criam-se incompatibilidades entre velocidades diversas e isto gera uma pressão para que haja o acompanhamento dos demais atores e a disseminação de estruturas necessárias a este propósito. (SANTOS, Milton, 2010, p.84).

Mas a globalização demonizada não gerou a favela; assim como a pobreza, ela já existia. Pobreza é um estado que não se define. É uma palavra que rima com outras realidades: nobreza, natureza, delicadeza, riqueza... De acordo com Milton SANTOS (2009) a urbanização é acompanhada pela expansão da pobreza, que atinge, em particular, os países subdesenvolvidos de formas distintas. A pobreza é apresentada em função de participação maior ou menor na modernização e na satisfação das necessidades materiais em um ambiente. Ela é medida que não se pode medir, não é categoria econômica, social, estatística. Não se trata de quem consome mais ou menos. Na pobreza há carência e esperança, luta e solidariedade e um estado do despertar constante.

A sociedade diz quem são os pobres e, por acaso, alguém já lhes perguntou se eles se sentem pobres? O correto seria examinar o determinado momento histórico dessa afirmação, construir-se conhecimentos e elaborar propostas de ação. De acordo com esse pensamento, Milton SANTOS (2009) aponta as diversas crenças que deturpam tal realidade. Utiliza-se a naturalidade de justificar a pobreza pela explosão demográfica, migrações e desemprego, sem considerar as associações entre o êxodo rural e a proliferação de favelas e atribui-se aos

pobres a melhoria de sua situação, por meio do esforço individual ou da educação formal. Para este autor, embora a educação atue como integradora dos pobres na modernização, nem sempre se pode adaptar o aparelho escolar às exigências de produção. Muitas vezes os pobres não podem decidir a qualidade da educação que recebem. Muitas vezes não possuem acesso à educação, que é direito deles.

Outra falácia é considerar a pobreza uma situação provisória, sem explicar as fantasias de mobilidade social que permeiam o imaginário coletivo, os símbolos, os conceitos, a memória e a imaginação das pessoas de um mesmo grupo.

Há o mito da rapidez da mobilidade pela adoção de certos hábitos ligados ao consumo. Para SASSEN (2007), nas grandes cidades ocorre a demanda crescente de produtos e serviços produzidos em lares, cuja sobrevivência reside na informalidade. As necessidades de consumo da população de baixa renda são satisfeitas por pequenos estabelecimentos, que não seguem padrões de segurança e saúde. Dentre esses produtos encontram-se miudezas, alimentos, vestimentas, utensílios e serviços variados.

Existe uma única pobreza? A crescente feminização da mão de obra e das oportunidades de negócio em decorrência da informalização modificaram permanentemente as hierarquias de gênero, sobretudo nas grandes cidades. Observa-se, nas esferas amplas, maior participação das mulheres. A reestruturação dos espaços tem impactos sobre a vida de homens e mulheres, sobretudo no trabalho e na família. No caso delas, o lar configura-se como local de atividade econômica, o que estimula a participação feminina na utilização dos serviços públicos e na construção de redes comunitárias, tornando-as, desta forma, atores mais visíveis.

Além do empoderamento maior de mulheres no lar, associado ao emprego assalariado, há um segundo resultado importante: sua participação maior na esfera pública e sua emergência possível como atores públicos. Elas são as únicas da família que acessam os serviços públicos. Isso lhes dá uma chance de serem incorporadas no fluxo principal da sociedade e de serem aquelas que farão a mediação entre o lar e o Estado. (SASSEN, 2007, p. 102).

Para Milton SANTOS (2009), a cada dia surgem novos empregos e ocupações, e outros desaparecem. Essa situação propicia a redução de mão de obra e mesmo os indivíduos que estão fora do mundo do trabalho ainda encontram alguma brecha na economia. Assim, são criados os subempregos, o desemprego e a marginalidade. Esta última é a consequência, o fim da linha, para aqueles que ocupam o nível mais baixo do espectro sócio profissional. Surgem dois subsistemas: o circuito superior e o circuito inferior. Esse autor definiu esses sistemas

observando as complexas estruturas em que se apóiam. Há diferenças entre ambos no uso do capital, da tecnologia e da organização. O circuito superior relaciona-se diretamente aos monopólios, controlado na estrutura do país ou de países estrangeiros. Ele está presente em bancos, exportações, indústria, serviços, transportes e comércio atacadista. Já o circuito inferior compreende as atividades de pequena escala e depende do circuito superior. Ele se constitui de pequenos comércios, artesanato e improvisação de serviços. O circuito superior emprega crédito bancário, papéis, grande número de mercadorias, preço fixo, uma tecnologia importada, contato indireto com clientes. Possui suporte governamental e lucro no acúmulo de capital. No circuito inferior, utiliza-se crédito direto e pessoal, número pequeno de mercadorias, preços negociáveis, mão de obra numerosa, recursos criativos de distribuição e contato direto com clientes. Na maioria das vezes não há apoio governamental. Sobreviver é o verbo do dia a dia!

Retomando Milton SANTOS (2009), é inadequado referir-se ao circuito inferior como tradicional ou informal, uma vez que ele possui suas leis e organização. Esse circuito corresponde exatamente às condições gerais de emprego e disponibilidade de dinheiro, constitui um mecanismo permanente de integração que oferece um número máximo de oportunidades de trabalho com o mínimo de capital. A eliminação da dependência do circuito inferior em relação ao superior só é possível dentro de uma mudança de estruturas sociais amplas, que dependem de poderes públicos como a moradia, a educação e a saúde.

Cada circuito aparece como um complemento do outro. Há interação entre os dois, ainda que o circuito superior seja dominante, o estudo da cidade não é possível sem o exame dessa dialética entre os dois circuitos, responsável pela definição social e econômica e pelas possibilidades e formas de evolução tanto do organismo urbano como de sua área de influência. (SANTOS, Milton, 2009, p. 53.).

Os circuitos agregam ações dentro de um contexto e pelo setor da população a quem servem. Mesmo assim, todas as classes da sociedade podem consumir fora do circuito ao qual estão ligadas, mesmo que ocasionalmente.

De acordo com SASSEN (2007), as grandes cidades acolhem a implementação de processos globais, o que resulta na expansão internacionalizada da economia e no surgimento de novos critérios de valoração de atividades, dando origem a formas múltiplas de polarização. Nas grandes cidades, um mosaico se desenha: diversas localizações, desigualdades e tipos de informalização. No caso das favelas, observa-se a presença de ambos os circuitos, havendo predominância do circuito inferior, importante na geração de renda e na

criação de subempregos. Grande parte de aglomerações do Terceiro Mundo sobrevive do circuito inferior, que reutiliza os bens de consumo duráveis.

Para Milton SANTOS (2009), a sociedade urbana divide-se entre os que têm acesso contínuo e irrestrito aos bens e serviços e outros que necessitam deles, mas não podem adquiri-los. O consumo é controlado pelo sistema de produção, ou seja, as mesmas empresas que produzem mercadorias influenciam os meios de comunicação de massa para divulgá-las e induzir uma importante fração da população ao consumo, não importando as verdadeiras condições de compra que possuam. Para esse autor, a cidadania e a cultura são integradas, assim como a cultura e a territorialidade. A cultura é partilhada e se dá na comunicação do indivíduo e do grupo. Ela é uma herança e reaprendizado constante das relações profundas do homem com o meio, é um cimento que liga as pessoas ao todo. Observa-se em toda parte a tentativa da cultura de massa de sobrepujar ou mesmo deturpar a cultura popular, seja pela apropriação ou pela destruição paulatina de seus elementos. Na contracorrente, esta procura resistir e conduz a formas mistas sincréticas. Dentro desta perspectiva, o território é simbólico e a linguagem regional é esse rejunte.

As favelas, consequência de intensa urbanização e da migração, conservam suas culturas próprias e sua memória. As expressões culturais locais de hoje são fortemente influenciadas pelos meios de comunicação e pelas ideias globais. Nesse caminhar, encontra-se São Paulo, segunda maior megalópole da América Latina e olhando mais para dentro desse espaço, encontra-se Paraisópolis.

2.3.1. Favela, um modo de viver?

Figura 7: Sem título. Por: Luciana Maffra

Segundo DAVIS (2006), a urbanização deve ser encarada como uma transformação estrutural e intensa da relação do meio urbano com o meio rural, como uma verdadeira colisão, em que houve a alteração da paisagem e seus limites. Uma enorme quantidade de moradores de favelas vive

nas grandes cidades, que se tornaram espaços de conflitos e de desvantagem social. Para o autor, a urbanização acelerada sem crescimento resultou de conjunturas iniciadas na década de 1970, em que diversos países subdesenvolvidos tiveram suas economias reestruturadas sob o domínio de instituições como o FMI (Fundo Monetário Internacional). Os anos difíceis, que se seguiram nas décadas de 1980 e 1990, promoveram uma expansão urbana e imobiliária sem precedentes, apesar da queda do nível de emprego e de salário.

DAVIS (2006) salienta que as megacidades reproduziram a pobreza em seus espaços. Isto ocorreu devido a dois fatores importantes: a falta de investimento em infraestrutura básica, em instalações educacionais e de saúde; e a rápida expansão urbana. Outro fator a considerar é a cisão entre as necessidades ambientais e as questões sociais. De acordo com o autor, desde a década de 1970, o crescimento das favelas no hemisfério sul ultrapassou a urbanização. De acordo com o UN-HABITAT (Programa das Nações Unidas para os Assentamentos Humanos), no Brasil, 36,6 % da população urbana reside em favelas. Este ranking é superado apenas pela China e pela Índia.

Em todo o Terceiro Mundo, obter moradia é uma tarefa árdua e, no caso dos pobres, é necessário otimizar realidades como qualidade do abrigo, custo e distância do trabalho.

Observa-se um padrão comum: no geral, os migrantes inicialmente escolhem um local próximo ao emprego e depois se mudam para a periferia, onde a habitação é mais barata. No caso brasileiro, os migrantes instalam-se próximos aos familiares.

Não importa o continente, a última opção para muitos pobres é sempre a mesma: invasão e ocupação de terras públicas. A invasão, como forma de habitação de terras nem sempre apropriadas em termos de infraestrutura e transportes, teve seu auge na década de 1970. Hoje, a ocupação continua em terras de baixo valor, em locais de risco, sujeitos a cheias, deslizamentos, poluição industrial e poluição do solo. Há também a invasão de prédios desocupados, muitas vezes com instalações precárias, que colocam seus ocupantes em situações de risco.

As favelas e suas populações crescem pela expansão periférica de novos assentamentos e pelo adensamento de espaços com melhor localização.

O termo *favela* é usado para descrever habitações populares e precárias, concentradas em um ambiente natural, degradado, resultado de situações complexas. No caos das

justificativas tudo vale: as representações sociais, os fluxos migratórios, o desemprego e a globalização.

Na incerteza das origens, sabe-se que a favela ainda existe e a história da cidade de São Paulo se entrelaça com o seu surgimento.

Na atualidade, as favelas mostram-se como um fenômeno tipicamente urbano, embora na época de seu surgimento, no início do século vinte, tenham sido um mundo rural na cidade. Bem antes de a favela se estabelecer como fenômeno urbano, já existiam locais de moradia para as populações pobres (antigos escravos, trabalhadores, malandros e mendicantes). Esses locais eram majoritariamente os cortiços.

Para VALLADARES (2005), no início do século vinte, surgiram as primeiras representações da favela apoiadas sobre um mito fundador, que remonta à imagem do povoado de Canudos, na Bahia, descrito por Euclides da Cunha, na obra “Os Sertões”, de 1902. De acordo a autora, o surgimento do termo favela está relacionado a uma espécie arbórea, a Favela Branca (*Enterolobium Elipticum*), árvore da família das fabáceas, cujo fruto é uma vagem curvada, com flores branco-amareladas, que possui os sinônimos: Angico de Minas, Sagui e Orelha de Negro. Esta planta é encontrada num determinado morro, situado próximo ao município de Canudos, no Estado da Bahia, de onde vieram os fundadores de uma comunidade, localizada em uma pequena elevação, nas imediações da Estação Pedro II da Central do Brasil, no Rio de Janeiro. Favela é um termo de uso nacional, impossível de ser traduzido.

Na atualidade, o termo semelhante, utilizado internacionalmente para designar esta forma de viver, é *slum*. De acordo com DAVIS (2006), inicialmente, *slum* era uma palavra que significava estelionato ou mercado criminoso. Aos poucos, o termo incorporou outros sentidos, que abrangem desde cômodos degradantes nas cidades, até paisagens nas periferias das cidades marcadas pela pobreza e pela superlotação.

De acordo com PERLMAN (2010), a palavra favela incorporou muitos mitos e realidades de comunidades pobres e na atualidade o termo favelado é raramente usado devido ao aspecto depreciativo. A terminologia oficial emprega os termos: aglomerado subnormal e zonas de interesse especial. Ainda assim, filmes, livros e novelas disseminaram as favelas pelo mundo. Há referências ao uso de drogas, à presença de gangues e, ao mesmo tempo, existe uma curiosidade pelo estilo de vida de seus moradores. Para esta autora, a favela agrega

opostos. Os estudos voltados para este tema precisam considerar o cotidiano das comunidades, sem glamourizar a pobreza, e sem propagar estereótipos associados à violência e ao crime. Um difícil equilíbrio.

Mesmo diante da busca de novos conceitos, a imagem predominante não muda: infraestrutura habitacional precária e saneamento básico insuficiente, associado ao adensamento populacional. Outros fatores agravantes contribuem para esta estagnação: os habitantes das favelas têm pouco acesso à escolarização e, em consequência, apresentam baixo nível de emprego. Estas duas condições não favorecem a que o morador da favela possa melhorar suas condições de vida.

...existem favelas de todo tipo, algumas são esparsas e densamente povoadas, outras têm ruas bem traçadas e espaços abertos e muitas, com o correr do tempo, melhoram em termos de materiais de construção e serviços urbanos. O que, afinal, distingue a favela de muitas outras comunidades é a ocupação ilegal da terra. (PERLMAN, 1977, p. 40).

Para Milton SANTOS (2009), na década de 1990, o fenômeno das favelas foi considerado mais como um estudo antropológico do que um problema social: a compreensão da pobreza como um todo e as realidades do mundo marginal foram distorcidas. Os indivíduos que participam desta experiência inauguraram uma maneira peculiar de ocupação, que se difundiu caracterizada pela apropriação de terreno, carência ou ausência de infraestrutura urbana (água, luz e esgoto), moradias pequenas, precárias e autoconstruídas (de plástico, papelão ou folhas de zinco) em ambientes de alta densidade populacional. A caracterização desta complexidade exige estudos abrangentes e interdisciplinares.

Neste raciocínio, FREITAG (2002) refere que o surgimento das megalópoles trouxe mudanças para todo o planeta. As megacidades retratam extremos de riqueza e pobreza, abrigam mais de dez milhões de habitantes e são fenômenos do hemisfério sul, espelhos do Terceiro Mundo. A malha urbana descontínua ocasiona uma drástica mudança na paisagem e, em decorrência destas alterações, ocorre a gradual expulsão dos pobres dos centros urbanos para a periferia. Os mais pobres dirigem-se para locais destituídos de serviços e equipamentos básicos, urbanos e sociais e vivem em depósitos de gente indesejável. Havia uma cidade ilegal bem maior que a cidade oficial. Aqueles que não conseguiam adquirir casa ou terreno buscavam, na ilegalidade, seu único refúgio.

De acordo com TASCHNER (2001), até a década de 1940, existiam poucas favelas e cortiços na cidade de São Paulo. Trabalhadores e a população pobre adquiriam lotes mínimos

na periferia (terrenos de 8 metros de frente por 25 metros de fundo) em loteamentos clandestinos. As construções aconteciam por meio de mutirões para a obtenção de moradias estáveis e sem custo de mão de obra.

De acordo com BOGUS e PASTERNAK (2009), as políticas de habitação de favelas e cortiços eram restritas ao âmbito federal e, embora na cidade de São Paulo as favelas existam antes da década de 1940, o primeiro cadastro oficial foi realizado apenas em 1973. No campo das leis e do espaço, desde a década de 1960, ricos e pobres habitam mundos diferentes.

De acordo com o IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2010), em São Paulo, na década de 1970, 1,09% da população da cidade vivia em favelas; em 1985, essa proporção atinge 6,27% da população do município; e, em 2010, 11,1% da população urbana é considerada favelada. Atualmente, São Paulo tem 11.253.503 habitantes, dos quais 1.240.400 vivem nas 1573 favelas da cidade, os chamados aglomerados subnormais.

Ainda segundo o IBGE (2010), deste total, 625.724 (47,2%) são homens e 654.676 (52,8%) são mulheres. O panorama habitacional da cidade é heterogêneo e apresenta déficits.

Segundo dados da Fundação SEADE – Sistema Estadual de Análise de Dados (2011), a população da cidade de São Paulo é predominantemente urbana. Sob esse enfoque, as edificações isoladas são a forma adotada por 80% das famílias para suas moradias, enquanto as favelas e conjuntos habitacionais populares abrigam, respectivamente, 7% e 6% das famílias paulistas.

De acordo com os dados da Secretaria da Habitação do Município da cidade de São Paulo (2011), existem 1060 loteamentos irregulares, 1698 cortiços, 523 conjuntos habitacionais e 236 núcleos organizados, sem mencionar as pessoas que vivem nas ruas.

Para CYMBALISTA (2008), a "maior metrópole brasileira subutiliza seus territórios mais centrais e providos de infraestrutura", a cidade não carece de moradias, o que ocorre é a má distribuição delas. Para ele, a sociedade transformou a terra e a moradia em objetos sujeitos às leis do mercado. Essa opção gerou o aumento da população favelada e das centenas de milhares de imóveis vazios, situados em sua maioria, na região central da cidade que aguardam revalorização. As mazelas decorrentes aparecem no trânsito e na contaminação de mananciais e da água; a população pobre se vê obrigada a procurar moradias em locais que poderiam ser destinados à preservação de recursos ambientais para as futuras gerações.

Além desse fato, os incêndios têm surgido com muita frequência nas favelas. Para o Observatório das Metrópoles⁴ (2012), em 2012, houve 34 incêndios nas favelas da capital paulista. Desde então foi instaurada uma CPI na Câmara Municipal de São Paulo para investigar essas ocorrências. Há suspeitas de incêndios criminosos, pois eles aparecem em favelas cuja valorização imobiliária é intensa, que é o caso de Paraisópolis.

A cidade de São Paulo enfrenta perturbações climáticas pela ocupação indevida do solo. Se a cidade apresentava clima ameno, foi a partir da década de 1980 que a urbanização intensa e a redução de áreas verdes trouxe a diminuição da umidade e o surgimento de ilhas de calor nas áreas urbanas.

Além dos fatores físico-geográficos, o fator humano chama a atenção: a população das periferias é mais jovem do que a das regiões centrais da cidade. Esses jovens, ao contrário da juventude "glamourizada" das mídias, são vítimas de assassinatos e desemprego.

Nessa perspectiva, é possível imaginar e construir ações estratégicas diversificadas em conjunto com o poder público. Embora já existam intervenções em cortiços e favelas, é importante adotar uma visão ampliada, que assegure aos pobres a moradia digna e a inserção na cidade e, desta forma, interromper os ciclos de segregação e exclusão dessas pessoas. E, antes de tudo, valorizar os espaços públicos, que são locais privilegiados para a realização do bem comum.

A pobreza e a exclusão não são sinônimas. SAWAIA (2001) apresenta a exclusão como um fenômeno de ordem social de origens múltiplas. As pessoas excluídas são rejeitadas nas esferas material e simbólica. Esse afastamento ocorre em vários níveis, nem sempre simultâneos: físico, geográfico, material e cultural. O indivíduo excluído enfrenta uma gama de situações desfavoráveis, como a desqualificação de seus valores, a desinserção simbólica e a desafiliação, que é uma ruptura de pertencimento. Essas situações graves geram vulnerabilidades e a perda de vínculos com a sociedade.

Nas favelas paulistanas de hoje, as condições de moradia apresentam níveis razoáveis, cobertura de serviços e infraestrutura, situação muito diferente das favelas existentes até a década de 1970, em que reinavam barracos de madeira. Ainda assim, existem locais que apresentam condições de habitabilidade precárias. O desmatamento nestes locais propicia a

⁴ <http://www.observatoriodasmetrolopes.net/>

sensação permanente de calor, ar abafado, falta de circulação de ar e, como já mencionado, os incêndios.

Na década de 1960, ocorreu a primeira intervenção em favelas ocasionando a remoção da população para outras unidades habitacionais, trazendo mais sofrimento do que alívio a essas pessoas. Morar na periferia tem sido o destino dos pobres assim como utilizar o mínimo dos serviços sociais, transporte ineficiente e caro.

Na década de 1970, a remoção só acontecia em áreas de risco e a favela estabelecia-se como local de residência permanente.

Para BOGUS e PASTERNAK (2009), foi a partir da década de 1990 que os programas de urbanização incluíram a participação popular. Neste percurso, as famílias permaneceram nos locais e houve melhoria da infraestrutura, acessibilidade e disponibilidade de serviços públicos, o que não é carta branca para transformar as favelas em cópias vulgares da cidade. O papel da mediação e da participação procura articular o espaço geográfico e a comunicação que nele acontece. A cidade de São Paulo é associada à degradação e ao tráfego mas, em sua complexidade, ela também abriga espaços de mudança.

A ideia de ser pobre envolve, muitas vezes, a percepção errônea de se ocupar uma posição inferior na sociedade, uma contradição. E também erroneamente se imagina que o melhor para a população pobre seria a construção de habitações pequenas e funcionais, o que, na prática, conduz a toda espécie de restrições.

Existem projetos no Plano Diretor do município que estabelecem terrenos e edifícios desocupados, como ZEIS (Zonas Especiais de Interesse Social), locais para a edificação de casas para os mais pobres, mas falta erguer estes edifícios. É um passo de formiga...

Na favela, a gente ri e conversa nas calçadas como em qualquer local da cidade, há o lúdico, o dramático e o imprevisível. Os encontros acontecem na rua, nos comércios, nos transportes. Só não vê e não é visto quem não quer situação muito diferente dos carros blindados que circulam em outros bairros da cidade.

2.3.2. Qual o futuro das favelas?

CYMBALISTA (2008) aponta que a cidade precisa encontrar caminhos que favoreçam a população e, desta forma repovoar as regiões centrais providas de infraestrutura, apresentam imóveis desocupados, assim como levar a urbanização para as regiões em que predominam habitações precárias.

Favelas são lugares que abrigam pessoas que existem da maneira que mais lhes parece apropriada e digna. Até quando?

Para Milton SANTOS (2007), o lugar é determinante na vida de uma pessoa. O indivíduo vale pelo lugar onde está, onde ele /ela se encontra no território. Pessoas com a mesma formação e remuneração têm valor maior ou menor de acordo com o lugar em que vivem, as oportunidades não são iguais para todos. O lugar fica na memória e não se pode estar em dois lugares ao mesmo tempo.

..."o papel do lugar é determinante. Ele não é apenas um quadro de vida, mas um espaço vivido de experiência sempre renovada o que permite a reavaliação das heranças e a indagação sobre o presente e o futuro. A existência naquele espaço exerce um papel revelador sobre o mundo". (SANTOS, Milton, 2010, p. 115)

O lugar determina muitas experiências e escolhas na vida de alguém. Os lugares são manifestações da totalidade do mundo, eles representam formas específicas e globais. Quem vive em um espaço realiza o lugar a sua maneira. E quando o espaço é desconhecido?

2.4. Comunidade Paraisópolis: Passado e Presente

2.4.1. Passado

Para BUBER (2008), a comunidade é uma vivência que conjuga a antiga e a nova comunidade. A comunidade antiga seria o conjunto de associações movidas por interesses imediatos e utilitaristas, com a finalidade de obter vantagens pessoais. A nova comunidade apresenta-se como a interação de indivíduos maduros, que não se reconhecem vivendo de outra maneira a não ser na reciprocidade criativa. A comunidade é o sonho humano, o foco de suas esperanças, sua fonte de vida e de união com o mundo.

O termo comunidade é carregado de associações de fundo afetivo e moral. São ideias de inteireza, camaradagem e interesse público. Trata-se de um termo amplo, que define unidades sociais desde aldeias a organizações. Ele se refere a uma entidade simbólica e indica um grupo de pessoas que vivem numa área geográfica limitada e que possuem senso de interdependência.

De acordo com HELLER (1985), o indivíduo pode participar em uma comunidade ao nascer e herdar seus valores, ou decidir juntar-se a uma comunidade distinta, cujos ideais correspondam à plenitude de sua individualidade.

A comunidade é uma unidade estruturada, organizada, de grupos, dispondo de uma hierarquia homogênea de valores e à qual o indivíduo pertence necessariamente; essa necessidade pode decorrer do fato de se "estar lançado" nela ao nascer, caso em que a comunidade promove posteriormente a formação da individualidade, ou de uma escolha relativamente autônoma do indivíduo já desenvolvido. (HELLER, 1985, p. 96).

Tudo indica que o nome da comunidade de Paraisópolis se originou em uma antiga fazenda, tomada pela vegetação. O paraíso significa jardim murado, um lugar idílico, propício à criação e ao amor. *Polis* lembra o modelo grego da cidade dos homens iguais e livres, que se posicionam pela persuasão e pelo debate.

Há fortes indícios de que a história de Paraisópolis começa muito antes do estabelecimento da favela. De acordo com GOHN (2010), o lugar onde se encontra o bairro do Morumbi, que significa colina verde na língua tupi guarani, começou a ser povoado no início do século XVI, por padres jesuítas. Por volta de 1750, a administração do então Marquês de Pombal se apossou da terra e expulsou os religiosos. O local só foi redescoberto quando D. João VI ofereceu o terreno a John Maxwell Rudge, produtor de chá e introdutor da bebida da Índia no Brasil. Até 1825, ele era proprietário da antiga Fazenda do Morumbi. A fazenda foi vendida várias vezes e, na década de 1940, a Cia. Imobiliária Morumby comprou os últimos loteamentos, inclusive uma casa antiga, de taipas de pilão, típica construção dos séculos XVII a XVIII.

Segundo dados do DPH/SP – Departamento do Patrimônio Histórico da Prefeitura da Cidade de São Paulo⁵ (2011), a capela do Morumbi foi reconstruída pelo arquiteto modernista Gregori Warchavchik. No mesmo local, a pintora Lúcia Suanê realizou afrescos em seu interior, que retratavam cenas do batismo de Cristo, rodeado de anjos com fisionomias de

⁵ http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/patrimonio_historico/

índios. A obra foi finalizada em 1950. A Capela do Morumbi ficou fechada até 1975 e, posteriormente, integrou o Departamento do Patrimônio Histórico da Secretaria Municipal de Cultura. O local foi reaberto ao público em janeiro de 1980 e, desde a década de 1990, o espaço é utilizado para exposições de arte contemporânea.

Quanto à plantação de chá, esta ocupou a Fazenda Boa Vista do Morumby. Posteriormente, um edifício foi construído no local por volta de 1813, chamado de a Casa da Fazenda. Menos de um século depois, o cultivo do chá declinou, o casarão foi deixado e apenas na década de 1940 o imóvel foi reconstruído e restaurado. Na época da Segunda Grande Guerra, as residências construídas na região imitavam o estilo tradicional colonial.

Naquela época, diversas companhias estrangeiras introduziam modelos de morar europeus e americanos para a população de alta renda. A *City of São Paulo Improvements and Freehold Land Company LTD* (Companhia City), empresa sob direção dos urbanistas ingleses Barry Parker e Raymond Unwin, adquiriu lotes na região sudoeste da cidade, na várzea do Rio Pinheiros. Na década de 1940, criou bairros além do Rio Pinheiros, concluindo as vendas de loteamentos no Jardim América, Pacaembu e Alto da Lapa. Na década de 1950, os loteamentos do Jardim Guedala e do Morumbi, terras adquiridas pela empresa, estavam loteados, vendidos ou ocupados.

De acordo com OLIVEIRA (2006), a Fazenda do Morumbi, que então pertencia à família Diederichesen, foi dividida em 2200 lotes para até 2529 proprietários. O terreno foi comercializado por Affonso de Oliveira Santos, em um projeto da “União Mútua Companhia Construtora e Crédito Popular S.A.”. A companhia atuou em São Paulo, Santos, Rio de Janeiro e Belo Horizonte. A empresa adquiriu terrenos na região entre 1918 até o final da década de 1920 e pretendia “dar um prédio de moradia e um capital em dinheiro aos seus sócios.” No caso da empresa fornecer o terreno e o prédio, o mutuário deveria adiantar 15% sobre o valor do terreno e da casa e pagar o restante em prestações mensais, tornando-se proprietário em alguns anos.

Os lotes eram amplos, com dimensões de 500 metros quadrados, distribuídos na morfologia ondulada da região. O empreendimento pretendia vender os terrenos para as elites que, a partir da década de 1930, mudaram-se para a região, que começou a ter ares de importância pela transferência do governo estadual para o Palácio do Morumbi.

O processo de aquisição e ocupação dos terrenos ficou inacabado, ou seja, havia a aquisição dos lotes e nem sempre a sua posse. A compra dos terrenos nem sempre visava a sua ocupação imediata. Além disso, as características do terreno acidentado, com acesso precário e sem estrutura, favoreceu as invasões. Há versões de que muitos terrenos invadidos eram utilizados para criação de suínos e gado. O que se sabe é que os terrenos eram sucessivamente vendidos, a grilagem imperava e o dono do terreno nunca era conhecido.

Com a chegada de migrantes nordestinos, as novas ocupações deram-se a partir de 1923, no Loteamento Paraizópolis, onde, em menos de dez anos, ergueram-se os primeiros barracos de madeira.

Para BALTRUSIS (2005), a ocupação definitiva favoreceu a chegada dos muitos operários que trabalhavam na construção de importantes obras da cidade como: o Estádio do Morumbi (cuja construção iniciou-se em 1953) e o Hospital Israelita Albert Einstein (que teve sua fundação em 1955). Essa forma de ocupação, com a autoconstrução de moradias, era mais acessível.

A industrialização da cidade, a partir da década de 1950, foi um dos estímulos para o intenso fluxo migratório de nordestinos em busca de trabalho e renda. Posteriormente, esses trabalhadores foram incorporados à construção civil, cuja demanda foi intensa na região, durante as décadas de 1960 a 1980.

A ocupação de Paraísopolis por grileiros e posseiros intensificou-se na década de 1960, juntamente com empreendimentos imobiliários de alto padrão, que agregaram valor econômico ao local.

A partir de 1960, ocorre a intensa verticalização e uma expansão periférica da cidade. Um verdadeiro chamariz, tanto para a classe média, que ascendia economicamente e que se mudava para o bairro, como para os migrantes que encontravam emprego: os homens na construção civil, no setor de serviços, no pequeno comércio de bairro e as mulheres no trabalho doméstico.

Se houve melhoria das condições de vida dessas pessoas, por outro lado o preço a pagar foi alto: a ocupação das regiões periféricas da cidade e as péssimas condições de habitação nessas áreas de expansão da mancha urbana.

Até a década de 1970, os pobres conseguiam moradias apenas no padrão periférico de expansão urbana. Os loteamentos clandestinos ou irregulares proliferavam em regiões impróprias e nos cortiços na região central da cidade.

A década de 1980 configura-se como o auge dos assentamentos informais, surgidos em um período de desemprego e de uma política habitacional incapaz de atender à demanda por moradias.

De acordo com dados da Secretaria Municipal de Habitação (2011), as favelas existem na cidade de São Paulo desde a década de 1920 e , como cancro social, ela se consolida na década de 1980. Na atualidade, Paraisópolis faz parte da subprefeitura do Campo Limpo, distrito de Vila Andrade, ao lado do bairro do Morumbi, zona Sul de São Paulo.

Segundo GOHN (2010), esse distrito teve o maior crescimento imobiliário da cidade de São Paulo (70% entre as décadas de 1990 e 2000) que trouxe qualidades de outros bairros da cidade como Higienópolis e Jardins, por exemplo. Além das moradias de alto padrão, sofisticados espaços de lazer como o Parque Burle Marx, numerosos shoppings centers e tradicionais colégios particulares estabeleceram-se na região.

O crescimento da desigualdade tornou-se evidente na década de 1970: de um lado havia o bairro do Morumbi e, nos terrenos acidentados, encontrava-se a favela, o que caracteriza uma ocupação híbrida do território.

Segundo informações da Secretaria Municipal de Habitação (2011), houve tentativas de urbanizar aquela região e a vizinhança, formada pelo Jardim Colombo e Porto Seguro (o inexecutável Plano de Desenvolvimento Integrado de Santo Amaro, na década de 1970, é um dos exemplos de projetos que não vingaram).

Antes, a população da Vila Andrade, onde Paraisópolis se encontra, era de 1617 habitantes; em 1960, era de 4471 habitantes; em 1970 havia 12089 habitantes; em 1980 este número sobe para 22584; e em 2000 este número passou a 73649 pessoas. Os dados censitários recentes do IBGE (2010) são inconclusivos. Foi a partir de 2000 que surgiram os famosos programas de reurbanização, mas, desta vez, os projetos implantados por poderes locais vingaram. Além dos bens públicos básicos e de consumo, outro fator contribuiu para a

melhor qualidade de habitação das favelas e regiões periféricas: a regularização fundiária⁶. Foi a partir da Lei 14002, de 13 de outubro de 2005 e do decreto 47114 de 26 de março de 2006 que muitos imóveis foram regularizados e multas anistiadas.

Esse processo de regularização fundiária se compõe de três fases complementares: jurídica, que envolve a legalização da posse; administrativa, que focaliza a oficialização dos logradouros e inscrição de imóveis nos cadastros municipais; e urbanística, que se refere a intervenções em fatores de risco e oferta de infraestrutura e novas moradias.

Até então, o morador de Paraisópolis estava na areia movediça: não havia nem a desocupação da área, com a oferta de novas moradias pelo poder público, nem o pagamento de impostos sobre os terrenos de particulares, situação que gerou dívidas públicas.

A regularização possibilitou a permanência dos moradores nas regiões ilegais, sem riscos ambientais ou estruturais, e a legalização se deu pela posse segura.

De acordo com dados da Secretaria Municipal de Habitação (2011), aproximadamente dois mil imóveis foram regularizados, num total de 192 lotes e cem proprietários foram beneficiados com a usucapião. Em 2003, a prefeitura da cidade de São Paulo e o Centro Acadêmico XI de Agosto, da Faculdade de Direito da USP realizaram a regularização fundiária de 250 famílias na comunidade de Paraisópolis, com a usucapião especial urbana. O reconhecimento das favelas e as tentativas de reurbanização, que desde 2005 inclui o “Programa de Urbanização de Favelas”, atua em áreas públicas municipais ocupadas pela população de baixa renda, para fins de moradia. O programa executa a pavimentação de ruas, iluminação pública e o saneamento básico. Desta forma, a partir de 2006 os poderes públicos, municipal e estadual, iniciaram obras de construção de 970 unidades habitacionais e 72 unidades comerciais, ainda não concluídas, nas áreas mais desfavorecidas da comunidade.

Ao mesmo tempo, foi criado o “Conselho Gestor de Urbanização”, que participou da elaboração de um plano de obras para transformar a favela em bairro popular, iniciativa que contou com a participação do “Fórum Multientidades de Paraisópolis”, criado em 1994, congregando cerca de 25 entidades, em sua maioria Organizações Não Governamentais, e atuando em rede para fortalecer iniciativas populares na comunidade e melhorar a qualidade de vida dos moradores. As entidades não possuem filiação política, comercial ou religiosa.

⁶ A regularização fundiária é um programa da Secretaria Municipal de Habitação e regulariza áreas municipais ocupadas irregularmente na cidade.

do Campo Limpo, distrito de Vila Andrade.

A comunidade ocupa uma área de 822, 739,40 metros quadrados, o que equivale a 97 campos de futebol. A densidade populacional é de 590 habitantes por hectare.

De acordo com BALTRUSIS (2005), o terreno onde se encontra Paraisópolis não pertence nem ao poder público e nem a poucos proprietários. Muitos dos imóveis do “Programa de Regularização e Urbanização do Complexo Paraisópolis”⁷ encontram-se nas ZEIS, criadas em 2004. Além deste fato, a comunidade tem uma dinâmica imobiliária intensa com três imobiliárias e vários agentes que produzem, comercializam e locam imóveis residenciais e comerciais. A favela está dividida em cinco microrregiões: Centro, Antonico, Brejo, Grotão e Grotinho, sendo que as três últimas são as mais pobres.

Estima-se que seus 90 mil moradores ocupem 18 mil moradias, sendo que 85% delas são de uso residencial e 90% têm situação fundiária irregular. Vale ressaltar também que 60% das casas têm energia elétrica clandestina.

Figura 9: Mapa de Paraisópolis. Fonte: Google Maps

⁷ <http://www.paraisopolis.org>

Os logradouros são os espaços públicos, reconhecidos pela municipalidade: ruas, vielas, praças, parques, entre outros. Em 1977, foi elaborado um banco de nomes de ruas e neste projeto participaram intelectuais como: Lauro Machado Coelho, Flavio Di Giorgi e Benedito Lima de Toledo. Eles registraram 25000 sugestões, que foram catalogadas pelo PRODAM – Empresa de Tecnologia da Informação e Comunicação do Município de São Paulo⁸. Ao final da década de 1980, restavam poucos nomes e, a partir de então, criou-se o projeto “Participação Popular”, em que a população enviava cartas com sugestões de nomes de ruas. A maioria das ruas de Paraisópolis foi oficializada na década de 1970 e muitas delas possuíam outra denominação. Os nomes atuais das ruas homenageiam filósofos europeus, personalidades brasileiras e estrangeiras, ligadas à cultura. Seguem abaixo alguns destes exemplos:

A Rua Ernest Renan, em que se localiza a "União dos Moradores e do Comércio de Paraisópolis", tinha outro nome: Rua Nilo Peçanha. Em 19 de setembro de 1978, o nome foi alterado. O processo foi finalizado em 06 de novembro de 1991. Ela homenageia o filólogo, crítico e historiador francês. **A Rua Jeremy Bentham**, antiga Rua Amparo, teve seu nome substituído em 25 de setembro de 1978. Está localizada entre a Rua Ernest Renan e Antonio Pinto e refere-se ao filósofo inglês, seguidor do positivismo. Algumas ruas da comunidade ainda se encontram em processo de legalização. São elas: Rua das Jangadas, Rua Wilson, Rua Iratinga, Rua Itajubaquara, Rua Irapara, Rua Nova e Rua Itapanhaú.

As vielas da comunidade não são reconhecidas oficialmente. Durante o trabalho de campo, verificou-se que os nomes das vielas lembram antigos moradores (Dona Célia, Dona Rosa, Gaguinho, Natal), qualidades da alma, (Alegria, Socorro, Ajuda, Paraíso) e personagens bíblicos e santos (Samuel, São José, São Ajuda).

Os trechos a seguir fazem parte das observações registradas durante a pesquisa de campo, que se deu entre os dias 21 de fevereiro e 06 de março de 2011, conforme mencionado na Metodologia desse trabalho.

É comum encontrar casas com portas abertas nas vielas estreitas, uma fusão da casa e da rua, do privado e do público.

⁸ <http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/planejamento/prodam/>

21 de fevereiro de 2011: ... Próximo à Rua Herbert Spencer as casas são coloridas, uma variada palheta de cores e, devido ao intenso calor, muitos moradores deixam as portas das casas abertas; numa delas posso ver uma mulher de meia idade descansar no sofá numa sala organizada, onde se pode, inclusive, imaginar o cheiro perfumado. A sala tem sofá, cômoda, tevê e, ao fundo, se vê uma cozinha e uma geladeira nova.

As moradias não seguem nenhum padrão organizado.

21 de fevereiro de 2011: ... Desci a rua e à direita caí na Rua Pasquale Galuppi. Entrei em vielas sem saída e sem placa. Cada casa apresenta uma fachada e um piso diferentes, muitas construções são superpostas, um único portão dá acesso a várias moradias. Tem-se a impressão de um labirinto ou uma cidade medieval.

Nas construções impera a necessidade imediata, não se considera a ventilação e insolação como aspectos integrantes de uma moradia.

22 de fevereiro de 2011: ... No caminho, as vielas (do Gaguinho, do Socorro), em todas, há varais com roupas. Neste trecho, móveis inutilizados jazem na porta das casas ao lado de vasos. O sol está na rua, não entra nas frestas das vielas escuras.

A comunidade não é apenas um ambiente físico, existe o ambiente sonoro, onde tanto o silêncio como as sonoridades circulam, entrando preferências musicais, falas, e ruídos ambientais.

23 de fevereiro de 2011: ... Próximo à Rua Jeremy Bentham, as pessoas estão em suas casas do lado de fora. Está quente, semana pré-carnaval, vejo uma criança ser festejada numa roda de adultos, sentados, conversando na varanda de uma casa sem calçada, são 18 horas. Há som em todos os cantos, cada casa com sua trilha sonora.

No trabalho de campo verificou-se que, quanto ao transporte público, Paraisópolis é servida por uma linha de ônibus e quatro itinerários de peruas: as linhas 746K Campo Belo/Paraisópolis; 704O Pinheiros/Paraisópolis; 746H Morumbi-Panamby/Paraisópolis; 746P Santo Amaro/Paraisópolis, Ônibus 8041 Paraisópolis/Praça Princesa Isabel, que operam das 4h30 às 23h30 diariamente. Os condutores e cobradores são, em sua maioria, residentes na comunidade. Em cada perua acomodam-se 25 passageiros sentados e, nos horários de pico, o número de ocupantes pode dobrar. Além das peruas e ônibus, está prevista a incorporação de uma linha de monotrilho, linhas 4,5 e 17.

No geral, as peruas não possuem informativos na parte externa dos veículos, ou seja, os usuários precisam dirigir-se ao motorista para saber o itinerário completo, que é bastante longo. A disposição das peruas na comunidade é irregular, algumas estacionam na Rua das Jangadas, outras, nas ruas Laerte Setúbal e Silveira Sampaio

22 de fevereiro de 2011: ... A van 746k Campo Belo chegou. O ponto não é sinalizado com um toldo. As peruas circulam com muita lentidão. Motos são guiadas por rapazes e, na Rua Ernest Renan, alguns carros de passeio circulam. Não há faróis ou lombadas... Dentro de cada perua existe uma placa, contendo o percurso que o veículo realiza dentro e fora da comunidade; do lado de fora do carro apenas uma placa com as ruas “normais”... A perua cumpre um itinerário complexo, que envolve colégios de elite, separados por muros, edifícios novos e empreendimentos imobiliários sofisticados. O itinerário do transporte público mostra diferenças extremas em um percurso de muitos quilômetros, que unem a comunidade ao restante da cidade.

Os usuários das peruas compõem-se de homens, mulheres e estudantes. As peruas estão sempre lotadas, e fazem a ponte entre a cidade e a comunidade. Apesar da necessidade de sua presença, as ruas de Paraisópolis não têm espaço suficiente para que estes veículos transitem em segurança.

23 de fevereiro de 2011: ... O movimento das peruas é intenso na Rua João da Mata. Uma perua precisa entrar na calçada para que a outra van possa descer a rua principal, a Pasquale Galuppi. Não há espaço para ambas. Dentro do veículo, aguarda um jovem casal, de uns dezessete anos, com um carrinho de bebê. Não há lugar no veículo para prender o carrinho. O casal e o bebê são auxiliados pelo cobrador. O veículo segue e os três saltam antes da van atravessar a ponte do Morumbi. Ao chegar ao ponto final, no bairro de Campo Belo, há quarenta pessoas aguardando, sendo que quinze delas são estudantes do colégio Oswaldo Aranha e o restante são mulheres trabalhadoras, a maioria moças impecavelmente vestidas e maquiadas.

As peruas de Paraisópolis são uma miniatura da comunidade.

28 de fevereiro de 2011: ... Durante a semana, no início da noite, as peruas demoram a chegar. Há muitas pessoas no ponto, aguardando. Quando o veículo pára, entram as mulheres. Aos poucos, os homens, com suas mochilas, preenchem o veículo. Todos parecem ter entre

trinta ou quarenta anos. Eles deixam o veículo em locais próximos a conjuntos de apartamentos.

Assim como outras regiões da cidade, o transporte público em Paraisópolis apresenta-se ineficiente. As peruas que atravessam a comunidade são pequenas e estão sempre lotadas nos horários de pico: no início da manhã e no fim da tarde. Imagina-se a dificuldade dos trabalhadores que, além da localização distante da cidade, têm que lidar com o fato de o meio de transporte ser insalubre.

1 de março de 2011: ... Em minha segunda tentativa de ir a Paraisópolis, no fim da tarde e à noite, entrei na perua 746k, às 17h. 17m. O veículo está cheio, mesmo assim consegui seguir sentada. Segurei a bolsa de uma jovem que estava bem vestida e maquiada, usando uma blusa branca e uma saia preta balonê. Ao sair ela se despediu: “Obrigada, Deus te abençoe”. No caminho, uma mulher que aparentava uns sessenta anos me relatou ter saído de casa antes da 9 horas da manhã. Ela reclamou do “trânsito do diabo”. Ela retornava às 18 horas. Eu olhei para suas mãos, que estavam gastas e ressecadas. As unhas eram muito pequenas, sem esmalte, as pontas dos dedos opacas e sem marcas digitais (o que pode indicar muita atividade manual). Ela segurava uma bolsa preta de couro, muito velha, e uma sacola plástica gasta, do *El corte inglês* (famosa loja de departamentos da Espanha, inexistente no Brasil). A senhora mantinha-se calada e ao final da Rua Pasquale Galuppi, despediu-se rapidamente. Dentro da perua reinava a inquietação, as pessoas reconheciam-se, chamavam-se umas às outras para descerem juntas no ponto e gritavam, em uníssono, para o motorista “vai descer”. Via-se que iriam continuar juntas até suas casas...

Nas vans, os cobradores são mediadores, são eles que organizam o ritmo do veículo e a acomodação dos passageiros.

3 de março de 2011: ... Entrei na van 746k às 16h. e 15m. A perua está lotada de mulheres com mais de trinta e cinco anos. O cobrador fala alto: “Tem uma mãe com criança de colo que precisa de um lugar, por favor.” Aos poucos, a mãe e a criança se acomodam isto por que as pessoas sobem na perua sem respeitar a fila e sentam-se nos lugares prioritários, situados na parte frontal do veículo.

Quanto aos serviços básicos de saúde, Paraisópolis possui uma AMA – Assistência Médica Ambulatorial e três UBS – Unidade Básica de Saúde, em parceria com o “Programa Einstein para a Comunidade de Paraisópolis” (PECP). O PEC conta com a participação de

diversos profissionais de saúde (enfermeiros, fonoaudiólogos, médicos, nutricionistas e psicólogos) e realiza atendimento ambulatorial especializado e atividades de promoção e atenção à saúde, promovidas pelo “Centro de Promoção e Atenção à Saúde” (CPAS). No ambulatório, em 2010, foram realizados 140.296 atendimentos e em 2011 houve 137.541 atendimentos. No CPAS, em 2010, houve 162.246 atendimentos e este número aumentou para 177.883 atendimentos em 2011. Há projetos de construção de um hospital público, porém sem data prevista.

Quando falamos das mulheres de Paraisópolis, é difícil separar suas vidas na comunidade da utilização e participação nos serviços básicos de saúde. Muitas agentes de saúde são moradoras de Paraisópolis e atuam na educação em saúde, sobretudo na área de prevenção. Vale ressaltar que na comunidade há muitas gestantes adolescentes, fato comum em outras áreas da cidade.

21 de fevereiro de 2011: ... Encontro a UBS Paraisópolis II. Escuto choro de bebês. Na sala, aguardam atendimento uma dezena de mulheres com bebês de colo, com menos de um ano. Muitas ali esperam a vacinação. Em sua maioria, as mães são adolescentes e estão acompanhadas de outras mulheres da mesma idade ou um pouco mais velhas, que também trazem seus filhos. O movimento em torno do único bebedouro, localizado junto à porta que dá acesso à rua, é intenso. As jovens enchem suas garrafinhas plásticas com água. Aos poucos, as jovens são chamadas. Uma das atendedoras explica: “Hoje um dos médicos não veio e o SUS não mandou material”. Ouço de longe o choro dos bebês, que vem dos pequenos consultórios. Ao longe, vejo vultos brancos e sorridentes, conversando com as jovens mães. Uma das enfermeiras de roupa azul sorri e afetuosamente toca no ombro da mãe. Parecem velhas conhecidas... No balcão de atendimento, o movimento não pára. Acima de cada computador há uma tela, na qual são exibidos programas sobre saúde, com legendas. No momento, há a exibição de um programa sobre a saúde bucal e sobre a dengue. O conteúdo é direto e bem ilustrativo.

A saúde ainda é um ponto crítico na comunidade.

28 de fevereiro de 2011: ... Encontro a UBS Paraisópolis, a maior delas. São 14 horas e nesta unidade lotada há adultos, crianças, mulheres e idosos. A UBS é um prédio grande, com uma entrada para automóveis e um saguão com bancos. A fila da farmácia está grande. Observei, só no térreo, umas cem pessoas.

Quando pensamos em educação nota-se que há muitos pontos críticos a serem trabalhados na comunidade e o principal deles é, justamente, a educação. Um dos projetos mais importantes da comunidade é a “Escola do Povo”, criado em 2007, inspirado em iniciativas semelhantes na cidade de São Paulo. O projeto tem como objetivo erradicar o analfabetismo de adultos na comunidade. Desde sua inauguração, 3 mil pessoas, acima de 15 anos de idade, foram alfabetizadas. O curso básico, ministrado por educadores da própria comunidade, tem a duração de seis meses, com aulas de três horas, duas vezes por semana. Em Paraisópolis existem por volta de 15 mil analfabetos e, deste total, 20 % são mulheres.

21 de fevereiro de 2011: ... Situação curiosa: a Escola do Povo coloca faixas na comunidade, em que figuram fotos de atores globais ao lado dos líderes da comunidade. Parece estranho utilizar um dispositivo escrito para pessoas analfabetas.

A comunidade dispõe de quatorze unidades educacionais, que atendem 5728 alunos da pré-escola ao ensino fundamental. Há escolas de educação infantil privadas e diversas mães crecheiras. São quatro escolas estaduais, uma escola técnica, a ETEC Abdias Nascimento, três centros de educação infantil, quatro escolas municipais, um CEU – Centro de Educação Unificada (CEU Paraisópolis). Um colégio tradicional particular, o Colégio Porto Seguro, atende 850 crianças em atividades de reforço escolar.

As escolas da comunidade atuam como referências: além de pontos de encontro, locais de lazer. Nos fins de semana algumas, escolas públicas disponibilizam suas quadras para lazer e prática esportiva.

22 de fevereiro de 2011: ... Ao subir a rua, observo, lá embaixo, outras escolas que têm uma gangorra disputada por dez meninas. A julgar pelos espaços de lazer, parece haver apenas homens na comunidade. Nenhum espaço público de lazer é ocupado por meninas, todas as quadras e espaços nas ruas (jogo de futebol, skate, bicicleta, motos) são dominados pelos garotos.

28 de fevereiro de 2011: ... Na Rua Herbert Spencer há duas escolas estaduais: Miguel Arraes e Professor Homero dos Santos Fortes. Os edifícios são pintados e murados, têm cor verde claro e há um jardim lindamente cuidado, com pequenas rosas na entrada. Na escola Miguel Arraes há uma senhora de avental azul, cuidando das plantas. As grades contrastam com o jardim e a aparência impecável do edifício.

Quanto aos jovens, muitos estudam em um curso preparatório para vestibulares, mantido por uma universidade privada, chamado de “Curso Chance” e outros frequentam a ETEC Abdias do Nascimento. Os jovens, desde muito cedo, conciliam atividades familiares, profissionais e escolares. No entanto, observa-se que os locais de lazer e cultura são insuficientes. Há também uma atmosfera de falta de perspectiva no ar, sobretudo das garotas adolescentes.

21 de fevereiro de 2011: ... Enquanto homens trabalham numa marcenaria, ao descer a rua e à direita me deparo com quatro garotos, numa viela, fumando um cigarro de toco artesanal. Os garotos ficam sentados em bando, nas esquinas, aparentemente sem atividade.

22 de fevereiro de 2011: ... No CEU Paraisópolis, por volta das 12 horas, um grupo de adolescentes é abordado pelo vigia. O homem pergunta: O que vocês fazem aí? Não deveriam estar em aula? Eles desconversam, se entreolham, alguns abaixam a cabeça, procurando aonde ir. O guarda pergunta ao mais velho do grupo: “Se acontece alguma coisa quem vai ser o responsável?” Em minutos o grupo se dissipa, duas meninas e quatro meninos.

22 de fevereiro de 2011: ... No CEU Paraisópolis notei, até então, umas sete garotas mães. Uma delas me chamou a atenção: Parecia irmã da filha, vestiam-se parecidas e a criança estava impecavelmente arrumada, parecia uma boneca. A jovem mãe carregava nas costas a própria mochila vermelha e a da filha, cor de rosa. Nunca se sabe ao certo se as moças são irmãs ou mães de suas filhas. Falta certa proteção em seus gestos ineptos. Elas carregam as crianças como se fossem pacotes, não as acarinhavam.

23 de fevereiro de 2011: ... Entrei em um bar de esquina, chamado Cayamba Bar, próximo à Rua Jeremy Bentham. Uma adolescente, de uns quatorze anos, grávida de uns sete meses, me atende. Ela caminha como se ignorasse a barriga. “Já escolheu?” me pergunta a outra adolescente, que preenche um isopor de cerveja. “Pode pegar daqui, ó”, me aponta a geladeira, que está esvaziando. Olho o bar, que oferece porções diversas e bebidas alcoólicas de todos os tipos, no enorme balcão. O bar é bonito por dentro e espaçoso. Tem um telão ao fundo. Sou a única cliente. Pego uma água tônica zero e sento-me ao lado de fora. As atendentes estão ocupadas em encher o isopor, que vai para outro local. Parecia um barzinho de Pinheiros ou Vila Madalena. Desci a Rua Jeremy Bentham, local bonito, com vasos e motos estacionadas e enfileiradas, parece cidade do interior.

23 de fevereiro de 2011: ... A Rua Nova é feia de doer e o córrego é mal cheiroso! Parece uma rua de lazer adaptada. Está quente e “todo mundo está na rua”. Ao seguir por ali, encontro o único jardim aberto, em frente ao córrego: é pequeno, medindo uns dois metros de comprimento. Ao lado de uma pista de skate, os garotos menores amassam garrafas de refrigerante Dolly e escorregam com ela na pista, como se fosse um brinquedo, um carrinho de rolemã.

Ligadas às escolas, a comunidade possui cinco bibliotecas públicas. A história da comunidade está disponível na biblioteca BECEI, a primeira de Paraisópolis. Esta biblioteca teve sua fundação no dia 3 de setembro de 1995, com um pequeno acervo de quinze livros, pertencentes a um morador. Atualmente, a biblioteca possui um acervo de onze mil exemplares, acesso à internet e atua como centro de documentação e informação. As bibliotecas principais, BECEI, Norberto Bobbio, CEU e Programa Einstein para a Comunidade de Paraisópolis, estão interligadas. Os arquivos, que, anteriormente permaneciam na “União de Moradores e do Comércio de Paraisópolis”, foram transferidos para a biblioteca BECEI e estão disponíveis ao acesso público.

4 de março de 2011: ... Ao chegar ao CEU, procuro a biblioteca e pergunto se posso encontrar algo sobre a história da comunidade. O Luís, bibliotecário, me diz que naquele espaço eles não possuem acervo sobre a comunidade e que eu poderia encontrar algo na União de Moradores. A biblioteca do CEU Paraisópolis é muito bem organizada e convidativa. Os espaços são novos. Há também um telecentro, onde diversos cursos são oferecidos gratuitamente, em parceria com a Secretaria Especial de Participação e com a coordenadoria de inclusão digital. Os cursos abrangem: arte digital, editor de texto, informática Linux, pesquisa na rede, comunidade e meio ambiente e digitação. Há cartazes afixados, indicando a programação dos filmes do mês. Outro cartaz oferece cursos promovidos pelo SENAC⁹: no "Programa educação para o trabalho: novas conexões"

4 de março de 2011: ... A BECEI Paraisópolis encontra-se no centro de Paraisópolis, sendo uma referência local. Aguardei um pouco até que o responsável chegasse... Por volta das 14 horas apareceu um jovem, de quatorze anos, chamado Francisco, que iria realizar uma pesquisa. Ele me contou que queria estudar arquitetura. Um homem, jovem e simpático, aproximou-se e, muito educadamente, cumprimentou-nos e pediu desculpas pela demora. Ele se chama Cabral e é o responsável pela biblioteca. A entrada na BECEI impressiona: em um

⁹ <http://www.sp.senac.br/jsp/default.jsp?newsID=a13139.htm&testeira=1029>

pequeno espaço estão bem organizados os livros e materiais de consulta. O consulente deixa as sacolas num armário e o Sr. Cabral apresenta o material solicitado. Graças ao Sr. Cabral tive acesso a materiais de pesquisa: uma coletânea de entrevistas com os velhos da comunidade, intitulada “Paraisópolis: o nascimento de uma comunidade” (HIRAKAWA;LUCIO;RUSCHE,1991), um trabalho de conclusão de curso da UniSantos: “Urbanização da Favela de Paraisópolis, região do grotinho”, (FISZBEYN, 2001), além de diversos recortes de jornais e revistas. A BECEI é muito visitada por escolares. Recebe freqüentes doações de livros e dispõe de uma comunidade no Orkut¹⁰. Fiquei muito à vontade. O Sr. Cabral deixou o telefone da biblioteca, caso eu precisasse de outro material.

Desde setembro de 2011, existe o projeto “Orquestras Filarmônicas de Paraisópolis”. São cursos gratuitos de música para quinhentas crianças e adolescentes, entre sete e dezessete anos de idade, que têm aulas de teoria musical, orquestra, coral, erudito e popular.

Há diversos espaços de lazer e cultura. O CEU Paraisópolis, inaugurado em 2008, “Espaço Esportivo e Cultural BOVESPA” e a “Estação do Conhecimento do Programa Einstein para a Comunidade de Paraisópolis – PECP”.

Quanto à cultura local, as manifestações são variadas: shows, bailes e eventos. Os moradores de Paraisópolis não perdem contato com suas raízes, procuram resgatá-las por meio da comida e, sobretudo, da música.

23 de fevereiro de 2011: ... Estou próxima à Viela da Alegria. Subi a rua principal e outro carro de som acinzentado surge, cheio de cartazes, tocando forró, com som bem alto: “Acácio e Forró Tranzado na choperia devassa, no próximo dia 25, diretamente da Bahia, com o apoio da União dos Moradores”. O som anuncia vários brindes e um CD.

23 de fevereiro de 2011: ... Desci no ponto final, na Rua Silveira Sampaio esquina da Rua Rudolf Lotze. São 16h. 15m. e, ao descer a rua, um carro de som exibe o cartaz com o áudio: “Cabral e Mordida de Amor no Sol de Verão, a opção dançante de Paraisópolis!” Ali, próximo à Rua Itapanhaú, garotos jogam bola. Há cartazes nos postes: “Encontro dos piauienses de Pedro II e Piripiri. Tempero 2000. A pisada mais segura de Piripiri. Kabral o rei da seresta e Mordida de Amor”.

¹⁰ O Orkut é uma rede social filiada ao Google, criada em 24 de Janeiro de 2004 com o objetivo de ajudar seus membros a conhecer pessoas e manter relacionamentos. Seu nome é originado no projetista chefe, Orkut Büyükkökten, engenheiro turco do Google. (Wikipedia - Acessado em 29/22/2012 às 12 horas)

1 de março de 2011: ... Ao sair, subi a Rua Ernest Rennan, rumo ao centro e os bares, com mesas de bilhar, estavam abertos. Pessoas tomavam cerveja. O bar “O Rei das Batidas” estava lotado de fregueses. Mães circulavam nas ruas com suas filhas adolescentes e realizavam compras em quitandas e mercearias. Casais passeavam e compravam comida pronta: batata frita em embalagem de isopor, milho cozido, churrasco no espeto, doces e sorvetes. As *lan houses* estão cheias de adolescentes que jogam e usam computadores. Mulheres conversam animadamente na rua, sobem e descem das peruas para ir aos pontos mais distantes de Paraisópolis. A comunidade “ferve” à noite. Às 20h. 20m., estabelecimentos estão fechados, mas os mercados e mini-mercados continuam abertos. Há locais de lazer e vida social: jogos *digital thunder*, *lan houses*, igrejas de diversas denominações, com seus cultos à noite, bares de comida nordestina.

A coleta de resíduos é realizada por empresa parceira da municipalidade, a empresa EcoUrbis Ambiental S.A¹¹, que opera desde 2004 por concessão da prefeitura do município de São Paulo. A EcoUrbis é responsável pelos serviços de coleta, tratamento e transporte de resíduos domiciliares na subprefeitura de Campo Limpo. Na Vila Andrade, onde Paraisópolis se encontra, a coleta atinge apenas 10,32 quilômetros quadrados e atende 75 mil pessoas. Há caçambas insuficientes nas vias principais e nenhum coletor foi identificado nas vielas anexas às ruas da comunidade.

No trabalho de campo, observou-se que o lixo, muitas vezes, fica depositado, ensacado ou espalhado próximo a postes e muros até a data da coleta.

21 de fevereiro de 2011: ... É muito comum encontrar locais com placas, sobretudo em becos com os dizeres “Não jogar lixo aqui”. Nas ruas, encontra-se todo tipo de resíduo, mas as garrafas *pet*, os sacos plásticos e embalagens variadas prevalecem. Elas estão em toda parte, inclusive na porta das igrejas. São caixas de madeira, de papelão, sacos de lixo, embalagens vazias de refrigerante de dois litros, latinhas e embalagens de eletrodomésticos. O lixo encontra-se, sobretudo, nos muros das inúmeras vielas sem placa. O lixo das feiras está nas esquinas (cascas de frutas, folhas), dentro de embalagens e pneus amontoados.

22 de fevereiro de 2011: ... Segui para a Rua Dr. Geronimo Campos Freire. Há um *playground* com balanços e, mais adiante, bancos protegidos do sol. O cheiro de urina e a sujeira são insuportáveis, difíceis de descrever. O *playground* e as imediações estão em

¹¹ <http://www.ecourbis.com.br/>

péssimo estado de conservação. Mais adiante, à direita, há o que parece um teatro aberto, com vigas de madeira e uma quadra poliesportiva (basquete, futebol) deserta, com lixo acumulado nos cantos.

22 de fevereiro de 2011: ... Próximo ao orelhão da rua acima da Rua Dr. Geronimo Campos Freire há uma mini-quadra de futebol, cheia de redes de proteção. A quadra está mal conservada, com depósito de lixo nos cantos (garrafas de água, refrigerante e embalagens de salgadinhos). Cinco garotos saem da quadra. Na rua, há um varal, preso nas grades da quadra, onde se encontram penduradas roupas e toalhas de banho. Uma mulher idosa observa. Continuo a subir e, na mesma rua, me deparo com uma cena horrível. Em um barranco cheio de lama e lixo, resultado de um possível desabamento, uma menina, de uns seis anos, se pendura nos blocos para jogar o lixo contido numa embalagem grande de ração animal. Trata-se de um lixão a céu aberto e uma criança, que a mando de alguém, executa o serviço próximo a casas de alvenaria e ao CDHU Vila Andrade D. Pombos guerreiam para comer o lixo, aos montes.

25 de fevereiro de 2011: ... Ao chegar ao CEU Paraisópolis há um “fumacê” contra a dengue na vegetação e nos barracos. Meninas pequenas carregam seus periquitos de estimação e outros pássaros em gaiolas, do lado de fora das casas. Mulheres carregam crianças no colo, algumas choram por não entender a situação. O “fumacê” faz ruído e os profissionais parecem marcianos com o uniforme. Dei a volta, pois a fumaça estava próxima aos barracos e à vegetação do entorno.

28 de fevereiro de 2011: ... Na Rua Melquior Giola, ao lado oposto da UBS e da escola EMEF Paulo Freire, há a Viela Palmeirinha, que ilustra uma atmosfera triste de doer. Há uma imensa quadra de futebol com chão de areia. O local é imenso e está rodeado de pequenas casas coloridas, sendo que algumas são pequenos comércios (bares que vendem bebidas, geladinhos e salgados caseiros) e outras são mesmo residências. As casas são pequenas e bem pintadas. Uma menina e treze meninos jogam bola, ao lado de fora. O carro da EcoUrbis, que faz a coleta de lixo, está parado. E logo adiante, na ponta da quadra, 14 empregados uniformizados, homens e mulheres, reúnem-se. Eles pouco conversam entre si, costumam trocar de turno antes das 16 horas. Tenho a impressão de que, para as mulheres, este não é um trabalho muito bem visto ou valorizado. É fácil reconhecê-los pelo uniforme amarelo e verde. No local em que me encontro não há onde sentar e acompanhar o jogo dos meninos. Há lixo

em toda parte, que parece ser ignorado por todos por ser tão “parte da paisagem”, que acaba não sendo visto e nem sentido. Sobre ele, o lixo, os pombos vão e vêm.

De acordo com GRIMBERG (2007), quando a coleta dos materiais é precedida de uma separação simples nas fontes geradoras, é chamada de coleta diferenciada. O termo “coleta seletiva” refere-se àquela condicionada a uma seleção mais rigorosa, como a dos resíduos orgânicos, dos materiais recicláveis: plásticos, papéis, vidros e metais.

Em poucos locais de Paraisópolis existem lixeiras para o resíduo sólido ser separado de acordo com suas características: papel, plástico, vidro, metal, orgânico. Observou-se que em locais recém-construídos, como o CEU Paraisópolis, já existem lixeiras específicas para este fim. Nas ruas encontram-se caçambas; raramente se vê uma lixeira numa viela.

A reciclagem é a recuperação dos materiais descartados, cujas características físicas foram modificadas. Este processo difere da reutilização, em que os materiais descartados mantêm suas feições.

Em Paraisópolis, alguns particulares recolhem o material reciclável e o encaminham para recicladores da região. Há muitos coletores-recicladores que atuam na comunidade, sozinhos ou em grupo. Na maioria das vezes são famílias, que recolhem o material em horários variados (manhã e noite). Segundo os moradores, há dois importantes recicladores na comunidade, localizados próximos à Rua Laerte Setúbal. Na comunidade é comum o reaproveitamento de bens. Na Rua Herbert Spencer existem lojas especializadas na revenda de itens como cômodas, eletrodomésticos, armários, todos usados.

4 de março de 2011: ... São 7 horas e desço a rua de encontro, a Rua Nova. Os dez containeres de lixo azuis estão repletos. Há um homem jovem, chamado Jose', organizando os materiais e, junto com ele, sua mãe e seu padrasto recolhem o material reciclável. Segundo José, a EcoUrbis traz os carrinhos e eles separam e colocam o material em enormes sacos de malha. “Eu separo e a recicladora vem buscar”. José fala pouco e com desconfiança, mas mesmo assim é gentil.

Devido ao acúmulo de lixo em locais inapropriados, os moradores distribuem avisos em faixas nos locais vulneráveis ao depósito de lixo, na tentativa de controlar uma situação impossível. Falta articulação entre as necessidades dos moradores e a atenção do poder público.

23 de fevereiro de 2011: ... Do outro lado da rua, mais abaixo há a Viela Sarutaiá 2 (acima da Viela Sarutaiá 1). Há uma faixa pronta, que diz: “Proibido colocar lixo fora do dia terça e quinta, Sáb. Ou coloque no horário do coletor. Cuide do seu planeta. E do nosso planeta”.

O comércio na comunidade de Paraisópolis desempenha um papel importante na geração de empregos e renda. Trata-se do sonho de muitas mulheres de possuírem uma barraca de lanches ou loja de miudezas, o que lhes permitiria maior estabilidade financeira e a conciliação de suas inúmeras atividades na família. Os comércios são, em sua maioria, pequenos estabelecimentos, nem sempre especializados. Eles se utilizam de recursos como autofalantes ou carros de som, que circulam pela comunidade, divulgando promoções. Como já foi mencionado, os comerciantes contribuem com a União de Moradores e do Comércio de Paraisópolis e esta promove manifestações culturais, muitas delas regionais.

22 de fevereiro de 2011: ... Na Rua José Augusto de Souza e Silva vejo a van 746P – Santo Amaro. Do lado oposto, pequenas portas oferecem refeições, com pratos típicos do Nordeste. Nestas casas cabem duas mesas ou três. Nelas, os homens almoçam e as tevês estão ligadas.

22 de fevereiro de 2011: ... A Rua Herbert Spencer inicia sem saída, com lixo a céu aberto e, ao subi-la, há dezenas de salões de cabeleireiro, mercearias e sorveterias. A maioria destes estabelecimentos, sobretudo os salões de beleza, está vazia. As mulheres leem revistas ou conversam nas calçadas, enquanto aguardam clientes.

23 de fevereiro de 2011: ... Próximo à Viela Francisco Clemente decidi creditar meu celular em uma farmácia (das muitas que existem), próxima ao comércio geral (drogarias, óticas, lojas de miudezas), que oferece serviços como crédito de celular e bilhete único. Continuei a caminhar e observei o veículo vermelho, com uma comunicação sonora: “Jornal Paraisópolis, aqui você encontra tudo o que precisa: itinerários e todos os estabelecimentos”. Era uma fita gravada, com vozes femininas, em um *jingle*.

1 de março de 2011: ... Na Rua Rudolf Lotze, tomo café na padaria Paraíso das Delícias. Chove. As pessoas passam de guarda-chuva, encurvadas. Na padaria, há um quartinho, onde moleques entram para jogar, coisa muito comum por aqui. Ao subir a rua, lá está a Pizzaria *Delivery*, onde quatro motoboys aguardam. Muita gente entra no estabelecimento e leva a pizza para casa. Às 19 horas, o trânsito é intenso, parecendo uma

mini-cidade. Entro na Rua Ernest Rennan, num movimento contrário ao dos caminhantes. A loja “Casas Bahia” está aberta. Logo na entrada há uma exposição de eletrodomésticos. O som do rádio é alto e toca “Band FM”. As tevês, em diversos tamanhos, exibem a diversidade da programação da teve aberta, neste horário, o noticiário. Entro na loja, que está lotada. Há dezesseis pessoas na fila do caixa principal e, na fila do crediário de móveis, umas dez. Outro grupo amontoa-se no balcão de celulares. Crianças circulam entre os poucos brinquedos disponíveis: bicicletas e esteiras de ginástica (um absurdo as pessoas comprarem esteiras, já que em uma localidade como Paraisópolis tudo se faz a pé).

3 de março de 2011: ... No mercado Galuppi há produtos de marcas locais mais baratos. Archotte, Pasta Valeska. Encontrei desde produtos alimentícios até produtos de higiene e limpeza.

Ao andar pelas ruas e vielas da comunidade encontram-se muitos ofícios esquecidos: costureiras, sapateiros, marceneiros... Estes profissionais trabalham em pequenos ateliês, de portas abertas ou em barracas nas ruas principais, como mostram as observações a seguir:

21 de fevereiro de 2011: ... Na Rua Herbert Spencer encontrei quatro costureiras com a máquina de costura na rua, fazendo reparos. Outras trabalham com as portas abertas para a rua e usam avental. Algumas trabalham sós e outras têm ajudantes.

23 de fevereiro de 2011: ... No “Empório do Gaúcho”, na Rua Pasquale Galuppi está Jeremias, o locutor. Desta vez vestindo camiseta branca, microfone na mão, som de alto falante, que atinge uns quatro metros dali. Jeremias tem voz grave, estilo de locução do Silvio Santos. Ao sair do empório, percebo que Jeremias fornece informações do noticiário. Sento próxima dali e saboreio uma maçã. Escuto a voz profética: “Agora são 16h. e 17m. Olha aí você, tem espelhos na promoção! Espelho, espelho meu, diga quem é mais linda que eu?” Começa a chover. A voz de Jeremias continua: “Olha a chuva, para que se molhar, entre e leve um guarda-chuva, temos guarda-chuvas a seis reais! Olha o guarda-chuva, mulher! Não vai tomar chuva não!”.

01 de março de 2011: ... Entrei na Rua Itapanhaú, que apelidei de jardins de Itapanhaú. Em uma casa humilde de esquina há muitas plantas em vasos de todos os tipos, o que torna o local agradável e repousante: trata-se da casa de uma costureira. Caminhando por ali, por segundos, parece que estou num imenso jardim, pois as plantas altas fazem arcos e sombras. É um local tranquilo, singelo e silencioso.

As mulheres têm uma atuação intensa na comunidade, elas são a urdidura do tecido social, estão em toda parte e mesmo que não falem, nota-se sua presença. Muitas delas conciliam diversos papéis, desde muito cedo: são filhas, estudantes, mães, trabalhadoras...

22 de fevereiro de 2011: ... As meninas, ou pré-adolescentes, usam muitos adereços coloridos: brincos, presilhas, tiaras, cadarços coloridos. O material escolar também é adornado. As sandálias têm enfeites (flores, laços, pedrinhas). As garotas usam jeans, cadarços coloridos e camiseta (parecem estar na transição). Já as moças mais velhas exibem o corpo, usando shorts com camiseta justa e chinelos. A maioria das mulheres tem cabelos longos, com alguma tintura ou reflexo. Os fios são presos em fivelas num coque com ar desajeitado. Usam óculos escuros, esmaltes muito fortes, muitos brincos e adereços e muitas ainda ostentam tatuagens pelo corpo. A maneira de andar destas jovens mulheres não é nada contida, é a própria “mulher do povo”, versão mais jovem. Muitas falam ao celular e pode se escutar sua voz à distancia. A semelhança destas jovens com a Negra Li não é mera coincidência.

22 de fevereiro de 2011: ... As “irmãs” evangélicas não se pintam nem exibem o corpo, usam o cabelo longo e volumoso, preso num “rabo de cavalo” ou coque. As roupas são discretas: blusas com pouco ou nenhum decote e saias longas, abaixo do joelho, usam sandálias sem salto. A maior parte delas usa anel de casamento, andam em duplas, trios ou com mulheres mais velhas. Não usam bolsas e sim carteiras. Se usam alguma bolsa são as de formato clássico. Tenho a impressão de que elas querem marcar quem são e de onde pertencem.

1 de março de 2011: ... Na loja Casas Bahia os vendedores, a maioria mulheres, são pacientes, têm por volta de trinta anos e dispendem muito tempo preenchendo cadastro e fichas de clientes. Muitas mulheres seguram seus documentos: RG, carteira de trabalho, CPF. A maioria dos clientes veste-se com simplicidade: jeans e camisetas. A loja abre aos domingos e fecha sempre às 20 horas. Na fila, aguardam as famílias. As mulheres estão acompanhadas de algum parente (filho, namorado ou marido) e são elas que abrem o carnê.

Mesmo com a intensa participação das mulheres no mercado de trabalho, observa-se ainda uma divisão do trabalho e do lazer. Na comunidade de Paraisópolis, homens e mulheres desenvolvem atividades profissionais distintas.

21 de fevereiro de 2011: ... As 14 horas, eu descia a Pasquale Galuppi quando um veículo de passeio sobe em alta velocidade e, atrás dele, uma viatura de polícia. As pessoas saem à rua para ver a movimentação. Logo acima, o veículo é cercado e nada acontece. Por alguns segundos tudo pára. Os homens que jogam sinuca no bar em frente riem e alguns sacodem a cabeça. Escuto de um deles: “Isso aí é só pra causar”. Continuo meu trajeto e encontro a UBS Paraísopolis II. Na casa do outro lado da rua um grupo de homens trabalha na construção e reforma do sobrado.

22 de fevereiro de 2011: ... Segui para a Rua Dr. Geronimo Campos Freire. Há um *playground* com balanços e, mais adiante, bancos protegidos do sol. Três homens da construção do CDHU Vila Andrade D (132 apartamentos) aguardam ali e escutam música alta no celular.

22 de fevereiro de 2011: ... Estou no restaurante do Severino, um local bem sinalizado e espaçoso. São 14 horas e o preço do *self service* é nove reais, comendo à vontade. O *Buffet* é farto em carnes (de todos os tipos), feijoada, arroz, feijão, farofa de milho, verduras, legumes cozidos (vagem, cenoura, berinjela), salada de maionese e, de sobremesa, melancia. Há vinte e dois homens almoçando e eu sou a única mulher. Todos os homens almoçam trajando uniforme de trabalho, os nomes das empresas estão escritos em seus macacões: Pedro Engenharia, Grade de Proteção, Higitec

22 de fevereiro de 2011: ... Na viela do Natal, há um cartaz no poste: “Creche Luz Crescente para crianças menores de 15 meses”. Abaixo, uma casa com cartaz: “Cuida-se de criança dia e noite”. Nesta casa, a garagem, com grades, tem banquinhos e mesinhas onde uma mulher idosa fica com as crianças. Vi uma jovem buscar o filho, por volta das 17 horas.

6 de março de 2011: ... Ao caminhar, noto que muitas famílias aproveitam o domingo para construir e reformar parte de suas casas. Colocam janelas, pisos e refazem a pintura. Os homens se ajudam nestas tarefas. Ao chegar à Rua Rudolf Lotze, noto que muitas mulheres, de cerca de trinta anos, estão nas janelas, conversando em grupos de duas ou três. Elas olham a rua, algumas apóiam os cotovelos no parapeito e assumem um ar inexpressivo e até tedioso.

Quanto aos animais, estes circulam livremente. Muitos destes seres estão abandonados e sem cuidados, o que, ao longo do tempo, pode conduzir a problemas de saúde pública (a presença de parasitas, doenças cutâneas e raiva). A maioria são cães, que se alimentam de

restos de comida e dormem em locais cobertos. Os moradores parecem não notar suas presenças, são parte da paisagem.

22 de fevereiro de 2011: ... Curiosidade: animais entram e saem dos estabelecimentos sem cerimônia ou intimidação. No restaurante, entrou uma gata branca, com coleira, que desfilou no salão entre as mesas e pernas dos clientes. No CEU, um cão de rua adentrou, correndo pelo pátio, brincou e saiu. E na loja de ração, uma cadela fica na porta e se espreguiça ao entrar clientes. Os animais estão em toda parte, soltos. Dormem na frente de lojas, nas calçadas, alguns estão muito maltratados, sujos e doentes. A maioria não tem coleira ou identificação. As pessoas parecem não se importar. Não observei até então pessoas passeando com seus cães em guias.

28 de fevereiro de 2011: ... Nas laterais da escola existem 10 bancos de cimento e na frente de cada um há uma árvore de fícus, de no máximo dois metros. Elas devem ter sido plantadas na mesma época. Nos canteiros, há sacos de lixo. O cheiro doce no ar é de fruta de feira. O único banco ocupado por idosos não tem o lixo na frente. Os cães soltos furam o lixo e fuçam o conteúdo dos sacos. Embora nenhum dos animais soltos pareça triste, eles estão magros e apresentam problemas cutâneos. Talvez a população os alimente, pois muitos animais soltos são chamados pelo nome. Muitos alimentam-se das sobras encontradas a céu aberto, em sacos plásticos ou em pratos de alumínio. A quantidade de lojas de ração impressiona, assim como a variedade de mistura para aves.

A arborização na comunidade de Paraisópolis é precária. O espaço das árvores cedeu lugar às moradias. Encontram-se árvores em locais isolados. A ausência de calçadas e de recuos para o plantio de árvores dificulta a arborização.

21 de fevereiro de 2011: ... As pessoas colocam vasos na varanda, não vi nenhum jardim em nenhuma casa.

22 de fevereiro de 2011: ... O caminho rumo ao estacionamento do CEU Paraisópolis é estranho, pois não há sinalização ou placas. O edifício é um conjunto de quatro prédios gigantes e coloridos. Tudo em concreto. Não há jardim, aliás, há um pequeno pedaço de terra com grama, próximo à grade, que poderá ser um jardim. O CEU está incrustado em um local cercado por uma densa vegetação sem tratamento. Não é um parque, é um terreno, com espécies arbóreas, bastante degradado. Uma mulher não caminharia ali sozinha nem de dia nem de noite.

PARTE C. ESTUDO DE CAMPO

3.1. Um pouco sobre imagens

Figura 10: Sem título. Por: Luciana Maffra

Na cidade, os pormenores ditam o caminho e um olhar acurado possibilita uma compreensão do contexto.

De acordo com DURAND (2010), as culturas não ocidentais nunca separam as informações da imagem, (seus atributos simbólicos), das informações referentes à escrita. Como no exemplo dos ideogramas chineses, a imagem é

também escrita. E mesmo culturas sem escrita apoiavam-se em um sistema simbólico, rico em objetos. Uma festa de pluralidades de significados.

No Ocidente, a importância das imagens, de seus conteúdos e pistas esfacelou-se, pois a busca da verdade, do certo e do errado, do excessivo racionalismo obscureceu-a. A imaginação era considerada a terra de ninguém da mente, por oferecer muitas significações: o pensamento simbólico, sendo a metáfora sua correspondente na linguagem.

A metáfora tem sido revalorizada e, nesse *revival*, ela é a bola da vez nas narrativas contemporâneas, pois abrange associações de termos nem sempre lógicas, que produzem um sentido. Ela abre brechas na comunicação. Em termos gerais, a metáfora se caracteriza pela transferência de um nome alheio do gênero para a espécie, da espécie para o gênero, de uma espécie para outra ou por via de analogia. Ela busca a lógica interna que move as coisas e as pessoas, considera sempre a parcela de imaginário que as impregna. Na poética de Aristóteles (2005), a metáfora é distinta do vulgar, é a que emprega termos surpreendentes.

Se de um lado observa-se o resgate da metáfora, por outro lado a imagem apresenta algo estranho de se observar, pois imagem e escrita caminham juntas.

Na atualidade, o Ocidente, que propiciou a decadência da imagem de sua realidade escondida, vive como um espelho através dela.

As imagens são construídas, difundidas e bombardeiam corações e mentes que, sem aviso prévio, deixam-se devorar por elas. Diferente de outros tempos, que uniam observação, paciência e as associações na busca de uma visão enriquecida do cotidiano, a imagem de hoje congela o espectador.

As imagens que registram o cotidiano de uma cidade. Qual a vantagem de se pormenorizar as imagens?

Ao contrário da racionalidade, o imaginário segue por outra via. O sonho, o mito e a narração utilizam-se de tempo não assimétrico, do holograma, que significa o fragmento e uma parte que contém o todo.

As imagens revelam fatos cotidianos e dizem indiretamente de quem as analisa e interpreta, tornando o processo um autorretrato.

Será que elas possuem uma poética? É impossível separar o belo, o feio, o humor, o inusitado e a comunicação do cotidiano de Paraisópolis.

3.1.1. Um pouco sobre fotografia

Para SONTAG (2004) as fotografias induzem à ampliação de idéias sobre as coisas e situações que valem a pena olhar, as circunstâncias que se tem o direito de ver. As fotografias também podem ser utilizadas pelas intuições tradicionais como a família e pelas intuições de controle, como a polícia. De todas as maneiras as fotografias são objetos simbólicos e fontes de informação.

Segundo a autora, fotografar é permitir um testemunho de algo que se ouviu falar e que é comprovado, é o mesmo que apresentar fragmentos de mundo. Tirar fotos é mostrar interesse pelas coisas, pela forma como elas se apresentam ou uma tentativa de entrar em contato com outra realidade, como se esta não fosse vista antes. A ideologia determina o que se constitui um evento a ser fotografado e não o contrário como se imagina.

Ao saber muito do que se passa no mundo (arte, catástrofe, belezas da natureza) por meio de imagens fotográficas, as pessoas não raro se frustram se surpreendem, se sentem indiferentes quando veem a coisa real, pois imagens fotográficas tendem a subtrair o sentimento de algo que experimentamos

em primeira mão, e os sentimentos que elas despertam, em larga medida, não são os mesmos que temos na vida real. Muitas vezes algo nos perturba mais em forma de fotografia do que quando o experimentamos de fato. (SONTAG, 2004, p. 184).

As fotografias são documentos, assim como vestígios, pegadas, mapas e diários. Elas adicionaram novos conteúdos e percepções às técnicas tradicionais de registro como a escrita e a imprensa. O advento das novas tecnologias eletrônicas de comunicação estabeleceu novos modos e recursos. Na atualidade, as fotografias rapidamente mobilizam coletividades, algo impossível de se imaginar tempos atrás.

3.2. As imagens de Paraisopolis

O conhecimento que as imagens oferecem propicia a ampliação do âmbito da imaginação e da cultura. São relatos de uma cultura que resulta de outras.

Para LIMA (1985), o nome fotografia vem do grego e significa foto (luz) e grafia (escrita). Foi com esse nome que a fotografia tornou-se a arte de escrever com a luz; em outras culturas, como a japonesa, fotografia (*sha-shim*), significa reflexo da realidade, sentido muito próximo do seu emprego na atualidade, uma forma de expressão.

Neste estudo, cento e vinte imagens foram registradas entre os meses de fevereiro e maio de 2011, sendo que, deste total, apenas quinze são analisadas neste estudo. Para o registro das imagens, utilizou-se a câmera KODAK Flash Ultramax, de uso único, com vinte e sete poses e, posteriormente, as fotografias foram digitalizadas.

Cada imagem recebeu um nome, um click sobre o contexto. As imagens deste estudo são "escritas" e estão impregnadas dela.

Observa-se signos, letras, nomes, números; enunciados diversos as compõem: frutos da contingência. O conteúdo destes documentos fotográficos mistura tanto informações como interpretações culturais e estéticas. Mesmo que o ato fotográfico tenha ocorrido espontaneamente, algo aconteceu antes da tomada da imagem, ou seja, as intenções existem sempre antes, durante e depois da produção e refletem a visão de mundo de quem a registrou.

A imagem, tal qual a fala, é intencional. Há uma significação mutante, ambígua, que oscila de acordo com a ideologia do momento. Apresenta dados da realidade e registra as pegadas do que se foi.

As fotos são coloridas, carregam a fala dos gostos, da disponibilidade material dos sujeitos e das influências da cultura. Se a fotografia começou no preto e branco, a cor foi reconquistada: é informação e expressão, indissociável do cotidiano.

Nas fotografias deste estudo há componentes do chamado pós-moderno (conceito muito amplo), pelas características, pelos elementos fragmentados e por aqueles ordenados no espaço. Há convivência de estilos sem choques e superposição de tendências estéticas. De acordo com NAZÁRIO (2008), o pós-modernismo tem muitas definições e está relacionado a determinados fenômenos da cultura, como, por exemplo: a rejeição dos ideais que predominaram até a eclosão da Segunda Guerra Mundial, o foco no individual em detrimento do coletivo e a hiper valorização da informação audiovisual.

O entorno da comunidade de Paraisópolis é austero. O Morumbi é um bairro chique, *clean* e a favela explode em cor.

E por que não deixar as cores de lado e optar pelas imagens em branco e preto, tão valorizadas? As cores carregam traços simbólicos e religiosos. É pura informação e ninguém escapa de sua influência. Para PEDROSA (2009), a cor não existe materialmente, é uma sensação produzida sob ação da luz sobre o órgão da visão. A luz age como estímulo e o olho decifra o fluxo luminoso; em geral, a definição de cor refere-se à sensação e as radiações luminosas diretas ou refletidas pelos corpos que o provocam. A informação cromática, quando é emitida, ainda não é um signo, ela necessita da visão e de sua interpretação.

Antes, porém, de olhar as imagens e ver as falas, é importante usufruí-las como processo, sem aceitar os juízos apresentados como definitivos.

Colocando as indagações, a fim de individuar aquilo que na verdade interessa: não a obra-definição, mas o mundo de relações que esta se origina; não a obra-resultado, mas o processo que preside sua formação, não a obra-evento, mas as características do campo de probabilidades que a compreende. (ECO, 2008, p.10).

Cada leitor irá relacionar o conteúdo das imagens com seus valores e experiências de mundo. Mesmo na espontaneidade, as imagens são composições e a riqueza dos detalhes fornece novos sentidos; isto não significa apenas interpretação, há o decantado processo de análise.

Analisar é preciso, viver não é preciso. Desta forma, se conhece e desenvolve um olhar mais atento e interessado no entorno.

Seguindo os passos de JOLY (1996), optou-se por analisar as imagens com base nos critérios: cores, composição, textura e formas geométricas fundamentais. Para a autora, a imagem fala, universalmente, a muitas pessoas, isto porque ocorre uma rápida percepção visual e algum reconhecimento de seu conteúdo. Acredita-se que as pessoas são capazes de reconhecer uma imagem e seus significados em qualquer contexto, devido a esquemas mentais e representações ligadas à experiência comum, mas não se pode deduzir que a leitura da imagem é comum.

Retomando JOLY (2003), mesmo não possuindo um método universal, a análise torna-se a vilã do impacto visual e simbólico das imagens. Nota-se algumas constantes: a execução, a forma em que se realizou e suas funções. Analisar não é induzir a uma evocação, é fazer vir ao encontro por associações, é um modo diferenciado de olhar a imagem. Esse recurso utiliza a observação orientada e não a recepção espontânea. Trata-se de um caminho árduo, que elimina a contemplação e satisfação e, conseqüentemente, afirma a oposição sentir e compreender. De acordo com a autora, reconhecer e interpretar são operações cognitivas complementares e que não acontecem ao mesmo tempo. Interpretar uma mensagem envolve compreender as significações e provocações que ela realiza no presente, separando-se os sentidos individuais dos coletivos.

Para JOLY(2003), o reconhecimento das formas é um processo cognitivo e a interpretação é uma etapa posterior, na qual se encontram a compreensão e as condições de produção e difusão dos símbolos de uma determinada sociedade. Nesta perspectiva, o ver é um acoplador de sentido, que jamais se realiza totalmente, pois a imagem se deduz, se imagina a partir do conteúdo estético no sentido amplo. Para compreender a imagem é necessária uma desconstrução artificial e a ilusão de uma reconstrução interpretativa. A análise desempenha funções necessárias para uma recepção e uma interpretação, como a satisfação do gosto, função didática, cognitiva e de juízo crítico. Como instrumento de síntese, ela propicia moderar a emoção e elaborar juízos e, desta forma, participar da obra.

Como já foi mencionado, a pesquisadora não é fotógrafa e, portanto, não dispõe dos meios técnicos e estéticos para registrar profissionalmente imagens. Mesmo diante desse desafio as fotografias falaram alto.

Nas imagens, as cores surgem com forte apelo comunicativo, elas falam por si mesmas e alguns tons são predominantes, sobretudo as cores primárias. De acordo com GUIMARAES (2000), a cor primária é aquela que não pode ser formada pela soma de outras, pois é irreduzível, enquanto que as cores secundárias são derivadas da mistura de duas cores primárias.

Debaixo da miséria aparente existe uma comunidade que se caracteriza pelo cuidadoso planejamento uso de um limitado espaço para fins de moradia... Aqui e ali se veem casas sólidas, de tijolos, que representam a poupança das famílias que as construíram aos pouquinhos, tijolo por tijolo. (PERLMAN, 1977, p. 17).

3.2.1. As fotografias de Paraisópolis – Terracota, terra quota ou terra de alguém

Figura 11: Terracota, terra quota ou terra de alguém. Por: Luciana Maffra

Um aglomerado de casas apoiadas umas nas outras, de cor uniforme, lembra terracota, cor do deserto. Ao redor, prédios gigantes, estilosos, esbranquiçados contrastam com a fragilidade do local.

Coincidência? Muitos moradores de Paraisópolis vieram de regiões áridas, consumidas pela seca do Nordeste. As cores do deserto persistem em sua realidade. O tom ocre lembra argilas coloridas, suas tonalidades variam devido aos diversos graus de calcinação.

As cores da terra estão associadas à penitência, ao sofrimento, à humildade. Barro puro, gênese da vida, cor da morte, utilizada desde o Paleolítico nos rituais fúnebres.

Olhando de perto, uma laje cinza está pronta para receber outro pavimento.

As pontas de ferro esperam, os tijolos delimitam as características do futuro cômodo. Um espaço mínimo, compartimentado. Ar do risco, o local não está isolado, algum animal ou criança pode ferir-se ou cair. O chão é úmido, denunciado pela vegetação rasteira...

Quem vai viver ali? Um parente, um amigo, um desconhecido?

Talvez numa próxima visita não seja possível contemplar a comunidade deste ponto. Um horizonte se vai. O agora mostra transitoriedade: um conjunto de formas quadradas e retangulares. A vista sugere caixas de papelão empilhadas, com tampas brancas de telha. Elas têm aberturas e escondem seres vivos, que respiram pelas frestas.

Um animal humano ou não humano? Não se pode ver seus rostos, nem sequer suas sombras. O olhar de fora não sabe. Não há espaços vagos ou praças. Não é possível apontar com o dedo algum marco na paisagem e dizer simplesmente "ali é a minha casa". As construções se mostram similares, frágeis e provisórias.

A comunidade se esconde no homogêneo. Um cômodo pode ser acrescido de outro, há uma sensação geral de desconforto, de difícil acesso, tanto a pé ou por transporte.

Onde está o consenso, o planejamento na construção de ruas e moradias? Será que houve alguma conversa? Parece que cada um constrói como pode e precisa. Em Paraisópolis as moradias sobem, possuem janelas pequenas e similares, que lembram olhos escuros, voltados para a mesma direção. Os vidros estão escondidos. O sol e o vento não entram nos cômodos e nos vãos entre as casas.

De acordo com SILVA, E.; RIBEIRO, H. (2006), na favela, as temperaturas não estão distribuídas homogeneamente e o padrão de arruamento, adensamento, tipo de material de construção são fatores que diferenciam o micro-clima. Trata-se de um ambiente de extremos térmicos que expõe sua população a maiores riscos de saúde, sobretudo as crianças.

Segundo RIBEIRO, H.; OLIVEIRA, M.; ARTEIRO (2007), as causas principais de internação hospitalar, em Paraisópolis, são diferentes se comparadas ao município de São Paulo e ao Distrito de Vila Andrade. A broncopneumonia ocupa a primeira posição, a diarreia e gastroenterite, de origem infecciosa, o segundo lugar. Essas doenças têm relação com condições ambientais desfavoráveis.

Observa-se que algumas construções possuem caixas d'água. O reservatório indica a necessidade de armazenar água para o alimento, para a roupa, para a limpeza e relembra a escassez em outras épocas e lugares. E o abastecimento e a qualidade da água? Será suficiente para todos?

As moradias apresentam restrições no uso de materiais. Há lojas que aceitam crédito do governo e parcelam as vendas. Além do material novo, o construtor-morador pode recorrer aos ferros-velhos e adquirir portas, janelas e madeiras de outras construções e estilos. Na entrada de Paraisópolis existem barracos cheios de peças de desmanche, demolição. E a pintura? Por que do lado de fora as casas não têm reboco, cor, textura?

Durante a semana, os homens trabalham nas obras das empresas (Pedro Engenharia, o, Higitec), aos domingos eles trabalham em suas casas e na dos vizinhos: colocam janelas e lajes, ladrilham banheiros e cozinhas...a construção não pára. Pode-se ver suas habilidades ao passear pelas ruas e vielas. Como se dá a circulação de pessoas num ambiente tão compactado?

Sem o verde, a imagem é ocre, cinza.

E a vegetação que o nome da comunidade sugere? Para onde foi?

Há poucas árvores, a OMS (Organização Mundial de Saúde) recomenda doze metros quadrados de área verde por habitante. A vegetação melhora as condições de vida nos centros urbanos, propicia benefícios como proteção contra ventos, diminuição da poluição sonora, absorção de parte dos raios solares, sombreamento, ambientação para pássaros, absorção da poluição atmosférica. O planejamento de espaços livres e vegetados e a adequação da rede de circulação no interior da área podem trazer conforto térmico e evitar doenças.

A situação desoladora da comunidade não é muito diferente de outros cantos da cidade. Na comunidade, as pessoas colocam vasos na varanda, não há jardins públicos... Nas periferias os serviços básicos estão ausentes, é como se as pessoas não estivessem lá.

Segundo dados da Secretaria Municipal do Verde e Meio Ambiente (2012), a média de área verde por habitante na cidade é de apenas dois metros quadrados por habitante.

Branco ao fundo nos prédios e na poluição da cidade, olhando a favela, os prédios firmes e fortes delimitam a área...

3.2.2. As fotografias de Paraisópolis – O apelido

Figura 12: O apelido. Por: Luciana Maffra

Movimento... Duas cidades.

Nesta parte inicial da rua, o comércio é intenso, lojas de todos os tipos se apertam. A fachada delas é desigual e apresenta cores fortes. O som intenso de música acompanha o conjunto cromático: é a favela que se descortina aos poucos...

Ao fundo e à esquerda, o mundo da cidade, claro, de edifícios brancos, cercado de verde. No centro da imagem, um rapaz conduz uma moto em alta velocidade. Na rua pavimentada, o veículo passa por uma casa bem construída, de três andares. Em que bairro ele circula? Não há faróis ou lombadas. Logo abaixo, a perua cruza a rua e logo ficará lotada... As

calçadas ausentes convidam a andar na rua. Os prédios ao fundo parecem tudo observar, estão estáticos enquanto que, dentro da comunidade, tudo é movimento.

Ao fundo, o branco enevoadado oculta outra realidade; aos poucos, as cores anunciam outra vida: amarelo pálido, preste atenção! À direita, a cor que vem com toda força, a perua, o ponto de ônibus, a construção ocre, a tinta misturada azul / verde, a barraca de lanches ao lado da manicure. Será que o dono é uma mulher?

Em que lugar estamos? Em um bairro, na favela? Construções irregulares e produtos para diversos fins estão à venda. O apelido é a designação informal para identificar alguém: Gugu. Gugu lanches, lembraria quem? O dono da barraca ou uma homenagem ao apresentador de tevê?

Nessa esquina tudo é possível: a venda do lanche, o cartaz, o ponto do ônibus, o poste de luz e uma profusão de fios, os produtos de beleza da loja fechada.

Há faixas que comunicam um desespero: Venha, compre. O tempo urge! Eterno oferecimento.

O verde/água destaca o pequeno comércio improvisado. Contrasta com o vermelho e o amarelo. O lanche é a apropriação de um estilo globalizado de alimentação. Assim como o cartaz, o lanche é provisório: mata a fome, mas não nutre. As figuras do alimento são infantis, inofensivas, amigáveis. Na porta lateral de metal há uma grade que parece proteger e segurar a porta.

O poste de luz ocupa o lugar que poderia ser de uma árvore, não há calçada. Os “gatos” saem da construção em direção ao poste: ilegalidade ou normalidade?

O formato das letras contrasta com a transitoriedade dos cartazes e placas feitos de plástico, com letras padrão. A construção está inacabada, uma tentativa de permanência em um ambiente tão transitório. Atrás da barraca há um carro branco: será um táxi? A velocidade impera...

3.2.3. As fotografias de Paraisópolis – Viela Samueu

Figura 13: Viela Samueu. Por: Luciana Maffra

Vielas Samueu, escrito em negro, sobre um muro cinza, cor associada à tristeza, frieza e as cinzas da morte. O nome da viela pode sugerir religiosidade: o Samuel bíblico, cujo nome significa o esperado, presente nos textos sagrados cristãos e judaicos. A grafia pode oferecer outras indicações (Samu – eu) do anônimo que a inscreveu sobre a parede. A inscrição tão evidente na parede pode apontar para uma necessidade de localização do espaço e de apropriação do mesmo. O escritor não conhece a norma culta da língua...

Para SERFATY-GARZON (2012), a apropriação está associada à adaptação de alguma coisa a um uso específico ou destino; ela pode ser a ação que visa tornar algo propriedade. Há uma intenção de render algo a si e transformar este algo em uma expressão de si.

O Samueu desconhecido deixa sua marca no espaço. Ao lado da cor que lembra a morte, uma mulher ampara duas crianças pequenas na porta da casa. Ela carrega uma criança e conduz outra por um caminho acidentado. A própria figura demétrica da mãe, nutridora e cuidadosa. As crianças estão agasalhadas, protegidas do frio, o bebê usa um capuz muito

limpo e branco, talvez a mulher conheça a importância deste acessório na prevenção de resfriados e otites, a proteção.

Tanto a mulher como as crianças usam trajes alegres e coloridos, com predominância do vermelho, branco e azul, cores que se harmonizam com a cor dos calçados. O trio parece estar saindo de casa ou de uma visita. Tanto a mulher como a menina usam sandálias baixas, talvez pelo conforto e pelo terreno acidentado. A mulher tem os cabelos presos e a menina tem os seus na altura dos ombros: uma evidência de asseio, de preocupação com o bem estar e a aparência, mesmo em condições adversas.

Há uma inclinação no terreno e a menina observa, do muro, a escada improvisada, o que indica que muitas pessoas trafegam por ali. O muro da casa tem manchas na parte inferior, o que pode indicar umidade. A construção das casas não segue padrões e muitas vezes a água das chuvas não tem por onde escoar. A mulher está com um aparelho celular na mão esquerda, ligada num mundo que não se imagina. As tecnologias e a telefonia celular estão espalhadas por todos os cantos do planeta, mesmo em locais empobrecidos.

A cor cinza, mistura de preto com o branco, cor essencialmente neutra, sem som nem movimento. O cinza é cimento, firme para segurar a construção inacabada, as emendas dos tijolos, dos muros e das casas. A massa compacta oculta o que já foi uma janela e ampara um cilindro branco condutor de água, uma permanente modificação, movida pela necessidade de seus habitantes. Há um plástico amarelo no chão e um recipiente branco de plástico vazio. Para quê? O nome ou enunciado Samu-eu está inscrito em preto na parede cinza. Para uns, o preto não é cor, é ausência de luz. Na natureza, o preto absoluto não existe. Ele é luto, aflição, impossibilidade. Para outros é elegância, sabedoria. Como elemento de contraste, o enunciado lembra a escritura oriental que utiliza largamente este recurso. Para os orientais, o preto tem uma característica eminente gráfica.

A construção parece inacabada, tanto pela presença do tom cinza cimento sobre os tijolos, cobrindo parcialmente o muro, como pela existência de um tubo externo, que atravessa a construção, ligando-a de um lado ao outro da viela. Este tipo de arranjo apresenta não apenas a dificuldade de se obter um saneamento adequado, como a também a engenhosidade na adaptação de um encanamento. O objeto é branco, que é uma cor capaz de refletir os raios luminosos, é a soma das cores. Ele representa as transformações do ser, da pureza, a esperança e a felicidade, a expectativa de algo a se desenvolver. Neste caso

específico, o cilindro que conduz água incita a pensar a importância desse recurso na comunidade e o que ele propicia de bem estar. Ao mesmo tempo, o cilindro está exposto e desprotegido propiciando mais uma vez a ideia de precariedade. Há um forte senso de imprevisto: é a escada junto à parede, o cinza que cobre o muro, os tubos que se interligam e a fiação. O que parece não mudar é a cor e a forma das janelas quadradas, com ripas cujo modelo é predominante na comunidade, modelo este que permite ver sem ser visto.

Neste local, há galos e galinhas por toda parte, um trecho de terra, duas mulheres conversam diante de um telhado forrado com garrafas plásticas. Nesta rua há muitas vielas, verdadeiros formigueiros abaixo do nível da rua. As pessoas sentam-se na calçada para conversar, e numa mesma entrada, há três ou quatro casas identificadas por números.

3.2.4. As fotografias de Paraisópolis – O candidato e a bicicleta

Figura 14: O candidato e a bicicleta. Por: Luciana Maffra

Essa imagem possui três focos: no sentido horizontal parece mais estática; a abertura ao centro; e o painel de cor predominante amarela, esconde a realidade: as casas ocres ao fundo.

O primeiro plano apresenta uma bicicleta, apoiada na porta de uma loja. Expectativa. A bicicleta é branca e preta, combinação amiga do grafismo, que lembra estórias em quadrinhos.

Será que o dono da bicicleta vive ali? O que vai acontecer com a bicicleta? Será que ele foi visitar alguém? Será este um indicador de confiança no vizinho, visto que a bicicleta não está amarrada?

A possibilidade de ir e vir... Descer as escadas rumo às casas cor de terra. Nas laterais, há escadas que conduzem a labirintos sem fim... Sejam bem vindos! Com exceção da porta da “Loja da Néia” e da gaiola de passarinho, tudo está aberto.

A hospitalidade condiz com o aspecto lúdico da entrada. A “Loja da Néia” pressupõe uma proximidade... Não se sabe o nome da proprietária, é um apelido. As cores predominantes: o fundo amarelo destaca as peças, solicita que se preste atenção. Roupas dançam, são peças pequenas, do dia a dia, com o biótipo pequeno das pessoas que ali vivem. As roupas simples (calças, camisas, vestidos) mantêm-se no espaço entrecortado por letreiros, que dizem: Moda feminina, moda masculina e outras mais... Convidam o cliente a descobrir o que foi ocultado. A liberdade das roupas contrasta com a gaiola de passarinho ao alto, aprisionando um animal, que figura como peça decorativa.

Abaixo desta há uma placa desenhada e escrita como rolo de pergaminho: “Avon” (o mercado brasileiro é o maior, presente em 140 países), “Natura” (iniciou em 1969 em Cajamar) e “Jequiti”, grandes marcas de mídia, catálogo e encomenda. Como num decreto, elas aparecem com as opções de pagamento parcelado. A necessidade da diversificação, da venda, do produto conhecido e a facilidade de crédito. O reino da miudeza, o circuito inferior, “venha conferir”. Na lateral, um vão que conduz ao infinito das casas.

Ao lado, o candidato vestido com terno, traje moderno, nascido do luxo da Corte Francesa. A aristocracia é o candidato; com exceção dos trajes domingueiros das igrejas, os homens de Paraisópolis se vestem informalmente. O cartaz está afixado num ponto de distribuição de hortifrutis, local popular desde a década de 1980, o sacolão. O sorriso no cartaz, a cabeleira branca, uma formalidade inesperada neste contexto contrasta com o verde da parede. O verde acalma, apazigua, cor da esperança associada ao patriotismo.

O futuro incerto do candidato, com a necessidade imediata da população. A comunidade tem tido seus ex-líderes como candidatos a cargos públicos. A faixa provisória está num local bem estabelecido, cheio de carrinhos metálicos, aguardando uso e um veículo preto estacionado à frente. Estabilidade, é isto que o político oferece.

3.2.5. As fotografias de Paraisópolis – Skate

Figura 15: Skate. Por: Luciana Maffra

A imagem mostra um local degradado e uma figura quase intocada: o jovem desenhado na parede realiza uma manobra radical em seu *skate*, esporte inventado na Califórnia, na década de 1960: a prancha desliza sobre o solo, imitando outro esporte radical, o surfe. Com o *skate* executam-se manobras, com baixos a altos graus de dificuldade. Considerado um esporte radical pelas manobras, é praticado em pistas em formato de U e nos espaços urbanos como bancos, escadas e corrimãos. O ambiente de cores neutras, cinza e ocre, das casas inacabadas, da estrutura que lembra uma pista de *skate*, contrasta com a parede rebocada e pintada. Por que não pintam as casas e a pista? Por que só a parede foi a contemplada com a pintura? O lixo e a degradação do local mostram que ele não cumpre seu uso ou o lixo é ignorado, apesar do uso do espaço. A figura na parede mostra o vigor de um jovem realizando uma manobra radical de *skate*, em meio a um ambiente indiferente, das casas sem pintura nem reboco, e de uma árvore sem copa, sem verde, flores ou frutos. O rapaz tem um biotipo diferente dos garotos da comunidade. A figura desenhada tem um físico robusto, caucasiano, ombros largos, braços fortes e mãos grandes, dedos largos de gestos incisivos, que apontam para baixo. A pele é branca e o cabelo negro e liso. A figura é incoerente com a estrutura franzina dos garotos da comunidade. O garoto usa calças jeans, um tipo de calça que surgiu em 1872 em Nîmes, na França. O tecido de Nîmes virou denim, usado por estivadores genoveses e foi adaptado pela família Levi Strauss, em 1853, para os garimpeiros californianos. A calça ganhou o mundo através da juventude imortalizada do final da década de 1960. Ele veste camiseta, vestimenta surgida na revolução industrial e introduzida no Brasil no início do século XIX, largamente difundida pelo uso da malha. Os tênis surgiram em 1916, como calçado esportivo, nas décadas de 1930 e 1940 e na década de 1950, teve seu uso generalizado na escola e locais informais. O boné complementa o vestuário. O jovem difere dos garotos da comunidade, que usam chinelos e bermudas. Não se vê seu rosto, ele olha apenas para seu movimento. A árvore, que seria símbolo da doação, da feminilidade, do conhecimento interior nesta imagem, não tem copa, flores ou frutos, se assemelha a um baobá (*Adansonia*), árvore com oito espécies, originária de Madagascar e emblema do Senegal, introduzida no Brasil por sacerdotes africanos. Tão lembrada pelo Pequeno Príncipe de Exupéry, seus galhos agressivos e estéreis parecem enfatizar as proezas do garoto.

No chão de estrelas há pequenos *skates* e flores. O príncipe da foto está sozinho, não tem rosto, amigos, amigas ou animais por perto. Onde foi parar a capoeira, a queimada, o vôlei e outros esportes coletivos? O espaço público, que seria de usufruto de todos, exalta o individualismo e a exibição, o machismo. Menina não entra. Por que não há meninas no

desenho? Onde elas se escondem? Por que o privilégio dos meninos no uso dos espaços de lazer? Acima da figura, algumas nuvens a limitam, mas não o movimento do moleque. O garoto sobe `as alturas, solitário, tão quanto as árvores secas, sem flores ou frutos. A degradação do local fala muito. De quem foi a ideia da figura? Será que ela expressa os anseios dos meninos e meninas de Paraisópolis? Como a natureza é retratada? Árvore seca, um mínimo gramado e as flores simplesmente surgem. Abaixo, o lixo e a degradação. Será que esse espaço é nosso?

3.2.6. As fotografias de Paraisópolis – Lan House

Figura 16: Lan House. Por: Luciana Maffra

Lan house é um termo surgido na Coreia do Sul e designa um local onde pessoas utilizam um computador, Internet e jogos num *cyber café*. A *lan house* da imagem é um local improvisado, assim como a escrita na porta, branca sobre fundo negro, com os números acima, em destaque. O local se insere em uma casa de cor acinzentada, que exhibe uma vida doméstica: o cão deita-se tranquilo na entrada, zelando pelo espaço; a postura relaxada do animal pode indicar que ele conhece quem se aproxima, talvez a casa seja muito pequena e ficar do lado de fora seja mais agradável. No lado de fora da casa aparecem: o lixo ensacado e o varal com roupas penduradas. O vermelho será uma camiseta, uma toalha de mesa ou colcha? O varal mostra um uso híbrido do espaço público, o cão sem guia esgueira-se na calçada e o varal exhibe a roupa recém-lavada. A construção está incompleta: e mostra os tijolos e o vão na parede. O varal interno está localizado em um local coberto, sem iluminação, roupas repousam sobre o muro. Assim como outras construções, há fios pendendo do poste, verdadeiras teias. A construção apresenta diversos estágios diferentes e inacabados, tem-se a clara impressão de que os pavimentos surgiram em épocas distintas. O pós-moderno, concreto se afirma. O lixo cuidado, a varredura da calçada e a roupa estendida lembram as mulheres anônimas mantendo o espaço destinado a trazer a sobrevivência. As *lan houses* na comunidade funcionam a todo vapor e, sobretudo à noite, são frequentadas por adolescentes. A necessidade de informação e entretenimento, a vaporização do conhecimento, aliada à tentativa da comunidade de participar do mundo informatizado, das redes. Os telecentros são insuficientes. O espaço funciona como um serviço prestado à comunidade, incomum diante das miudezas, uma possibilidade que exige conhecimentos técnicos, maior capital de investimento, sacrifícios, planejamento, expectativas... A porta aberta, assim como o animal não humano, o humano pode confiar no entorno. Imagina-se como são as trocas nesses espaços?

3.2.7. As fotografias de Paraisópolis – Lâmpada e Criança

Figura 17: Lâmpada e Criança. Por: Luciana Maffra

A imagem mostra uma rua movimentada, onde uma menina brinca na porta de casa, ao lado de outra criança menor, que está sentada. A menina é muito pequena, se comparada à construção acinzentada de dois pavimentos.

Ao contrário de outras casas, a da imagem está mais acabada, embora exiba marcas de mudança recente, como a porta de madeira ao alto, acima de uma escada íngreme, sem proteção ou corrimão. Tem-se a impressão de que, no andar de cima, reside outra família,

dissociada das crianças da casa de baixo. Há uma porta, janela entreaberta, que oferece a figura de um sofá. E acima uma parabólica, que conecta as casas humildes: será a tevê a internet?

Em baixo, a menina usa trajes alegres, de cor avermelhada e sandálias da mesma cor. Tem os cabelos presos num “rabo de cavalo”; curioso notar que alguém se preocupou com sua apresentação e vestimenta, mas a criança está sentada no chão, dentro e fora de uma casa, no vão de uma porta aberta. Não se vê nenhum adulto olhando as crianças, ou será que eles estão dentro da casa? Será que a menina reside ali ou está lá temporariamente?

A casa se encontra em uma rua movimentada, cheia de peruas e carros. Escadas laterais conduzem a outras casas, que se apertam. Os vãos escuros das casas vizinhas exibem outras escadas, que não cessam o movimento de subida. Há um pequeno comércio, que expõe botijões de gás empilhados, próximos à rede elétrica. As crianças estão apertadas naquele pequeno espaço. Não correm, pois em frente há uma avenida movimentada e as escadas podem ocasionar acidentes. Elas estão sentadas, timidamente, o corpo não está relaxado, seguram algum objeto pequeno, não parecem conversar e a porta está aberta; ao lado, o número da casa: 25 A.

O que seria um nome “Eli” que aparece escrito na parede? Seria o nome de algum morador? “Eli” aparece na tradição judaica cristã como sacerdote corrupto, profeta cuja profecia “mas os que me desprezam serão desprezados” se confirmou. A imagem transmite abandono. É difícil imaginar crianças desta idade tão quietas, em plena luz do dia. A escada em que a menina se encontra apresenta resíduos e, logo ao lado, eles se apresentam acumulados abaixo da imagem de uma lâmpada. Um poste pende com fios acima da calçada, próximo às crianças. Risco. A luz, a eletricidade... Falta calor e cuidado nas escadas, nos vãos das casas vizinhas e, no mais importante, nas crianças?

3.2.8. As fotografias de Paraisópolis – Musa

Figura 18: Musa. Por: Luciana Maffra

“Caminho por uma rua que passa em muitos países. Se não me veem, eu vejo e saúdo velhos amigos”. (Carlos Drummond de Andrade).

A arte da beleza... Na comunidade há muitos salões de beleza, o que pode indicar falta de formação específica, falta de outra oportunidade de emprego ou até uma exigência de aparência deste tipo de população. Neste contexto, é difícil encontrar uma mulher jovem sem maquiagem ou adereços, ou com os cabelos curtos.

A imagem é uma ilha de feminilidade, em uma rua cinza, ao lado de uma casa marrom, cercada por grades, que parece uma prisão, embora contenha vasos de plantas e uma placa com números.

O toldo rosa destaca o enunciado “A arte da Beleza”. É um território de liberdade. Ao contrário de tantos espaços para homens na comunidade, seria um local para mulheres?

Abaixo, a porta exibe a figura de uma mulher de cabelos longos, negros, com os ombros e costas à mostra. Afrodite está mais presente do que nunca na comunidade, surgindo nas figuras que estampam pequenos comércios. É o cabelo longo e negro, ondulante, o olhar provocador, emoldurado pelo amarelo, o brilho, o destaque... O fundo azul celeste destaca a figura de forma tranquila.

A figura representa fielmente o jeito das mulheres da comunidade: rejeita pudores, mostra os atributos físicos, usa roupas sensuais, tem os cabelos escuros. Como a figura da foto, ela está emoldurada, não interage, olha, não fala. A luz solar incide sobre essa figura imponente, sensual e, abaixo outro enunciado: “cortes unissex”.

Nas laterais da porta, os produtos de catálogo que proliferam. Ao lado, um vão e, ao contrário de outras casas, uma descida para algum esconderijo: o número 570, no fundo rosa. O chão está limpo, cuidado. Será que a mulher representada se esconde ali?

Ela convida a consumir relacionamentos e a gerar criatividade, transformação.

Afrodite é a deusa do amor, da sensualidade, da beleza, é alquímica, é magnética, irresistível, sob as luzes do teatro que iluminam o palco, ela convida à beleza, ao cuidado à sensualidade, venha conferir! Ela está no nível do povo, da calçada, da rua. Olha fixamente para quem se aproxima.

Na rua surge, de repente, uma mão, indicando que alguém caminha tranquilamente. Será homem, mulher?

Ao contrário de outros bairros da cidade, as pessoas caminham na rua, os braços vão e vêm, dançam, sem medo de quem está próximo.

Na lateral esquerda, nota-se uma casa cercada de grades marrons, por todos os lados. Os vasos de plantas, o material de limpeza e os números que a identificam ficam obscurecidos pelas grades escuras. A casa minúscula lembra uma jaula, que contrasta com a beleza, a expansão, a vida e a alegria das cores da casa ao lado?

3.2.9. As fotografias de Paraisópolis – Escada para o céu

Figura 19: Escada para o céu. Por: Luciana Maffra

Comunidade Nossa Senhora da Penha! O culto à santa teve sua origem por volta de 1434. O monge Simão Vela teria encontrado uma imagem idêntica, em uma aparição, em um local íngreme. O primeiro altar se ergueu em Vila Velha, em 1535 e em São Paulo, em 1667. Há muitas denominações religiosas na comunidade de Paraisópolis. A imagem mostra uma edificação, que abriga uma igreja em uma ladeira, semelhante às muitas igrejas da Penha.

A edificação é amarela com mistura de branco, lembrando as cores do Vaticano e, ao lado, o azul claro participa da associação com os reinos celestes.

A comunidade é identificada pelo nome escrito num toldo amarelo, intenso, que destaca as letras. O toldo e a porta de entrada são encontrados em comércio e parece ter havido uma adaptação do espaço e dos recursos. Nas paredes, panfletos oferecem cursos.

Há uma observação para que veículos não estacionem ali. A rua é íngreme e movimentada e há poucos locais para estacionamento. É a vida do dia a dia de que a comunidade participa.

A escada em espiral é reaproveitada, conduz ao segundo pavimento da igreja. Quem será que a utiliza? Os fiéis? Observam-se figuras familiares: um anjo repousa sobre uma nuvem branca, pura, envolvido numa moldura de luz amarela. Ele usa trajes de sacerdote e está ajoelhado.

Ao lado, em menor proporção, a santa. Ela carrega o menino, coroada, entronizada numa nuvem branca, escoltada por uma figura alada, que possui face e não tem corpo, não é um ser humano, é quase divino.

A figura feminina representa a mãe, não a maternal, terrena, mas uma mãe celeste, divina, paramentada. A Santa que dá nome à igreja aparece de forma tímida, ao longe, enquanto que o anjo ajoelhado tem destaque na figura. O que se espera? Obediência, devoção? Seria o anjo devoto mais importante que a santa?

Estaria a santa tão longe das pessoas, em um céu que mal se pode enxergar, acima da rua, da placa que nomeia um espaço público e que lhe confere localização, estaria ela tão longe das pessoas que andam nas calçadas? Por que as divindades estão assim representadas?

O que as mulheres do imaginário de Paraisópolis podem dizer das mulheres reais da comunidade? Em que aspectos do cotidiano elas precisam dialogar?

3.2.10. As fotografias de Paraisópolis – O quadro

Figura 20: O quadro. Por: Luciana Maffra

O sonho...

Tenho a certeza de que os habitantes da comunidade usufruem de pouco espaço e utilizam os espaços coletivos para estender roupas em varal, seja na viela ou na porta das casas.

A imagem apresenta a entrada de uma casa anônima, em uma viela de Paraisópolis, próxima a Rua Herbert Spencer, uma das mais movimentadas.

O branco emoldura essa imagem, já desgastada pelo tempo. É cor de limpeza, pureza, aceitação e esperança. As paredes, o batente da entrada e a porta seguem a mesma opção cromática. O local está limpo, o piso mescla cores claras e rosadas. Há um quadro que enfeita a porta de entrada. Um ideal importado de felicidade. Pergunta-se o tempo todo: onde ele teria sido encontrado? E por que foi figurar na porta da casa?

Cena idílica, o paraíso na terra: ao fundo uma linda casa, construída em madeira, de enormes proporções, rodeada por coqueiros, ajardinada. Vê-se uma cachoeira, em um lago plácido, ao fundo da casa. Um cão da raça *collie* atravessa o imenso jardim. Seria a lembrança de algum seriado americano de tevê?

O jardim tem árvores de copas grandes e rosadas, há cavalos que pastam tranquilos e, mais à frente, encontra-se um casal vestido de branco: o homem toca violão e uma mulher loira o escuta. Nota-se uma onda na praia, ou será um rasgo na figura? Não importa: o tempo pára.

Essa sequência narrativa convidativa contrasta com o portão de metal, que esconde roupas coloridas, estendidas num varal nas laterais da casa. Ali estão dispostas, em espaços regulares, as roupas de adultos, calças, blusas ao lado da porta de entrada do pequeno lar, cores vivas e neutras... O sonho e a realidade. O quadro não é apenas um objeto decorativo, que enfeita a entrada. Ele parece indicar desejos. Desejo de tempo para o lazer, descanso, apreciação de coisa simples, do repouso e espaço. A imagem lembra as pequenas igrejas que contam histórias por meio de cenas. Ele está presente na entrada e saída das pessoas da casa, dos passantes e visitantes, impossível não notá-lo, ou esquecê-lo. É um pequeno tesouro. Talvez seja um sinal, um pedido de uma vida melhor, uma consideração à mulher. Que trama da vida real aflora nos indícios e urdiduras e no quadro é celebrada?

3.2.11. As fotografias de Paraisópolis – Palmeirinha

Figura 21: Palmeirinha. Por: Luciana Maffra

O campo do Palmeirinha surgiu na década de 1970 e foi reinaugurado em 1982. Era um dos três campos de futebol de Paraisópolis, os outros campos desapareceram. Na atualidade, ele recebe torneios internos e externos e possui uma escolinha de futebol, que hoje conta com, aproximadamente, cento e vinte crianças, entre dez e quinze anos. Além do futebol, o handebol é praticado nesse espaço. O campo situa-se num dos locais mais movimentados da comunidade, próximo à biblioteca e a um centro de saúde.

A imagem acima é desoladora, lembra um naufrágio. A desordem que nada acrescenta: o lixo está acumulado nas paredes coloridas e festivas, que delineiam um espaço de lazer, de confraternização. As paredes mesclam cores ocre, verde e amarela. Há um coração desenhado no fundo amarelo. Num local visível, onde muitas pessoas circulam, há um espaço coletivo. Ao fundo, dois garotos observam as jogadas na pista de areia. Eles estão portando mochilas. Talvez tenham ido à escola ou estão a caminho dela. A porta do campo está fechada, ele está circulado por lojinhas coloridas, pequenas casas e bares. Um espaço de lazer fechado, rodeado

de grades e portões... Um espaço seco, com uma pequena árvore. O Palmeirinha por pouco não desapareceu debaixo das invasões. E a parede de lixo? O pequeno lembrete escrito em vermelho sobre um fundo branco “Proibido jogar lixo” parece não surtir efeito. Uma pequena lembrança no meio de tanta confusão. O monturo ostenta a cultura do consumo e do desperdício. Ali estão pedaços da vida cotidiana: colchões, armários, sacos plásticos, roupas velhas, papelão. E faltas: de infraestrutura para descarte, de lixeiras, de fiscalização domiciliar, de esclarecimento sobre riscos à saúde. Falta educação ambiental e participativa. O lixo não desaparece, mesmo sendo ignorado.

Curiosidade ou ironia, os trabalhadores da empresa que realiza o recolhimento do lixo reúnem-se neste local pela manhã, por volta das sete horas, e à tarde, por volta das dezesseis horas. São identificados por seus uniformes amarelos.

O que é lixo? Um termo polissêmico. O lixo é todo o resto das atividades humanas inúteis e indesejadas, na frente do campo de futebol, onde há energia, criatividade, emoção e movimento. Um contraste?

3.2.12. As fotografias de Paraisópolis – Animal

Figura 22: Animal. Por: Luciana Maffra

Na comunidade há muitos animais não humanos, que se encontram em estado de abandono.

A maioria deles são cães, que se concentram próximos aos depósitos de lixo, onde recebem alimento, nem sempre adequado. A imagem mostra um cão, sem raça definida, procurando comida nos sacos de lixo, deixados ao lado de um poste. O animal está tenso, cabisbaixo. Ao fundo, uma parede cinza indica o local da leitura de água e acima o número da casa de um morador. São situações incômodas que contrastam com a mensagem da parede evidenciada pela cor verde da esperança e pelo pergaminho das escrituras, o decreto: mensagem de conforto. O animal circula sem dono e sem identificação, não tem abrigo nem comida. Por que a diferença entre animais e pessoas? O animal olha desconfiado para aquela que fez a imagem: estaria ela interessada em sua refeição, ou será que ela lhe causaria algum dano?

O abandono dos cães não seria um indicativo da necessidade de campanhas de esclarecimento, vacinação e castração gratuitas na comunidade? Ao se esclarecer sobre o direito dos animais, que eles sentem fome, frio, medo, esse desconforto não diminuiria? Até que ponto os animais abandonados não trazem doenças à população de Paraisópolis? De que forma a comunidade pode mobilizar-se para combater o problema? Os animais parecem estátuas ignoradas pelos moradores.

Na comunidade de Paraisópolis existe uma filial da organização, não governamental, AILA – Aliança Internacional do Animal, sediada numa das ruas principais da comunidade. A entidade promove anualmente mutirões de vacinação, vermifugação e castração de cães e gatos. Os voluntários e moradores, interessados no atendimento, utilizam as salas de aula de escolas da comunidade para realizar as cirurgias. É um começo e um indicativo de que há muitas pessoas da comunidade que se preocupam com seus animais de estimação, embora muitos deles ainda sejam deixados à própria sorte.

3.2.13. As fotografias de Paraisópolis – Viela Maria Rita

Figura 23: Viela Maria Rita. Por: Luciana Maffra

3.2.14. As fotografias de Paraisópolis – Viela Francisco

Figura 24: Viela Francisco. Por: Luciana Maffra

3.2.15. As fotografias de Paraisópolis – Viela Céu Azul

Figura 25: Viela Céu Azul. Por: Luciana Maffra

"Se esta rua fosse minha, eu mandava ladrilhar com pedrinhas de brilhante, só pra ver você passar"... (Canção popular).

A rua é um espaço público, aonde se vai e vem e, como tal, deve possuir calçadas para pedestres e espaços para arborização. A rua tem um vazio central e construções laterais, é um espaço de passagem e permanência. Na rua, circulam pessoas, animais, veículos de todos os

tipos. Elas levam a algum lugar e não fornecem apenas uma localização no espaço, mas o delimitam. Rua contrasta com viela, uma versão menor e anônima.

As vielas da comunidade de Paraisópolis não são oficiais. Trazem o nome de moradores, santos e qualidades da alma. Na prefeitura do município de São Paulo, elas não existem e este fato dificulta a vida de seus habitantes, que há anos se empenham para oficializá-las.

As vielas são enigma e história: Maria Rita, dona Célia, Dona Rosa, Natal... Tantos nomes de personagens anônimos...

Vielas São José e Vela São Ajuda falam da fé das pessoas. Vela Céu azul, Paraíso, da Alegria, são estados da alma, que todos partilham.

Os nomes atribuídos fazem sentido e constroem uma narrativa peculiar.

Nas imagens, eles estão gravados nas paredes, para facilitar sua identificação.

A iluminação nas vielas é precária. São pequenos *spots* de luz, que as atravessam. Muitas vezes, uma só identificação não é suficiente. São placas e inscrições, realizadas pelos moradores, que utilizam tintas e cimento em cores e letras desiguais. Muitos moradores escrevem nas paredes os números de suas casas, uma forma de apropriação, além da necessidade de localização.

É difícil imaginar um morador de uma viela não poder matricular um filho na escola ou sequer receber uma correspondência porque o lugar em que vive não existe.

As vielas servem a todo tipo de função: varal de roupas, local para afixar cartazes e dizeres religiosos. Na maioria dos dias, são limpas e cheirosas, mas sua beleza se perde pelo acúmulo de sacos de lixo, visto que não há coletores específicos para este fim.

3.3. Um pouco sobre linguagem

É preciso reconhecer que, seja qual for a sua cultura, o ser humano produz duas linguagens a partir da sua língua: uma linguagem que é a linguagem racional, empírica, prática, técnica; a outra é simbólica, mítica, mágica. A primeira tende a precisar, denotar, definir, apoiar-se na lógica e tenta objetivar sobre o que fala. A segunda utiliza diferenciais: a conotação, a analogia, a metáfora, isto é o halo de

significações que envolve cada palavra, cada enunciado e ensaia traduzir a verdade da subjetividade. (MORIN, 1997, p.37).

A linguagem é, antes de tudo, um sistema dinâmico. Ela está presente em todo movimento ou sequência. Linguagem é um termo polissêmico, usado para descrever encadeamentos e compreensões. Enquanto a lingüística procura descrever as estruturas fonológicas, semânticas e sintáticas das línguas naturais, a linguagem compreende os aspectos gerais das línguas como a referência e a significação.

Para MORIN (2008), a linguagem humana é polifuncional, ela aparece em todas as operações cognitivas, comunicativas e práticas. Numa trama complexa ela encadeia vocabulário, regras gramaticais e de sintaxe. Mesmo tratando-se de um ente autônomo, ela não existe sem o seu emissor, o sujeito, nem sem suas interações culturais. A linguagem depende dos seres que dela dependem: humanos, não humanos e máquinas.

Nos passos deste autor, a linguagem tem dupla articulação: ela apresenta conjuntos de fonemas sem sentido que constituem enunciados com sentido. Ela atua como mediadora do universo antropológico, conectando mitos e ideias. Ela possui uma vida intensa: palavras nascem e morrem, gírias são adotadas e estabelecidas, novas metáforas, novos mundos do pensar e falar.

Na linguagem encontra-se o coletivo, as tribos e a necessidade individual do sujeito.

Como sistema ela liga o ser humano à sociedade e, se no início dos tempos ela serviu à criação de mitos e crenças tão necessários à cultura, no momento presente ela se torna um valioso objeto de estudo das práticas sociais. Num mundo mediado por imagens e pelas novas tecnologias, a linguagem se transforma numa velocidade jamais imaginada.

Muitas teorias procuram decifrá-la, mas devido a sua complexidade é impossível abarcar sua totalidade. De início, a linguagem foi observada e analisada como um sistema objetivo e autônomo e, na atualidade, procura-se conhecer as condições de sua operacionalidade.

Nesta perspectiva, como fica a linguagem no cotidiano? E no contexto diversificado da Comunidade de Paraisópolis?

RORTY (2005) apresenta a linguagem como algo que se molda ao mundo real ou algo que leva o espírito à consciência de si. Para ele, na atualidade, a linguagem é comparada à

evolução humana. Ela apresenta novas formas que superam as antigas sem nenhum propósito. Neste raciocínio, aqueles que falam a linguagem estabelecida não tencionam mudar. Os novos jogos de linguagem dos radicais e jovens são considerados irracionais, modismos.

Mas, como conciliar a ideia de usar linguagem e racionalidade? Seria isto possível?

KRISTEVA (2007) diz: “mas quem diz linguagem diz demarcação, significação e comunicação. Neste sentido, todas as práticas humanas são tipos de linguagem, visto que têm a função de demarcar, de significar, de comunicar”.

A linguagem conduz ao sentido que aparece em todo enunciado e possui uma finalidade. Uma visão clássica da linguagem afirma que o sentido resume a relação significante e significado, presente nos objetos linguísticos e extralinguísticos.

Além dessa concepção, outras visões da linguagem a apresentam como uma ação ordinária do cotidiano. Falar uma língua é adotar um comportamento que possui regras: perguntar, afirmar, dar ordens, executar ações.

Para SEARLE (1981), a unidade da comunicação não é o símbolo ou a palavra. As condições que geram certos atos de fala são a mínima unidade da comunicação.

Essa mudança de paradigma apresenta a linguagem em todas as suas imbricações no contexto social em que ocorre. A linguagem não flutua no espaço, ela se afirma nas ações da vida diária, eis porque ela é ordinária. Eis porque é importante distinguir o que o falante quer dizer dos efeitos que deseja produzir no ouvinte.

A teoria dos atos de fala, desenvolvida na segunda metade do século vinte, considera a linguagem como uma ação utilizada para realizar atos. Os atos de fala não obedecem a estruturas rígidas, mas são importantes observações em situações de contexto variado. Essa teoria aponta uma nova alternativa, pois considera a linguagem como prática social concreta ressaltando as circunstâncias onde ela ocorre.

SEARLE (1981) apresenta os atos de fala, divididos em asserções, perguntas, ordens e expressões, os chamados atos ilocucionais. As divisões são meras abstrações, pois os atos linguísticos são focalizados em sua totalidade. Esses consistem basicamente em proferir palavras no interior de frases em dadas situações sob certas condições e intenções.

O ato locucionário é essencialmente linguístico, emprega normas da língua, referência e predicação; o ato ilocucionário é uma oração com determinado fim.

No presente estudo, procura-se situar as situações comunicacionais em seu ambiente. A linguagem não é um ente abstrato, ela funciona em relação a uma situação possível, em que faz sentido usar certas expressões. Dessa forma, ao se investigar a linguagem, procura-se conhecer a sociedade, suas práticas e valores. Não há separação entre linguagem e mundo.

Linguagem e língua se transformam. Enquanto a língua é o viés social da linguagem e como tal não pode ser alterada pelo falante, obedecendo a normas sociais, a fala é um ato individual. A fala, como ato singular, reforça o desejo e o agir. O falante tem intenções, a fala fica, se registra na memória, nos afetos, na história, está ligada à existência do sujeito. No presente estudo não se pretende realizar uma análise linguística dos relatos orais, apenas situá-los nas situações cotidianas em que se deram.

Para MARCONDES (1992), a linguagem não deve ser analisada em abstrato, ela existe sempre em situações possíveis, em que o falante usa determinadas expressões, na maneira em que elas possuam significado. A pesquisa da linguagem acompanha sempre a sociedade da qual ela participa, a cultura, as práticas sociais, de certa comunidade, ou grupo. A linguagem não se separa do mundo. O sujeito da ação passa pela sociedade que lhe atribui papéis diversos e com isto lhe permite enunciar determinados atos ilocucionários em determinadas circunstâncias apropriadas, em consonância com valores culturais e padrões de comportamento.

Para o autor, o sujeito que fala é produto de um processo social. O eu é expresso pelo pronome sujeito, ao falar ele realiza uma ação, tornando-se sujeito no mundo.

Se a linguagem é a matéria do pensamento, é também o próprio elemento da comunicação social. Não há sociedade sem linguagem, tal como não há sociedade sem comunicação. Tudo o que se produz como linguagem tem lugar na troca social para ser comunicado. (KRISTEVA, 2007, p. 17).

Os seres humanos procuram, à sua maneira, tornar sua existência singular; eles procuram se diferenciar baseando-se em seus interesses, sua herança cultural e suas características pessoais. Muitos procuram não ser manipulados pela sociedade e insistem em desenhar sua trajetória. Nesse raciocínio, cultura e linguagem se misturam.

É somente porque descobrimos o sujeito em nós mesmos que podemos descobri-lo no outro. O reconhecimento do outro só pode ser o reconhecimento do outro nele, pois as simples diferenças podem tornar a comunicação impossível, por exemplo:

quando os interesses falam linguagens diferentes. As barreiras só são superadas se elas separam seres capazes de se comunicar entre si graças, ao mesmo tempo, à razão e ao respeito pelo caráter universal dos direitos individuais. (TOURAINÉ, 2009, p.192).

3.4. As falas de Paraisópolis

Encontros espontâneos com moradores ocorreram no dia a dia do trabalho de campo realizado entre 21 de fevereiro e 06 de março de 2011, foram muitas interações, algumas figuram na parte B e outras estão descritas a seguir:

3.4.1. Padaria São Joaquim

Figura 26: Muro. Por: Luciana Maffra

Desci no “coração” do comércio de Paraisópolis e entrei na padaria São Joaquim. É uma padaria grande comparada às outras lojas.

Três adolescentes de uns dezesseis anos trabalham ali. Elas usam camiseta vermelha, uma delas me atende, peço um café:

- Oi, você tem um café?

- Tem de setenta e cinco, um e um e cinquenta – me mostrando o tamanho dos copos com as mãos.

Depois de muita hesitação escolho o de setenta e cinco. O café chega coado, quente e doce. Para variar o tema da conversa é o calor:

- Hoje tá quente, né?

- Olha só, imagina eu aqui! – ela diz e aponta o fogão e os fornos com os dedos.

Em seguida, ela sai daquele canto e começa a varrer a padaria. Sou a única cliente sentada num banquinho alto. Enquanto saboreio o café, ela varre o chão e depois passa um pano molhado, envolvendo o rodo, no chão de cerâmica. Levanto-me:

- *Não, moça, pode ficar aí* – ela diz e as outras garotas a ajudam até terminar a tarefa.

De repente, surge uma garota com uma criança no colo, as três se conversam:

- *Você conhece meu filho, não é parecido comigo?*

Joguei o copinho de café no lixo plástico, forrado com saquinho, todo arrumado, e saí pela Pasquale Galuppi.

Observa-se que a jovem atendente mostrou-se receptiva às necessidades da interlocutora. Respondeu às suas demandas e, de forma bastante gestual, interagiu na conversação. A jovem manteve-se ligada no ambiente o tempo inteiro, tanto em relação aos clientes como às pessoas já conhecidas, mesmo desempenhando diversas funções. Havia uma preocupação muito grande em manter o ambiente limpo e acolhedor, sem causar desconforto aos presentes.

3.4.2. Loja de roupas WI FI Jeans

No topo da rua, o Programa Einstein para a Comunidade à direita e um comércio à esquerda. Uma drogaria e uma loja de roupas. Entrei na loja, que exibia ofertas numa faixa “Peças a partir de dez reais”. Fui olhar umas camisetas. Fui atendida por uma adolescente:

- *Eu sou a Alessandra, posso ajudar?*

- *Você tem dessas de dez reais? Eu queria dar uma olhadinha...*

- *Tem essa aqui e mais essas... Vem aqui comigo que eu mostro, tem mais coisa lá embaixo. Tem essas* – me mostrando os modelos.

A atendente me acompanhou ao subsolo para me mostrar mais peças. Eu experimentei duas camisetas:

- *A senhora mora por aqui?*

- *Não, eu vim visitar algumas amigas aqui. Eu sou a Luciana e você, como você se chama mesmo?*

- *Eu chamo Alessandra. E aí, Luciana, gostou?*

Subi com as camisetas fiquei com duas.

- *Essa loja é fabricação de vocês?*

- *Tem muita coisa nossa, sim, e agora, depois do Carnaval, vai chegar mais peças.*

- *E você vai trabalhar no Carnaval?*

- *Não sei. Aqui, eu trabalho de segunda a sexta, das nove às seis e amanhã (sábado) eu tô até a uma... Luciana, vem de novo que eu te mostro mais peças, tá pra chegar mais coisas.*

Brinquei com ela dizendo que no sábado só de manhã, que ela precisava descansar um pouco. Agradei e me despedi.

A vendedora, desde o início, mostrou-se muito comprometida em oferecer um atendimento de qualidade. Fez perguntas para obter informações rápidas sobre a cliente e procurou mostrar-se visível, informando-me de seus horários e dos novos produtos, possibilitando, quem sabe, uma venda futura.

3.4.3. Na perua 746 Campo Belo / Paraisópolis

Havia um garoto, cobrador, ouvindo som. Entrei no veículo e atrás de mim subiram mais dois homens.

- *Oi, tudo bem? Eu tô indo no CEU, qual é o melhor ponto pra descer?*

- *Pode deixar, quando tiver chegando eu aviso.*

- *A partir de que horas a perua funciona?*

- *Ela sai às 4h. 30m. e pára aqui às 5h. 10m. e de noite à meia noite e sai de lá onze e meia. De segunda a segunda, não pára não.* – rimos os dois.

Na Rua Mario Watanabe está o cemitério e a entrada para a Paraisópolis.

- *É melhor descer ali* – o rapaz cobrador me indica um atalho, em frente ao primeiro ponto de ônibus, embora houvesse uma escadaria mais à frente, que conduzia ao mesmo local.

O jovem mostrou-se muito acolhedor dentro da van, tanto que mesmo ouvindo som, ofereceu as informações necessárias e até suplementares, como em outros meios de transporte coletivos da cidade; ele se comprometeu a auxiliar a cliente e o fez no momento adequado.

Utilizou-se do humor e dos gestos nas falas, que, mesmo curtas, possibilitaram ao interlocutor estabelecer confiança.

3.4.4. CEU Paraisópolis

Dentro do CEU Paraisópolis (existe o fora e o dentro, separados por grades altas) há guardas uniformizados, em preto, portando rádios. Estou sentada no prédio da gestão, em um banco enorme. Ao meu lado direito há um grupo de adolescentes, conversando e rindo. E à minha esquerda, uma senhora com um bebê recém-nascido nos braços.

- *Que linda! Como ela chama?*

- *É Laura Ágata.* – o bebê toda vestida de rosa dorme no colo da mãe, que a cobre com uma fralda de pano. – *Nome forte, né?*

- *Eu tenho um de onze e agora ganhei ela. Você também vai fazer a matrícula?*

- *Não, to esperando uma conhecida.*

- *Eles pediram pra eu assinar a matrícula do meu menino, aí eu vim com ela. Tem dezesseis dias, mas não tenho com quem deixar, eu não podia deixar ela sozinha. Agora eu to aqui, esperando, ele sai meio dia.*

Aguardei mais um tempo, e mais tarde vejo que a mãe de Laura Ágata finalmente sai com o filho adolescente, que carrega a irmãzinha nos braços.

Nesta situação espontânea, a narradora relata fatos de seu cotidiano para uma interlocutora desconhecida. Ela procura encontrar na ouvinte alguma afinidade com sua

situação. A narradora notou o interesse da ouvinte e utilizou-se da fala para relatar a falta de locais para deixar seu bebê, recém-nascido. A narradora relatou uma necessidade no momento espontâneo.

3.4.5. Dona Francisca

Aguardei no saguão do CEU e encontrei dona Francisca, professora da Escola do Povo, entidade mantida pela União de Moradores de Paraisópolis. Ela estava ali para resolver algo na secretaria.

- Sabe, você precisa ir lá, a União tem cursos de cozinha solidária para geração de renda. A União de mulheres tá com cursos de pedreiro pras mulheres, pra elas mesmas fazerem o reboco e as instalações nas casas. A escola tá num outro prédio bonito, você precisa ver, mas o problema é que tá sem verbas para continuar o projeto esse semestre, talvez a gente volte em março. A gente não tem a condição econômica, mas tem a bagagem, né?

- E seu filho?

- É, ele tá estudando no Etelvina.

Por coincidência, eu estava com uma bolsa marrom, que ambas temos. Mostrei

- Ah, a bolsa... Dá um pulo lá na União, as meninas vão gostar. As pessoas estão se organizando, tem muitas coisas interessantes. A Juliana vai ficar feliz, mas vê se marca uma hora antes. E o projeto da rádio?

- É, ainda não deu.

- Às vezes demora, mas não é bom desistir.

Ela se despediu às pressas e eu fiquei por ali, só observando.

Ocorre uma interação com uma narradora, que faz parte da vivência da interlocutora. A narradora descreve, com entusiasmo, as novas situações vivenciadas (ela trabalha na União de Moradores de Paraisópolis como educadora). Ela exprime desejos quanto ao futuro da

entidade, mostra-se otimista e, de maneira muito entusiasta, convida a ouvinte para resgatar os vínculos com a instituição.

3.4.6. Padaria Sayonara

Parei na padaria Sayonara, na Rua Ernest Renan, próxima à União dos Moradores. Tomo um café. Quem me serve é uma jovem de uns vinte anos, seu nome é Ana Paula. Ana é alta, magra e morena, tem os gestos delicados, tem o cabelo preso num coque. Começamos a conversar. Ela me contou que quer estudar arquitetura, mas no exame anterior não teve nota muito alta no ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) e a nota de corte para Arquitetura era alta demais.

- Eu tentei Belas Artes, mas é muito cara e eu não consegui bolsa.

Ela tentou Mackenzie, onde chegou atrasada para a prova. Comentou comigo que no ano anterior tinha uma rotina puxada.

- Eu levantava às 4h. 30m. e entrava no serviço as 7 horas e à noite fazia cursinho, chegando em casa por volta das 23h. e 30m. Eu nem tinha tempo para dormir, mas eu tenho que tentar de novo, né?

Ana me contou que fez diversos cursos de línguas e no momento estudava espanhol na Biblioteca BECEI Paraisópolis, na Rua Rudolf Lotze.

- Eu já tenho inglês, hoje em dia eles pedem línguas no currículo.

Enquanto tomo café, ela diz ter estudado alemão por um ano, com bolsa, no Colégio Porto Seguro.

- Vinham uns professores de fora dar aula pra gente, muitos não sabiam falar português, então ficava complicado. A gente fazia gestos e quem sabia um pouquinho de inglês falava com eles. Aí eu parei o curso. Eu queria voltar, não queria ficar só com um pouquinho disto ou daquilo. Mas eu vou fazer cursinho para Arquitetura de novo. O duro é que eu tenho amigos que fazem cursinho há quatro anos e não conseguem passar. Eu queria a FAU, mas sei que é muito difícil.

Ana mostrou-se interessada em conversar, falar de sua vida. Contou-me que, por um tempo, ela e o namorado tiveram uma escolinha de inglês para crianças pequenas, mas não conseguiam controlá-los.

- *Quando eu via eles estavam em cima de mim, chamando “tia, tia”. Eu queria fazer algo aqui, mas às vezes não dá.*

- *Você vai conseguir.*

Despedi-me, nos desejamos boa sorte e eu disse que voltaria.

A jovem descreve seu cotidiano em detalhes, expressa suas angústias e seus desejos para a ouvinte. Ela relata dificuldades em conciliar os projetos pessoais e a vida real.

3.4.7. Ótica HD

Desço a Rua das Jangadas e entro na ótica HD. Quem me recebe é o Sr. Denis, muito simpático. O local é limpo, cheiroso e oferece armações e serviços, como bilhete único e celular.

- *Olá, por favor, o senhor trabalha com acessórios?*

- *Vamos ver...*

Mostrei-lhe meus óculos antigos.

- *Tá bem velho. Você gosta mesmo deles né?*

- *Sim, ele é bem antigo.*

Denis puxa um frasco cheio de pininhos minúsculos. Ele insiste e testa três, quatro, cinco. A armação antiga resiste. Meio sem graça digo:

- *E seu Denis, estou dando trabalho pro senhor.*

E ele diz:

- *Nesta vida tudo é trabalho, né? E você não tem como fazer isso em casa, tem que ter o equipamento.*

Denis tenta mais um parafuso.

- *Eu vou conseguir, você tá com muita pressa?*

No período em que lá estive três rapazes entraram pedindo que ele creditasse dez reais no bilhete único. Lá fora o som é puro forró. Ele tenta, mas o parafuso não fica.

- *É, Luciana, acho melhor você tentar com uma cola, pois o parafuso gira, não engendra.*

Denis não me deixou pagar. Agradei e me despedi.

O narrador procura oferecer algo de seu ofício. Aos poucos, vai conhecendo um pouco mais da interlocutora. O tempo todo ele se submete à conversação, situação muito diferente da correria da cidade. O narrador oferece seu tempo e utiliza a fala como ação.

3.4.7. Lixo

No final da Rua das Jangadas, junto com a Rua Laerte Setúbal, há uma cena desoladora: um terreno dominado pelo lixo a céu aberto. Havia quatro containers azuis e um enorme cartaz: “Atenção. Não jogue entulho. Amarre o saco de lixo e jogue dentro da caçamba. Colabore. A vizinhança agradece”. Observo e um dos moradores comenta:

- *Essa faixa e nada é a mesma coisa!*

Ao meu lado, um jovem de uns vinte anos recolhe garrafas *pet* em estado razoável. Sereno e simpático, um olhar ao longe. Seu nome, Wellington.

- *Oi, você trabalha com reciclagem aqui na Paraisópolis?*

- *É, eu já faço faz tempo... Tem duas recicladoras aqui, a do Ivan e a do Benjamim –* apontou o local rua acima.

- *É, hoje em dia dá pra reciclar quase tudo.*

O jovem reciclador dividiu as informações com uma estranha. Ele poderia ter guardado a informação só para si, mas não o fez.

3.4.8. Padaria São Joaquim 2 – próxima à Rua Nova

Próximo à viela do Luiz, em frente à padaria São Joaquim, do outro lado, há um imenso lixão, do tamanho de uma quadra poliesportiva. Há entulho, sacos, pedaços de madeira, móveis velhos. Parece um cenário de guerra. Entro na padaria São Joaquim, perto da Rua Maranhão. Um homem executa obras, com um ruído ensurdecedor de serra. Ele não está protegido (olhos, ouvidos, braços), nem identificado.

Pedi um café no balcão. Um adolescente, que é o atendente, está com quatro amigos. Deu-me o café coado e adoçado. Fui ao balcão de pães e pedi café e uns biscoitos. A responsável (dona?) da padaria veio me atender e pediu desculpas, pois estavam reformando. Pesou os biscoitos.

- Desculpa, eu tô ficando quase louca. Vai dar umas cem gramas, tudo bem? Sai R\$ 2,50.

Peguei os biscoitos num pacotinho e fui sentar nas mesinhas no lado de fora. A mulher limpava as mesas.

- Tá vendo essa poeira? A prefeitura demoliu e o povo ainda pensa que é lixão!

Ouvi uma conversa. Os garotos tinham ido embora e um deles não pagou. A mulher jovem e durona disse ao rapaz:

- Se o garoto não pagou, vai sair da tua conta, tá?

O rapaz mobilizou os outros colegas para achar o tal “devedor”.

Nesta situação encontra-se uma mulher, que utiliza a fala para impor-se num ambiente desordenado. Ao mesmo tempo, ela consegue mostrar-se acessível e gentil com as pessoas que entram em seu estabelecimento.

3.4.9. Na Rua Nova – em frente à pista de *skate*

Começo a conversar com a dona Neta. Ela está olhando o filho menor, Hércules. O garoto jogava bola com outros meninos, quando a bola caiu no córrego. As crianças saíram em disparada atrás do brinquedo. As águas sujas do córrego levaram a bola embora. Hércules chora de ódio, grita, não se conforma. Dona Neta tenta consolar o filho:

- Eu vou comprar outra bola mais pesada pra você.

Ele continua chorando e faz movimentos de não com a cabeça, enquanto as lágrimas escorrem. Aos poucos vai brincar com outros garotos. Ele entra na viela onde moram, ao lado do lava rápido, e sai com outra bola. Dona Neta olha os filhos brincarem: Naná de quatorze anos, Hércules de quatro. A Naná está conversando com as amigas. O córrego cheira mal. Há vegetação e grades que o separam. Os meninos dominam a cena: andam de bicicleta, que é compartilhada por vários deles, andam de *skate* e pulam do alto da pista.

Dona Neta me conta:

- Vinha gente de outros lugares passar o domingo aqui. As crianças vinham arrumadas andar de bicicleta. Tinha pipoca, elas corriam e jogavam bola. Aí puseram a pista de skate e construíram... O pessoal foi lá no Gilson (líder da comunidade) reclamar. Eles cortaram a árvore e ocuparam. Hoje tá assim, largado, o povo não cuida. Meu irmão, que é de Mogi das Cruzes, diz para eu sair daqui. Ele diz: “Neta, você com duas crianças o que tá fazendo aí?”.

O local está em péssimo estado de conservação e nem parece que houve um jardim algum dia. Nas obras da prefeitura, os vizinhos jogam lixo.

- Na minha época não era assim não. Hoje a molecada faz o que quer. Às vezes as meninas vêm buscar a minha filha em casa e é difícil, pois ela tá na idade de não querer mais sair com a gente. Não quer ir à pizzaria, em lugar nenhum, só a turma dela. Eu receio as más companhias.

Em frente à pista de *skate* quatro garotas fumam e conversam. Aqui não há lazer para meninas: elas circulam, conversando em grupinhos.

- Tudo mudou. Hoje os pais não conseguem controlar e os filhos não respeitam.

Essa situação, tão rica e espontânea, apresenta uma mulher que relata dificuldades cotidianas, realiza comparações e expressa sentimentos. Ela apresenta uma gama de observações, sendo que um tema é recorrente: a degradação do meio em que vive e as dificuldades de relacionamento entre gerações.

3.4.10. Sr Joaquim

Vou ao sapateiro Sr. Joaquim, que tem uma banca na Rua Melquior Giola.

Joaquim conta que veio de Alfenas, Minas Gerais e tem a barraca há seis meses. Diz que tem uma filha, Luciana, que está na Paraíba. Com ele trabalha o Sr. José. Enquanto converso com Joaquim, um jovem surge e pergunta ao Sr. José quanto sai para colar um tênis. José explica que terá que retirar a sola e colar tudo de novo. Noto que existem muitos saquinhos com sapatos por ali, amontoados. Decido mostrar meu par preto.

- Aqui está o velho companheiro de guerra.

- E você, tem um velho companheiro de guerra na vida? – ele ri bastante – cê fico até vermelha.

...

- O par de sapatos está sem saltinho – Joaquim observa – Luciana, vou ter que igualar o salto e por outro.

Ele me mostra o desnível dos dois.

- Luciana, Luciana... Você chama Luciana por causa da música? Eu acho que sim, porque a música é de 67, ano da minha Luciana... Ela só liga para me pedir dinheiro, mas nessa idade ela já tem que ter juízo, né?

Combino de buscar o sapato em uma hora.

...

No centro, o vendedor Severino tem músicas em MP3 piratas (108 ao todo). Ele toca Cristiano Neves, cantor muito conhecido ali. “Fale mal ou bem de mim”. Vou buscar meu par de sapatos e encontro seu Joaquim almoçando ali mesmo:

- *Vamos almoçar?* – me ofereceu a marmita.

Agradei mas recusei.

- *Cê vem daqui uma meia hora?*

Dei uma volta e visitei lojas de artesanato: todo tipo de trabalho manual, sobretudo em crochê. O vendedor me disse que ele trazia de Minas. Voltei e Joaquim me mostrou o serviço:

- *Olha aqui, Luciana, eu tenho que ponhá a cola desse jeito e os pregos, tá vendo?*

Joaquim colocou a cola nas duas superfícies e um prego fino em cada extremidade. Pintou a sola.

- *Tá acabando* – aparou o salto numa espécie de roca.

O serviço ficou impecável. Agradei e me despedi.

O narrador usa muitas referências pessoais e faz perguntas para obter informações do ouvinte e aproximar-se deste. É um bom narrador, que aproveita os ganchos da conversação para mantê-la. Utiliza a fala nas ações, sedução e ironias.

3.4.11. Joabe

Na entrada de um bar, na Rua Pasquale Galuppi, um menino brincava com uma gata siamesa.

- *Oi tia, vou chamar o meu pai.*

- *Olá, eu vi o cartaz. O senhor tem cupuaçu?*

- *É... Tem de cinco, sete e dez.*

Pedi o de cinco.

- *É difícil encontrar cupuaçu, né?*

- *É, por aqui só eu que tenho, mas não sai muito não, então eu acabo tomando e fico viciado nisso – dá risada.*

Ele se chama Joabe e tem um filho de três anos. A casa, que vende cupuaçu, açaí e sorvete, dá na cozinha onde ele prepara um café de coador. A mãe de Joabe está no cômodo de trás. O menino entra. Joabe é muito educado e gentil, gosta de conversar.

- *Você trabalha por aqui?*

- *Não, eu vou no CEU.*

- *E lá é bom, você sabe? Eu achei o espaço muito bom, mas quanto à escola uns falam que é boa e outros que não.*

Joabe contou que tinha muitas dificuldades para encontrar uma pré-escola para o filho, ele e a esposa trabalhavam.

- *Eu pus ele numa escolinha por uma semana e à noite ele contou que a tia brincava de fazer dormir, de fechar o olhinho. Outro dia, eu testei e perguntei o que ele levou na lancheira e ela disse outra coisa e, quando fui buscar ele na escola, a professora me entregou outra criança. Levei um susto! Aí eu tirei ele da escola e pedi o dinheiro de volta. E se acontece alguma coisa? E se a criança fica com um trauma pro resto da vida? Como vai saber? Se é pra dormir, ele dorme em casa, é por isso que eu preciso saber, né? É difícil achar uma escola boa. Minha mãe é professora aposentada, imagine...*

O narrador descreve suas dificuldades e realiza questionamentos ao conversar sobre um problema, enquanto relata e recorda fatos difíceis do cotidiano, ele realiza auto-questionamentos; o relato mostra um homem muito presente em seu papel de pai.

3.4.12. Sr. José Maria

Desço no ponto final, na Rua Silveira Sampaio, pego o caminho à direita, onde se localiza uma área verde, quase intocada, uma das poucas de Paraisópolis. O cheiro é agradável, de mato molhado. Ali perto as casas são boas, de alvenaria, bem construídas,

lembra uma cidade “de interior”. Há placas ali: “Programa de urbanização de favelas, lote 11”. Ao lado, uma cancela e dois homens estão sentados. Disse:

- Acho que estou meio perdida, eu posso passar por aqui para cortar caminho?

Não houve resistência e entrei. Sigo em frente e vejo, à minha esquerda, os conjuntos habitacionais vazios e à direita alguns outros já ocupados. A mata em torno está degradada, mas há bastante “verde”. Escuto besouros e vejo algumas plantas pouco comuns, arbustos folhosos, o cheiro de mato continua. Observo à direita uma escada, pego o caminho dos prédios vazios recém-construídos e vejo um edifício que parece ser uma escola ou creche, novinho em folha. O que impressiona nesta região é que tudo está vazio, um contraste com outras áreas da comunidade sempre “cheias de gente”, circulando sempre. Há prédios laranja, verde e um canteiro de obras para onde se dirigem os trabalhadores, em uniformes azuis. Tudo é muito organizado e sinalizado. Cães vagam por ali. Há montes de barro e barrancos.

Do alto de um deles um homem de meia idade se aproxima, em seu uniforme azul. Reconheço que ele trabalha na obra.

- A senhora se perdeu, né? Vai ali naquela escada de madeira – indica com o braço a esquerda.

Enquanto subo a improvisada escada da obra ele se aproxima, junto com dois cachorros vira-latas, que não param de pular nele.

- Oi, eu sou o Zé Maria.

Seu Zé Maria trabalha há anos nas construções de Paraisópolis. Ele me mostra os prédios novos.

- Tá vendo isto aqui? Custa cinco mil o metro quadrado. Aquilo vai ser uma loja e vão fazer uma avenida enorme até ali na ponta – diz tudo apontando as obras.

...

- Pena que o povo não cuida, senão iria drobá o valor de tudo, se eles não quebrassem as grades e cuidassem ia valer muito mais. O problema é que mudar a cabeça do ser humano é muito difícil, né? A favela tá deixando de se favela e virando um bairro, né?

Os cães não paravam de rondá-lo.

- *Eu vejo que o senhor tá bem acompanhado – dei risada.*

- *É, então, a gente dá comida e eles ficam atrás da gente. Vê se você vem outro dia, Luciana, e eu te mostro mais daqui os lugares.*

O narrador aproveitou a presença de um ouvinte para expor suas ideias, discorrer sobre o ambiente em que vive e trabalha e tecer considerações sobre o futuro daquela região. Realizou críticas generalizadas e finalizou a conversação, convidando a ouvinte a participar mais uma vez deste diálogo. Um narrador vivido e questionador.

PARTE D. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Há oitenta anos Paraisópolis permanece no imaginário e no cotidiano da cidade de São Paulo: nos letreiros dos ônibus e peruas, em livros, jornais, revistas, mapas, nos arquivos públicos e no espaço virtual.

Ao entrar na comunidade o pedestre caminha ao lado de bicicletas, motos e carros. Caminhar por quê? Caminhar não é apenas um ato físico, envolve toda a gama de apropriações do sistema topográfico pelo pedestre. Pode-se comparar a caminhada à fala: enquanto uma é a realização espacial do lugar, a outra é uma realização sonora da língua. Caminhar e falar são atos e possibilitam interações.

O andarilho se coloca como descobridor, depara-se com situações e pessoas inesperadas que de maneira imperceptível modifica a consciência de si e do mundo.

No percurso há o desconforto da falta de árvores e de praças públicas, as calçadas são irregulares, animais vagueiam sozinhos, crianças correm e andam de bicicleta. Nos muros e paredes, as cores saltam aos olhos misturadas as formas das construções diferenciadas. Os modos de morar, frutos da necessidade e da falta de recursos despertam os olhares curiosos pela engenhosidade imperfeita. Outras surpresas se revelam: as preferências musicais ressoam de dentro de carros e casas, as falas, risadas e chamamentos das mulheres brotam nas esquinas. Aos poucos as vielas ocultas ao viajante se revelam, seus nomes relembram a magia das cidades invisíveis de Calvino.

Ao sentir, ouvir, ver, descrever e analisar as informações, muitos temas foram recorrentes. Cabe lembrar que a pesquisa envolveu descrições detalhadas do trabalho de campo(presentes na parte B), a realização de 120 imagens e registro de 12 relatos orais de moradores (presentes na parte C).

Observou-se que as vagas em **creches e escolas maternas** são insuficientes para a comunidade. Os **jovens** conciliam diversas responsabilidades: estudos, trabalho e cuidado de crianças. A **educação** é um ponto vulnerável para crianças e adultos da comunidade. Os **espaços verdes** são insuficientes, insalubres e tem pouca iluminação; **os espaços de lazer e prática esportiva** são insuficientes, precários, mal conservados (há a presença de resíduos); **vielas e ruas** têm insolação insuficiente e são utilizadas para depositar resíduos domésticos,

móveis e estender varais. A **coleta de resíduos sólidos** é deficiente. O **comércio** e a **construção civil** figuram como as principais atividades econômicas. Há **manifestações culturais locais** (música, entretenimento e gastronomia). Alguns **ofícios** predominam: costureiras, sapateiros, marceneiros, cabeleireiras. Os moradores utilizam todos os recursos disponíveis para a **comunicação** de suas necessidades (fala, escrita, sonoridades ,desenhos e cores).

Desta forma, pode-se afirmar que a comunidade se mostra na fala de seus moradores e nas inúmeras manifestações encontradas nos espaços públicos.

A comunicação encontrada é glocalizada. Existem afinidades entre as descrições realizadas no trabalho de campo, nas 120 imagens realizadas, e nas 15 analisadas e nos 12 relatos orais dos moradores de Paraisópolis.

Numa perspectiva futura, imagina-se muitas ações que trariam benefícios à comunidade: a ampliação do número de creches e escolas maternas; a ampliação e manutenção de espaços verdes e de lazer; a criação de postos de trabalho como: recicladores, educadores, jardineiros, agentes de saúde; o reaproveitamento dos resíduos orgânicos transformados em adubo, o reaproveitamento de materiais reciclados, a inclusão da história de Paraisópolis como parte da grade curricular das escolas do bairro e o uso dos meios de comunicação comunitários na preservação da memória da comunidade.

Entendo que o principal desafio de Paraisópolis é unir o desenvolvimento econômico à ressignificação da comunidade como lugar, resgatando sua história, sua contribuição ao desenvolvimento da cidade de São Paulo, e revalorizando seus espaços públicos. A comunidade apresenta dificuldades cotidianas similares aos muitos bairros das grandes cidades globais.

O bairro é uma parte dinâmica da cidade e como tal apresenta oposições: entrada/saída, casa/trabalho, ele delimita a relação de um indivíduo com o mundo físico e social. Para CERTEAU (2009) é o "lugar onde se manifesta o engajamento social, uma arte de conviver com parceiros, (vizinhos, comerciantes), que estão ligados pelo fato concreto mais essencial, da proximidade e da repetição". Nesta contingência, ações complexas são necessárias para contemplar os multitos aspectos que os programas de reurbanização não comportam. Neste sentido MORIN (2007) comenta:

Quanto mais uma sociedade é complexa, menos são rígidos ou coercitivos os limites que pesam sobre os indivíduos e grupo, de maneira que o conjunto social pode beneficiar-se de estratégias, iniciativas, invenções ou criações individuais. Mas o excesso de complexidade destrói os limites, flexibiliza o laço social e, no extremo, a própria complexidade dilui-se na desordem. Nessas condições, a única proteção de alta complexidade está na solidariedade vivida, interiorizada em cada um dos membros da sociedade. Uma sociedade de alta complexidade deveria garantir a sua coesão não somente por meio de leis justas mas também pela responsabilidade, solidariedade, inteligência, iniciativa, consciência de seus cidadãos. Quanto mais a sociedade se complexificar, mais ela necessitará de auto-ética. MORIN (2007, p. 148)

A cidade de São Paulo reina na velocidade e na desconstrução e Paraisópolis segue seus passos. Entendo que o esforço dos atores sociais pode reverter esse processo aparentemente inevitável e, longe de ser um espaço de exclusão, a comunidade pode oferecer novas leituras da realidade. Paraisópolis mostra que a diversidade é um caminho para a integração e a tolerância, que a comunicação de seus moradores é intensa e múltipla. A cidade de São Paulo só poderá resgatar seu humanismo quando reconhecer a particularidade de seus lugares.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAHÃO, Sergio Luís. **Espaço público - do urbano ao político**. São Paulo: Annablume, 2008.

ABRAMO, Pedro (Org.). **Favela e mercado informal - a nova porta de entrada dos pobres nas cidades brasileiras**. Porto Alegre: ANTAC, 2009, coleção habitare, vol. 10.

AILA - Aliança Internacional do Animal

Disponível em: <http://www.aila.org.br/campanhas/>. Acesso em 06 out. 2012.

ALMEIDA, Ronaldo; DANDREA, Tiarajú; LUCCA, Daniel. Situações periféricas - etnografia comparada de pobreza urbanas. In: **Novos estudos**, v. 82, p. 109-130, nov. 2008.

AmbienteBrasil - portal ambiental

Disponível em: http://ambientes.ambientebrasil.com.br/urbano/arborizacao_urbana/ Acesso em 30 jul. 2012.

AMORIM, Anália; OTERO, Rubens (Orgs.). Paraisópolis - plano de desenvolvimento. In: **Habitação e cidade- curso de pós graduação lato sensu**, Escola da cidade, São Paulo: Hedra, 2010.

ARANHA, Carmen. **O projeto desperta galera - conhecimento em artes visuais na comunidade de Paraisópolis**, São Paulo, Programa de Pós graduação Interunidades em Estética e História da Arte, Universidade de São Paulo, monografia.

ARISTÓTELES; CICERO. **A poética Clássica**, 12ª edição. São Paulo: Cultrix, 2005.

AVANCINI, Atílio. **Entre gueixas e samurais**. São Paulo: Imprensa Oficial, 2008.

BACHELARD, Gaston. **A poética do devaneio**, 3a Ed., São Paulo: Martins Fontes, 2009.

BALTRUSIS, Nelson. **A dinâmica do mercado imobiliário informal na região metropolitana de São Paulo - um estudo de caso nas favelas de Paraisópolis e Nova Conquista**. Campinas, Pontifícia Universidade Católica, 2000, dissertação de mestrado.

_____. **Mercado imobiliário informal em favelas e o processo de estruturação da cidade - um estudo sobre a comercialização de imóveis em favelas, na região metropolitana de São Paulo**. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 2005, tese de doutorado.

BARTHES, Roland. **A câmara clara**. Lisboa: Edições 70, 2010.

_____. **A aventura semiológica**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. **Elementos de semiologia**. 16 Ed., São Paulo: Cultrix, 2006.

BASTOS, GUSTAVO. **Bibliotecas comunitárias em discurso**. Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, 2010, trabalho de conclusão de curso.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política-ensaios sobre literatura e história da cultura**, 7ª ed., São Paulo:Brasiliense, 1994.

_____. **Rua de mão única**. São Paulo:Brasiliense, 1987.

Biblioteca BECEI de Paraisópolis.

Disponível em: <http://www.bibliotecabecei.blogspot.com.br/>. Acesso em 10 mar. 2011.

BOBBIO, Norberto; VARRIALLE, Carmen et al. **Dicionário de política**. 8ed., UnB, 1995.

BOGUS, Lúcia; PASTERNAK, Suzana (Orgs.). **Como anda São Paulo**. Rio de Janeiro: Letra Capital: Observatório das Metrôpoles, 2009.

BOLEN, Jean Shinoda. **As deusas e a mulher - nova psicologia das mulheres**. São Paulo: Paulus, 1990.

BRILLEMBOURG, Alfredo et al. **Informal toolbox - slum lab Paraisópolis - oficina de idéias-urbanização de favela**. São Paulo: Prefeitura do Município de São Paulo, 2008.

BUBER, Martin. **Sobre Comunidade**. São Paulo: Perspectiva, 2008.

CALVINO, Italo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CAMPOS, Claudia Valentina de Arruda. **Por que médico não fica? Satisfação no trabalho e rotatividade dos médicos do Programa de Saúde da Família do Município de São Paulo**. São Paulo, Escola de Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas, 2005, dissertação de mestrado em Administração Pública e Governo.

CASTRO, Letícia Oppido. **Uma análise dos sentidos da não participação para moradores de uma favela em São Paulo nos serviços prestados por organizações do terceiro setor**. São Paulo, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2009, dissertação de mestrado em Psicologia Social.

Cemina - Comunicação, Educação e Informação em Gênero

Disponível em: <http://cemina.org.br/>. Acesso em 14 nov. 2012.

CERTEAU, Michel de. **A cultura no plural**. 5a Ed., Campinas: Papirus, 1995.

_____. **A invenção do cotidiano - artes de fazer**. 16a Ed., Petrópolis: Vozes, 2009.

_____. **A invenção do cotidiano - morar, cozinhar**. 9 a Ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

Companhia City

Disponível em: <http://www.ciacity.com.br/novo/index.php#/presenca/>. Acesso em 01 ago. 2012.

Companhia de Processamento de Dados do Município - PRODAM

Disponível em: <http://www.prefeitura.sp.gov.br/prodam>. Acesso em 30 jun. 2011.

Comunidade de Paraisópolis.

Disponível em: <http://paraisopolis.org/>. Acesso em 10 set. 2009.

CORTINA, Adela. **Cidadãos do mundo - para uma teoria da cidadania**. São Paulo: Loyola, 2005.

CYMBALISTA, Renato. Na metrópole, a infraestrutura subutilizada. **Revista e. out.** 2008. Disponível em: <http://polis.org.br/>. Acesso em 20 mai.2012.

DAVIS, Mike. **Planeta Favela**. São Paulo: Boitempo, 2006.

Departamento do Patrimônio Histórico da Prefeitura da Cidade de São Paulo

Disponível em: http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/patrimonio_historico/ Acesso em: 05 ago. 2011.

Dicionário de ruas.

Disponível em: <http://www.dicionarioderuas.com.br/paginaspublicas/bancodenomes/>. Acesso em 05 mar.2011.

DURAND, Gilbert. **O imaginário - ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem**. 4ª Ed., Rio de Janeiro: DIFEL, 2010.

ECO, Umberto. **Obra aberta - forma e indeterminação nas poéticas contemporâneas**. São Paulo: Perspectiva, 2008.

EcoUrbis Ambiental S.A.

Disponível em: <http://ecourbis.com.br/>. Acesso em 10 jul. 2010

FALCONE, Vanda et al. Atuação multiprofissional e a saúde mental de gestantes. São Paulo: **Revista de Saúde Pública**, 39(4):612-8, 2005.

FILIPINI, R. **Crescimento e desenvolvimento de crianças residentes em uma favela do município de São Paulo**. Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo, 2000, dissertação de mestrado.

FISZBEYN, Giuliana. **Urbanização da Favela de Paraisópolis, região do Grotinho**. Santos, Unisantos, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, 2001, monografia.

FLICK, Uwe. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. 2ª Ed., Porto Alegre: Bookman, 2007

Folha de São Paulo

Disponível em: <http://acervo.folha.com.br/>. Acesso em 25 jan. 2011.

FREITAG, Bárbara. **A cidade dos homens**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2002.

_____. **Teoria da cidade**. Campinas; Papirus, 2006.

Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados - Fundação SEADE

Disponível em: <http://www.seade.gov.br/>. Acesso em 30 jun. 2011.

GOETHE, Johan.W. **Doutrina das cores - apresentação, tradução, seleção e notas de Marco Gianotti**. São Paulo: Nova Alexandria, 1993.

GOHN, Maria da Gloria. Morumbi: o contraditório bairro-região de São Paulo, **Caderno CRH Salvador** v.23, n. 59, p. 267-281, Maio/Ago. 2010.

GRIMBERG, Elisabeth. **Coleta Seletiva com inclusão social - fórum lixo e cidadania na cidade de São Paulo. Experiências e desafios**. São Paulo: Insituto Polis, 2007 (publicações polis, 49). Disponível em: http://www.direitoacidade.org.br/obras/arquivo_257.pdf. Acesso em 10 ago. 2011.

GUIMARÃES, Luciano. **A cor como informação - a construção biofísica, linguística e cultural da simbologia das cores**. 3ª Ed., São Paulo: Annablume, 2000.

HABERMAS, Jurgen. **Mudança estrutural da esfera pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa**. 2ª . Ed .,Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003

HIRAKAWA, Ana; LUCIO, Daniela; RUSCHE, Robson (coords.). **Paraisópolis: o nascimento de uma comunidade**. Universidade Presbiteriana Mackenzie, Instituto de Psicologia, trabalho coletivo, 1991.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. 2ª Ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística- IBGE

Disponível em : <http://www.ibge.gov.br/>. Acesso em 30 jun. 2011.

Instituto Polis

Disponível em: <http://www.polis.org.br/?/institucional/>. Acesso em 01 ago. 2012.

JACOBS, Jane. **Morte e vida das grandes cidades**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem**. Campinas: Papirus,1996.

_____. **La interpretación de La imagen - entre memória, estereótipo y seducción**, Barcelona: Paidós, 2003.

KRISTEVA, JULIA. **História da linguagem**. Lisboa:Edições 70, 2007.

LALANDE, Andre. **Vocabulário técnico e crítico da filosofia**. 3ª Ed., São Paulo: Martins Fontes, 1999.

LIMA, Ivan. **Fotografia é a sua linguagem**. 2ª Ed., Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1985.

LUBENOW, Jorge Adriano. **A categoria da esfera pública em Habermas**. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas. 2007, tese de doutorado.

MARCONDES, Danilo. **Filosofia, linguagem e comunicação**, São Paulo: Cortez, 1992.

MAFFRA, Luciana. **Idéias radiofônicas pelas mulheres da comunidade de Paraisópolis**, São Paulo, Faculdade Cásper Líbero, 2010, monografia.

MELLO, Eduardo. **Adaptabilidade da Escala Alberta em lactentes de risco social**. Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo, 2003, dissertação de mestrado.

MILLER, Jonathan. **As idéias de McLuhan**. São Paulo:UNESP/Edusp, 1973.

MORIN, Edgar. **Amor, poesia, sabedoria**. Lisboa:Instituto Piaget, 1997

_____. **O método 1 - a natureza da natureza**. Porto Alegre: Sulina, 2008

_____. **O método 3 - o conhecimento do conhecimento**. 4ª Ed. Porto Alegre: Sulina, 2008b

_____. **O método 4 - as idéias, habitat, vida costumes e organização**. 4ª Ed., Porto Alegre: Sulina, 2008c.

_____. **O método 6 - ética**. Porto Alegre: Sulina, 2007

NAZÁRIO, Luis. Quadro histórico do pós-modernismo. In: GUINSBURG, J.; BARBOSA, Ana Mae (Orgs.) **O pós-modernismo**. São Paulo: Perspectiva, 2008, p. 23-70.

Observatório das Metrópoles

Disponível em: <http://observatoriodasmetropoles.net/>

"O Estado de São Paulo"

Disponível em: <http://www.estadão.com.br/acervo>. Acesso em 26 jul. 2011.

OLIVEIRA, Herbert Lopes. **As atuações do Estado, da Sociedade Civil e do Terceiro Setor na dinâmica sócioespacial da Favela de Paraisópolis, em São Paulo**, Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas, 2006, dissertação de mestrado.

OLIVEIRA, Tereza. **Atenção materna primária e consulta terapêutica - uma proposta de prevenção comunitária**. Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2008, dissertação de mestrado.

PEDROSA, ISRAEL. **Da cor a cor inexistente**. 10 Ed., São Paulo: SENAC, 2000

PEIXOTO, Nelson Brissac. As imagens e o outro. In: NOVAES, Adauto (org.). **O desejo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990 , p. 471-480.

PERLMAN, Janice. **O mito da marginalidade - favelas e política no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

_____. **Favela - four decades of living on the edge in Rio de Janeiro**. Oxford: Oxford, 2010.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da história - operários, mulheres e prisioneiros**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

Programa Einstein para a Comunidade de Paraisópolis (PECP)

Disponível em: <http://www.einstein.br/responsabilidade-social/Programas-Comunitários/Programa-Einstein-na-Comunidade-Paraisopolis/>. Acesso em 10 ago. 2011.

RIBEIRO, H; OLIVEIRA, M.; ARTEIRO, M. Distribuição das principais causas de internação hospitalar de crianças em favela e no município de São Paulo, como resultado do padrão do uso do solo. **Espaço e Tempo**, São Paulo, (22) p. 112 - 126, 2007.

ROLNIK, Raquel. **Incêndios em favelas de São Paulo - está mais do que na hora de prevenir e investigar**. Disponível em: <http://raquelrolnik.wordpress.com/> Acesso em 05 oct. 2012.

ROMERO, Marcelo; BRUNA, Gilda. **Metrópoles e o desafio urbano frente ao meio ambiente**. São Paulo: Blucher, 2010.

RORTY, Richard. **Contingência, Ironia e solidariedade**. São Paulo: Martins Fontes, 2007, coleção dialética.

SAMPAIO, Leticia Pereira. **Estudo da prevalência de epilepsia em crianças e adolescentes da comunidade de Paraisópolis**. Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, 2009, tese de doutorado.

SANTOS, Jair Ferreira dos. **O que é pós moderno**. São Paulo: Brasiliense, 1986. coleção primeiros passos.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização - do pensamento único à consciência universal**. 19ª Ed., Rio de Janeiro: Record, 2010.

_____. **O espaço do cidadão**. 7ª Ed., São Paulo: Edusp, 2007.

_____. **Pobreza urbana**. São Paulo: Edusp, 2009.

_____. **Técnica, espaço, tempo - globalização e meio técnico-científico-informacional**. 5ª Ed., São Paulo, Edusp, 2008.

SARMENTO, Jose. **Paraisópolis - caminhos de vida e de morte**, São Paulo: Zouk, 2003.

SASSEN, Saskia. **Sociologia da Globalização**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

SAYURI, Juliana; Marsiglia, Ivan. **Mike Davis - antes do dilúvio**. O Estado de S. Paulo, Caderno Aliás, 17 de junho de 2012, p. J3.

SAWAIA, BADER (Org.). **As artimanhas da exclusão - análise psicossocial e ética da desigualdade social**. Petrópolis: Vozes, 2001.

Secretaria Municipal de Habitação

Disponível em: <http://www.prefeitura.sp.gov.br/>. Acesso em 04 mar. 2011

Secretaria Municipal do Verde e Meio Ambiente

Disponível em: http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/meio_ambiente/. Acesso em 10 ago. 2011.

Disponível em: <http://atlasambiental.prefeitura.sp.gov.br/pagina.php?B=38&id=22>. Acesso em 10 ago. 2011.

SERFATY-GARZON, Perla. **Le chez soi:habitat et intimité**. Disponível em:
<http://www.perlaserfaty.net>. Acesso em 20 mar. 2012.

Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC)

Disponível em:<http://www.sp.senac.br/jsp/>. Acesso em 30 nov. 2012.

SILVA, E. et all. Qualidade do ar na favela de Paraisópolis, SP, e possíveis implicações a saúde. São Paulo, **Revista do Departamento de Geografia**, (18), p. 60-66, 2006.

SILVA, E; RIBEIRO, H. Alterações da temperatura em ambientes externos de favela e desconforto térmico. São Paulo, **Revista de Saúde Pública**, 40(4):663-70, 2006.

SILVA, Elisagela. **Para todas as estações da vida - uma proposta de formação de redes intergeracionais**, São Paulo, Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, 2001, dissertação de mestrado.

SILVERMAN, David. **Um livro bom pequeno e acessível sobre pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Bookman, 2010.

SONTAG, Susan. **Sobre fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

TASCHNER, Susana Pasternak. Um olhar sobre o urbano: políticas públicas em São Paulo. In: SORRENTINO, Marcos (coord.). **Ambientalismo e participação na contemporaneidade**. São Paulo: EDUC/FAPESP, 2001.

TORTA, Paula(org.). **História da cidade de São Paulo - a cidade na primeira metade do século XX 1890-1954**. São Paulo: Paz e Terra, 2004, vol.3.

TOURAINÉ, Alain. **Pensar outramente - o discurso interpretativo dominante**. Petrópolis: Vozes, 2009.

_____. **Igualdade e diversidade - o sujeito democrático**. Bauru, EDUSC, 1998.

UMA onda no ar. Direção de Helvécio Ratton. Brasil, 2002. 1 DVD (92 min.), son., color.

UN-Habitat - Programa das Nações Unidas para os Assentamentos Humanos

Disponível em: <http://www.unhabitat.org/stats/Default.aspx/>. Acesso em 01 ago. 2012

UNAS - Heliópolis

Disponível em:[http: unas.org.br/](http://unas.org.br/). Acesso em 14 nov. 2012.

VALLADARES, Lícia do Prado. **A invenção da favela: do mito de origem à favela.com**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

VILHENA, André (coord.). **Lixo municipal - manual de gerenciamento integrado**. 3ª Ed., São Paulo: CEMPRE, 2010.